

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
TERRITORIALIDADE**

**LUCIANA AQUINO CONCIANZA**

***JUVYY (TESÃI RENDA):*  
LUGARES DE SAÚDE NA COSMOLOGIA KAIOWÁ DE  
PANAMBIZINHO**



Dourados - MS

Março, 2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
TERRITORIALIDADE**

**LUCIANA AQUINO CONCIANZA**

***JUVYY (TESÃI RENDA):***

**LUGARES DE SAÚDE NA COSMOLOGIA KAIOWÁ DE  
PANAMBIZINHO**

Dissertação de mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) para a obtenção do título de mestre em Educação e Territorialidade.

Orientadora: Rosa Sebastiana Colman

Área de concentração: Desenvolvimento e Políticas Públicas

Linha de Pesquisa: Território e Sustentabilidade

Orientadora: Rosa Sebastiana Colman

Dourados - MS

Março, 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C744j Concianza, Luciana Aquino

Juvyy (tesãi renda): lugares de saúde na cosmologia Kaiowá de Panambizinho [recurso eletrônico] / Luciana Aquino Concianza. -- 2024.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Rosa Sebastiana Colman.

Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Territorialidade. 2. Sustentabilidade. 3. Plantas medicinais. 4. Cuidado. I. Colman, Rosa Sebastiana. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado APRESENTADA POR LUCIANA AQUINO CONCIANZA, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS".

Aos quinze dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e quatro, às vinte e uma horas e três minutos, em sessão pública, realizou-se na Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Dissertação de Mestrado intitulada "**JUVYY (TESAÍ RENDA): LUGARES DE SAÚDE NA COSMOLOGIA KAIOWÁ DE PANAMBIZINHO**", apresentada pela mestranda Luciana Aquino Concianza, do Programa de Pós-graduação em Educação e Territorialidade, à Banca Examinadora constituída pelos membros: Prof. Dr.ª Rosa Sebastiana Colman/UFGD (presidente/orientador), Prof. Dr. Manuel Munhoz Caleiro/UEMS (membro titular interno), Prof.ª Dr.ª Aline Castilho Crespe Lutti/UFGD (membro titular externo). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer à candidata e aos integrantes da banca as normas a serem observadas na apresentação da Dissertação. Após a candidata ter apresentado a sua Dissertação, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições. Terminada a Defesa, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada Aprovada. A Presidente da Banca atesta a participação do membro que esteve presente de forma remota, conforme declaração anexa. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Dourados/MS, 15 de março de 2024.

Documento assinado digitalmente  
gov.br  
ROSA SEBASTIANA COLMAN  
Data: 15/03/2024 18:02:53-03:00  
Verifique em <https://validar.fg.gov.br>

Prof. Dr.ª Rosa Sebastiana Colman  
Presidente/Orientador

Documento assinado digitalmente  
gov.br  
MANUEL MUNHOZ CALEIRO  
Data: 15/03/2024 18:05:31-03:00  
Verifique em <https://validar.fg.gov.br>

Prof. Dr. Manuel Munhoz Caleiro  
Membro Titular Interno  
(Participação Remota)

Documento assinado digitalmente  
gov.br  
ALINE CASTILHO CRESPE LUTTI  
Data: 15/03/2024 18:03:28-03:00  
Verifique em <https://validar.fg.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Aline Castilho Crespe Lutti  
Membro Titular Externo

(PARA USO EXCLUSIVO DA PROPP)

ATA HOMOLOGADA EM: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_, PELA PROPP/ UFGD.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho, a partir do etnoconhecimento, é de compreender e catalogar as plantas medicinais do território em que vivem os Kaiowá. Esta pesquisa é realizada na Terra Indígena de Panambizinho Yvy Akandire, a 17 km do município de Dourados, Mato Grosso do Sul. Essa área demarcada, de 1.272 hectares, foi reconhecida pelo governo federal em 2004. O *tekoha* Panambizinho é um território de Ka'aguyrusu Yvy Akandire, ocupado predominantemente por população da etnia Kaiowá. O *tekoha* é o local em que as famílias Kaiowá vivem: é um espaço onde a comunidade resiste, fortalecendo a sua língua materna e seu modo de ser tradicional, dentro de suas histórias e saberes de realidades; é uma cultura rica de convivência entre os seres e o bem viver dos Kaiowá. Neste *tekoha*, onde os Kaiowá vêm sofrendo desde o início da colonização as explorações do meio ambiente, residem muitas famílias tradicionais que praticam vivências através da tradição e história. A população do *tekoha* Panambizinho é de 381 pessoas, que permanecem ainda em seu modo de ser de origem, valorizando as práticas religiosas como o batismo do milho branco, o canto, a dança *guaxiré*, a reza *nhembo'e*, o batismo de crianças e as rezas para as fases da menina-moça e do menino, o *kunumi pepy*. Através de muitas histórias, Panambizinho e seus habitantes buscam a resistência dos espaços do *juvy* (brejo), que são lugares de saúde, porque esse é um território sagrado que mantém vivos todos os seres guardiões - *járy*. Segui a metodologia de conversar com algumas mulheres da minha parentela para compreender melhor sobre a importância do *juvy* e me deixei guiar pelos sonhos que tive durante a elaboração da proposta de pesquisa. O brejo ou *juvy* também foi um espaço de pesquisa, como um laboratório que reúne plantas e seres espirituais que se deixaram pesquisar e se mostrar para que eu pudesse compreender mais e, assim, além de conhecer, preservar e recuperar novamente o espaço.

**Palavras-chave:** Territorialidade, Sustentabilidade, Plantas medicinais, Cuidado.

## ABSTRACT

The main aim of the research is to understand and label the medicinal plants at the territory which the Kaiowá people live, departing from an ethnoknowledge perspective. Specifically, the research is developed at the indigenous land Panambizinho Yvy Akandire, 17 km away from the Dourados city, at the Mato Grosso do Sul state (Brazil). This territory was recognized as a delimited indigenous land by the federal government in 2004. The Panambizinho *tekoha* is predominantly inhabited by the Kaiowá people. The *tekoha* is the place wherein the Kaiowá family live: this is the space where the community resists through the strengthening of the native language and the traditional livelihood in a context of a rich culture of living creatures and the Kaiowá wellbeing. Within this territory, the Kaiowá people have been suffering violences since the beginning of colonization, such as the exploitation of the environment. However, in the territory different traditional families practice their tradition and histories. The population at the *tekoha* Panambizinho counts on 381 people that remain in their original livelihood, valuing religious traditional practices such as the baptism of the white corn, the singing, the *guaxiré* dancing, the *nhembo'e* pray, the baptism of the young non-married girl and the boy (*kunumi pepy* for the latter). Through different histories, Panambizinho and its inhabitants resist at the *juvyy* (swamp) space: these are places of health, because this is a sacred territory that keeps alive all the guardians – *járy*. The methodology for this research includes personal talks with some women from my kindred to understand better the relevance of the *juvyy* and I was also guided by the dreams I had along the research proposal. The swamp or *juvyy* is also a space of research, as a laboratory that brings together plants and spiritual creatures that allow the research. Therefore, these creatures paved the way to understand, know and preserve the environment.

**Keywords:** Territory, Sustainability, Medicinal plants, Care.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Minha trajetória acadêmica .....	7
1.2 Os caminhos da pesquisa.....	22
1.3 <i>Tekoha</i> Panambizinho Yvy Akandire e o contexto da pesquisa .....	28
2. <i>JUVYY</i> COMO ESPAÇO SAGRADO NA COSMOLOGIA KAIOWÁ DE PANAMBIZINHO - YVY AKANDIRE.....	43
2.1 O <i>juvyy</i> de Panambizinho .....	43
2.2 Narrativas e cosmologia do <i>juvyy</i> .....	65
3. <i>JUVYY</i> COMO LUGAR DE SAÚDE, <i>TESÃI RENDA</i> .....	70
3.1 Diversidades encontradas neste espaço e sua utilização medicinal: <i>juvyy (tesãĩ renda)</i> , lugares de saúde na cosmologia Kaiowá de Panambizinho .....	70
3.2 As plantas medicinais que os Kaiowá utilizam para a saúde das pessoas Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire .....	72
3.3 Sobre as plantas medicinais.....	102
4. OUTROS LUGARES DE SAÚDE DA PANAMBIZINHO.....	104
4.1 Yju Mirĩ, Yhũ e Xiru Karai .....	104
4.2 Outros lugares de saúde que ainda estão preservados.....	109
4.3 Saberes e conhecimento tradicionais.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	120
REFERÊNCIAS.....	125

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Minha trajetória acadêmica

Meu nome é Luciana Aquino Concianza. Tenho 32 anos e nasci no dia 9 de novembro de 1990. Sou mãe solo de duas filhas: Beatriz, de 14 anos, e Blenda, de 8 anos. Sou da etnia Kaiowá, da aldeia Panambizinho. Meu nome indígena é Ka'aguy Kunhã Poty Rory. Sou filha caçula dos caciques, mestres e anciãos Nelson Concianza e Rozalina Aquino. Eu vim de uma das famílias Kaiowá dos mestres anciãos e xamãs rezadores: sou neta do grande mestre rezador Lauro Concianza e de Alice Pedro, que são meus avós paternos; Paulito Aquino e Balbina Francisca, que são meus avós maternos; e sou bisneta do cacique xamã Pa'i Chiquito Pedro.

Em Panambizinho, desde que nasci, cresci e aprendi muitos conhecimentos e histórias do meu povo Kaiowá, junto com meus pais e meus avós. Minhas famílias, desde há muito tempo, vieram mantendo as culturas tradicionais e cultivando a sustentabilidade natural. Nasci na antiga área de 60 hectares que, à época, era chamada de Panambi e lá eu vivi com meus pais e com uma pequena comunidade da etnia Kaiowá. Quando completei seis anos de idade, minha mãe já me colocou para frequentar e estudar na escola. A antiga escola era extensão da Escola Municipal Tengatui Marangatu. Era construída de madeira e lá eu estudei pela primeira vez. Meus antigos professores eram Vânia e Izaque, que são da Missão Kaiowá.

Quando iniciei a estudar nessa escolinha, eu aprendi a ler uma antiga cartilha chamada *Tapiti opopo*. Essa cartilha era escrita e produzida na língua kaiowá, na Missão Kaiowá. A primeira vez que eu aprendi a ler foi nessa cartilha, em kaiowá. Nesse início do meu estudo da escola, descobri que tinha um problema de saúde desde criança. Ninguém sabia o que era, então meus pais tiveram que procurar o postinho – que era, na época, de madeira. Tinha o enfermeiro indígena atendendo lá e ele teve que me encaminhar para o Hospital da Missão. Desde então, descobriu que eu estava com tuberculose. Naquele tempo, eu não sabia que essa doença causava problemas de saúde e nem cheguei a me preocupar com isso.

A dificuldade da saúde já era então maior para a comunidade. Na época da terra de 60 hectares, poucas pessoas viviam na comunidade e a Fundação Nacional do

Índio - hoje dos povos indígenas (FUNAI) - já atendia a partir do antigo município de Douradina, Aldeia Lagoa Rica, também o Panambi. Foi construída uma casinha de madeira na qual a comunidade seria atendida para fazer reuniões e usar como o posto de saúde, além de realizar outras atividades, como o culto da igreja da Missão, e para emergências também.

Foi nesse postinho de madeira que um indígena Terena veio para ajudar o povo Kaiowá. Era um enfermeiro que veio da Missão Kaiowá e atendia a comunidade. O nome dele era Delclídio. Ele morava nesse postinho de madeira, com a intenção de ajudar a comunidade. Esse enfermeiro era o único que realmente passava remédio para o povo e, se o caso fosse emergência, ele transferia para o Hospital da Missão Kaiowá. Portanto, ele me encaminhou para o Hospital da Missão, onde fiquei internada mais de seis meses no antigo centrinho que ficava pertinho do Hospital.

Como eu era muito criança nessa época, não sabia o que estava acontecendo comigo. Fiquei por lá quase um ano. Eu até cheguei a estudar na Escola Francisco Meirelles, na antiga 1ª série. Como eu era falante da língua materna e paciente do Hospital, eu sofria muito preconceito nessa escola: me judiavam muito, devido ao fato que eu não sabia falar em português. Eu ia cedo para a escola e voltava depois ao hospital, onde eu estava internada. O tempo foi passando: fiquei lá por muito tempo e quase não conseguia ver meus pais. Eu chorava muito, pois a solidão tomava conta de mim. Só estavam os outros pacientes comigo, internados também; eram adultos e crianças. Lá no hospital, os profissionais da saúde me medicavam de manhã e à noite. Mesmo que eu sofresse preconceitos, continuava a estudar. Nessa época, não cheguei a compreender o racismo.

Mas o tempo foi passando. Enfim, depois de muito tempo internada, eu voltei para a casa dos meus pais. Talvez seja porque eu tenha voltado curada, mas eu ficava muito feliz de voltar para minha casa e escolinha de madeira. Depois de passar por essa situação e longo período internada no hospital, passei a reconhecer os problemas das realidades da saúde dentro da comunidade dos Kaiowá.

Desta forma, após muito tempo internada, voltei a estudar na minha escolinha. Com o tempo, a Missão Kaiowá construiu mais outra casinha de madeira. Era para ser utilizada como igreja, mas ao mesmo tempo foi utilizada como escolinha. Durante os meus estudos nessa época da escolinha de madeira, nunca estive em boas condições em

relação ao material escolar: eu tinha apenas um caderninho, lápis e borracha. Minha mochila era uma sacolinha de arroz, que eu usei até a antiga 4ª série. Nunca tive roupa boa e calçados, mas eu nunca cheguei a reclamar para os meus pais. Portanto, estudei até a antiga 4ª série em uma escolinha feita de madeira.

Depois de muito tempo, a comunidade Kaiowá buscou melhorias na educação escolar e saúde, depois de muita luta. O prefeito, nessa época, era Braz Melo (Antonio Braz Genelhu de Melo), que conseguiu um recurso de construção de uma escola com apenas duas salas. Quando chegou esse recurso eu já estava estudando na antiga 5ª série. Nessa época, na área de 60 hectares, o povo Kaiowá não sabia dos diferentes problemas da saúde que vinham afetando a comunidade, que incluíam algumas doenças raras e outras comuns, como tuberculose, bronquite e outras doenças graves. Meus pais falaram para mim que, nessa época, algumas das pessoas não chegaram a acreditar nos remédios farmacêuticos e muitos não queriam ser internados e medicados. Antes, não tinha ainda o posto de madeira e, por isso, as pessoas se acostumavam a não se preocupar muito com a saúde. Muitos, com o tempo, morreram jovens, pois muitos Kaiowá achavam que as doenças causadas são naturais e que não vão matar os seres humanos.

Nessa época, meus pais, sendo muito religiosos da cultura tradicional, acreditavam nas plantas medicinais científicas e tradicionais. Na antiga área de 60 hectares eu aprendi a viver essa realidade, junto com meus pais. Meu pai era capitão nesse território, mas também era trabalhador, pescador e caçador. Meus pais sempre acompanhavam meus avós na reza e no batismo e sempre estavam juntos com seu povo, motivando e buscando melhorar os problemas, além de participar na luta para a terra de Panambizinho ser demarcada. Minha mãe era uma senhora que cuidava dos filhos e sempre ajudava meu pai na roça e na pesca. Ela sempre acompanhava também os meus avós na cultura religiosa.

Eu e meus pais morávamos numa casa simples de sapé e meus pais sempre rezavam, faziam suco de milho para festa e se preocupavam com o seu povo, resolvendo problemas familiares e problemas em geral, ocorridos na antiga área de 60 hectares. Eles vieram trabalhando na roça, cultivando as sementes naturais: mandioca, milho branco, milho amarelo, batata, abóbora e banana. Portanto, eu cresci com uma vida simples, conhecendo a realidade da vida. O meu café da manhã era a mandioca assada,

batata assada e suco de milho. Às vezes eu almoçava, às vezes também não. Mas eu amava viver uma vida simples com meus pais.

Nunca tivemos muita comida. Meus avós cultivavam arroz no brejo onde ficava a mina. Minha mãe, quando colhia o arroz, colocava no pilão para socar, tipo triturar. Fazia isso para cozinhar. A carne era rara: só quando meu pai fazia armadilha. A gente comia preá, gambá ou cutia e, às vezes, tatu. Mas meus pais também pescavam, sempre buscando a sobrevivência das suas famílias. Assim, eu fui conhecendo a realidade de uma vida natural.

Quando minhas famílias precisavam de remédios, minha mãe buscava com minhas tias as plantas medicinais. Desde criança, ouvia minha mãe dizendo o nome das plantas medicinais: *ajaka rasy pohã*. Eu a acompanhava, às vezes, quando ela ia para o brejo (*juvyy*) buscar as plantas medicinais. Frequentemente, ela me falava para ter cuidado: às vezes é perigoso entrar no brejo. Daquele momento em diante, eu passei a perceber a dificuldade de buscar as plantas medicinais, pois os brejos (*juvyy*) ficavam na terra onde os antigos colonos moravam. Muitas vezes, os colonos expulsavam as pessoas que entravam no brejo e a dificuldade de pegar as plantas medicinais veio desde a antiga terra de 60 hectares para a comunidade.

Mesmo com a dificuldade de buscar as plantas medicinais assim tão longe - no local onde ficavam os brejos -, meus pais e as pessoas sempre iam até lá. Portanto, eu vim compreendendo a realidade e a situação dos problemas da saúde dentro da comunidade Kaiowá na antiga aldeia de 60 hectares. Nessa época, desde criança, observava e percebia que as pessoas estavam morrendo de suicídio ou de doenças naturais – por exemplo, uma doença dolorida ou maligna sem cura afetava as mulheres e crianças. Como eu era muito criança, não sabia o que estava acontecendo. Só via meus avós rezando nas pessoas doentes: rezando para o tempo, abençoando com o gesto *jehovasa*. Eu sempre acompanhava o que meus avós estavam fazendo a partir do *nhembo'e*: via as mulheres com criança no braço, doente, e meu avô rezando para essa criança. Nessa época, o tempo passava rápido e os problemas de saúde pioravam. As mulheres gestantes, aquelas que acreditavam no remédio tradicional, tomavam os remédios naturais antes e após o parto.

O Hospital da Missão Kaiowá, nessa época, atendia à comunidade de Panambi, mas não existia recurso para ir até o local. As pessoas não morriam apenas de doenças,

mas de suicídios também. Na área de 60 hectares, o povo Kaiowá, a partir do conhecimento tradicional, falava que os suicídios se chamavam de *nhemyrõ*. Meus avós falavam que o tempo estava triste; muitas pessoas perderam sua vida por causa dos problemas emocionais. Principalmente jovens se matavam. Com isso, fui percebendo a maior parte dos problemas da saúde mental e emocional dos seres humanos Kaiowá de Panambizinho, quando a comunidade não teve mais oportunidade de buscar remédios naturais como plantas medicinais no brejo e apenas chegaram a acreditar nos rezadores.

Com o tempo, as famílias Kaiowá foram crescendo e foi aí que a pequena comunidade – depois de muito tempo sofrido na terra de 60 hectares – chegou ao momento de retomar a terra, em 2001. Foi então que começou o conflito pela posse da terra. Nessa data de retomar a terra, eu acompanhei o povo Kaiowá quando eles retomaram, de noite. Como a comunidade era pequena, todos saímos da área anterior para retomar a nossa terra. Só alguns idosos ficaram nos 60 hectares; outros, como homens, mulheres e crianças, entramos de noite. A primeira planta de semente que levamos conosco era a banana e os homens construíram uma barraca. Ficamos de noite lá e de manhã - antes de o sol nascer - o meu pai, como era capitão, reuniu as pessoas incentivando para não correr da barraca e fugir, para ficar ali sem medo. A reza dos Kaiowá é muito forte; eles rezaram uma reza chamada *karai tihã, karai nhemboro 'y*. Essa reza foi feita para ficarmos calmos assim que os colonos chegassem lá perto da barraca e para não reagir com violência. Então, às seis da manhã, ficamos preparados na barraca, porque os colonos iriam chegar.

Nesse período eu tinha dez anos: acompanhei a luta da retomada. De manhã, então, vimos os carros passando e contando para outros. Eles vieram com muitos carros e máquinas de tratores, tentando nos mandar sair dali e nós ficamos ali, sem medo deles. Eles não atiraram em nós em nenhum momento; desde a retomada, ninguém da comunidade morreu. Dentro da retomada, eles não deixaram passar o pessoal da FUNAI. A Polícia Federal nos acompanhou, mas não todos os dias. Nessa época da luta da retomada, somente o agente de saúde tinha um celular, que era da marca Nokia. Desde a retomada, paramos um pouco de estudar, porque os colonos não deixaram passar os professores, que eram Vânia e Izaque; mas, com o tempo, voltamos para a escola.

No momento do conflito pela terra, eu já estava no meu estudo indo para a antiga 5ª série. Como a comunidade estava em conflito, a Escola Dom Aquino Corrêa, da vila do distrito Panambi, não nos aceitou. Isso porque, na antiga área de 60 hectares, não tinha o ensino fundamental. Por esse motivo, tivemos que estudar em outras escolas. Foi aí que a comunidade procurou outras soluções. Chegaram à conclusão, junto com a Secretaria da Educação de Dourados, de nos transferir para a escola da cidade de Dourados. Desta forma, a Escola Municipal Rosa Câmara abriu a porta para nós, indígenas, estudarmos lá. Devido ao conflito, fomos para lá estudar, eu e outros colegas. Estudamos naquela escola por dois anos. Mas, como éramos os únicos indígenas, sofremos muitos preconceitos devido a não termos roupa boa, calçados, mochila e materiais. Assim, sofremos muito e tivemos dificuldades nas disciplinas porque não sabíamos falar em português.

Nessa época, no meu estudo, eu já estava na fase de menina ficar moça. Eu tive que seguir a regra da minha cultura: na escola - na verdade, em nenhum lugar -, não podia mais comer carne. Nessa fase, sofri muito na escola Rosa Câmara: na merenda escolar, se tivesse carne, eu não comia merenda. Com isso, eu sofria preconceito. A minha professora me obrigava a comer merenda, mas eu não podia comer. Então, tive que explicar para a diretora a situação: é a minha cultura. Assim, eles começaram a entender. Mas, quando fiquei mocinha pela primeira vez, eu não fui para a escola: eu fiquei dentro da casa por 4 dias e minha mãe teve que cortar meu cabelo. Depois, fui abençoada por meu avô Lauro Concianza, que fez o *hovasa*. Mas, logo voltei a estudar. Quando voltei para a escola, os alunos riram de mim, zombaram de mim. Mas, eu continuei a estudar nessa escola; não desisti.

Depois de muita luta, a comunidade conseguiu o recurso da construção da escola. Isso foi no ano de 2003. O prefeito, Laerte Tetila, conseguiu o recurso da construção, graças à qual a escola não seria mais extensão da Aldeia Jaguapiru, da escola municipal Tengatui Marangatu. Depois da escola, foram construídas mais salas para os anos iniciais e para os anos finais. A comunidade a registrou com o nome Escola Municipal Pa'i Chiquito Pedro. Depois de muita luta, finalmente a escola foi registrada com o próprio nome dentro da aldeia Panambizinho. Após a inauguração da escola, voltamos a estudar na aldeia novamente. Os professores da educação vieram da cidade para trabalhar na Pa'i Chiquito. Nessa escola, concluí o meu ensino fundamental. A comunidade sempre buscou os recursos para melhorar na educação e saúde e, com o

tempo, a comunidade Kaiowá mais uma vez fez uma demanda, para conseguir o ensino do nível médio na aldeia.

Como no meu tempo ainda não tinha o nível médio na aldeia, depois que concluí o ensino fundamental, tive que estudar na vila, na Escola Dom Aquino Corrêa, pois só lá tinha a escola estadual do ensino do nível médio. Nós não tínhamos ainda o ensino do nível médio na escola Pa'i Chiquito: só lá na vila distrito Panambi havia oportunidade de fazer o ensino médio. Por isso, muitos dos meus colegas desistiram de estudar. Eu tive que enfrentar e estudar lá, com os netos dos colonos, apesar de sofrer muito preconceito. Estudei até o 1º ano do ensino médio. Para mim, a dificuldade era maior e aprendi a não ter medo e enfrentar a realidade da vida.

Mas, com o tempo, a comunidade conseguiu mais uma vez o recurso do estado, pela demanda dos Kaiowá acerca de documentos para o prédio do ensino médio. Com muita luta e desafio, conseguiram apenas uma extensão da Escola Estadual Presidente Getúlio Vargas na Pa'i Chiquito. Com isso, uns poucos voltaram a estudar novamente nos anos do ensino médio. Foi lá nessa extensão que eu concluí o ensino médio. Durante essa caminhada do meu estudo no ensino médio, conheci o pai da minha filha. Ele me abandonou grávida e, por causa da minha gravidez, tive que parar de estudar um ano para cuidar um pouco da minha filha. Depois de um ano, voltei, no 2º ano do nível médio. Nessa ocasião, eu aprendi a compreender e valorizar os meus objetivos. Minha situação não me fez desistir do meu estudo. Mesmo que eu não tivesse condições de sustentar minha filha, não cheguei a desanimar e muito menos a desistir.

O pai da minha filha, após o nascimento dela, não quis reconhecer a filha dele, dizendo que não era dele. Ele viveu se escondendo após o nascimento da filha, porque não quis registrar. Nessa caminhada, eu tive que entrar na justiça para provar para ele que a filha era dele. Eu chegava a procurar por ele e perguntava para as pessoas sobre o seu endereço, porque ele estava sumido. As pessoas que o conheciam e sabiam onde ele morava não quiseram falar o endereço, então escondiam o endereço dele. Então, eu conheci o irmão dele e foi ele quem passou o endereço do pai da minha filha; mas, quando descobri o endereço, ele já estava casado novamente, com uma pessoa menor de idade. Eu só queria mesmo que ele registrasse a filha. Com o tempo, a justiça o encontrou e foi aí que ele reconheceu a filha. Por causa da justiça, ele registrou a filha: depois que denunciei na justiça que ele é o pai biológico da minha filha.

Mesmo com esses problemas a partir dessa minha caminhada de estudo e de me tornar mãe, concluí o ensino médio na aldeia. Em 2012, após a conclusão do nível médio, eu me preparei para o vestibular da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu. Pela primeira vez, entrei no ensino superior. Concorri à vaga por um objetivo de voltar e ajudar o meu povo Kaiowá de Panambizinho. Desde o começo dos meus estudos, escolhi a área das Ciências da Natureza. Entrei nessa graduação com a meta de me desenvolver na área de conhecimento da natureza e do mundo da biodiversidade, cientificamente e tradicionalmente. Durante essa caminhada do estudo da minha graduação, tive várias dificuldades e problemas, mas isso não me fez desistir do Teko Arandu.

Nesse momento da minha trajetória, após 4 anos, o pai da minha primeira filha voltou a me procurar várias vezes. Eu chegava a ignorar quando ele me procurava, pois ele já tinha me feito muito mal, mas ele insistia. Então, pela segunda vez, fiquei grávida dele. Quando fiquei grávida, contei para ele e, dessa vez, ele teve que reconhecer a sua segunda filha. Desde então, passei por várias dificuldades e, apesar das necessidades, eu consegui concluir a minha graduação em 2017 na Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), na área das Ciências da Natureza.

Após a conclusão, fiquei um pouco parada, sem voltar a estudar. Depois de dois anos, em 2020, comecei a escrever o meu novo projeto para tentar entrar no mestrado. Mas, consegui mesmo alcançar esse objetivo só no ano de 2022. Quando iniciei a escrever o meu projeto, foi a partir dos problemas da saúde de Panambizinho. Na minha observação, cheguei a me preocupar com esses maiores problemas da área da saúde. Desde então, pensei: Como vou fazer esse desenvolvimento do meu projeto a partir das realidades e saberes tradicionais, dentro da cosmologia kaiowá de Panambizinho? Como poder colocar em prática o conhecimento sobre as ervas medicinais?

Estes objetivos surgiram conforme fui colocando a situação do povo Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire, a partir das suas realidades, de seus conhecimentos e de todas as histórias riquíssimas: a intenção de voltar e fazer uma área de preservação das plantas medicinais, para reconhecimento; e para voltar a utilizar novamente os próprios remédios naturais, buscando garantir e incentivar novamente o povo Kaiowá de

Panambizinho. Sabendo que o Panambizinho Yvy Akandire está cercado de monocultura de soja e milho, espero que a comunidade venha a reconhecer novamente, a partir deste desenvolvimento, todas as áreas para preservação da natureza, e que juntos realizemos esse ensino dentro da educação e saúde, para garantir o respeito da natureza onde já conviveram, na área já desmatada, onde o território já sofreu pela exploração.

O objetivo deste trabalho, diante de toda a trajetória do território de Panambizinho Yvy Akandire, a partir do etnoconhecimento, é de compreender e preservar novamente todas as classificações do meio ambiente já exploradas do próprio território em que vivem os Kaiowá, nesse espaço natural existente no Yvy Akandire, o *tekoha* de Panambizinho.

Em 2022, iniciei o meu trabalho de pesquisa com o início do mestrado na UFGD, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade (PPGET) da FAIND. Recentemente, tornei-me professora da Escola Municipal Indígena Pa'i Chiquito – Chiquito Pedro. Atuei como professora até 2021, nos anos iniciais. Em 2022, a Secretaria de Educação Escolar Indígena abriu o processo seletivo para professores indígenas que atuam na rede municipal. Apesar desse processo seletivo, ocorrido em 2022, eu não concorri à vaga na sala de aula na escola Pa'i Chiquito, mas isso não me fez desistir dos meus objetivos. No início, quando entrei no curso como aluna regular do PPGET, não foi tão diferente para mim iniciar a pesquisa na Aldeia Panambizinho. Cursando o mestrado, eu fiquei tão feliz de ter concorrido como aluna regular!

Desde que concluí a minha graduação, em 2017, eu já tinha planejado o meu projeto para fazer o mestrado. No ano de 2022, entrei como aluna regular; mas, antes de atuar no meu curso, eu já tinha alguma produção de plantas medicinais na minha casa. Diante disso, sugeri algumas ideias para colocar em prática o cultivo das plantas medicinais na produção em canteiros. Como eu fiquei desempregada no ano de 2022, passei a cuidar da saúde do meu pai, que sofreu um acidente vascular cerebral (AVC) em 2015, o que também motivou o cultivo de plantas medicinais.

Desde então, passei a fazer a produção dessas plantas em canteiros no meu quintal, pois minha mãe, quando precisou dos remédios das plantas medicinais, teve que pagar 100 reais para alguém trazer para ela. Devido à idade avançada, muitas vezes ela não podia procurar os remédios naturais. Então, considerando que meus pais não estava em condições de busca e pensando no objetivo de criação de mudas a partir da produção

de horta para as pessoas que realmente estão voltando a utilizar plantas medicinais, o cultivo se tornou possível para não ter necessidade de procurar os remédios naturais em outros locais. Devido à situação dos meus pais, tive que trabalhar na roça: eu mesma tive que ajudá-los.

Os canteiros foram feitos por mim e minhas duas filhas no início do meu curso de mestrado. A minha ideia era construir uma horta feita de telas, pois na minha casa tinha galinhas. A preparação da horta durou 4 meses, porque tivemos que limpar a área primeiro, para então fazer o canteiro das plantas medicinais e de outras, como verduras. No começo, o serviço foi bem pesado, muito cansativo. Isso porque, além desse desenvolvimento da horta, eu tive que dar atenção aos cuidados do meu pai, que é acamado. Apesar da idade dele, ele não consegue se levantar sozinho da cama: precisa de apoio para as necessidades dele e minha mãe não consegue ajudar sozinha, pois também está com idade muito avançada. Então eu tenho que fazer tudo pelos meus pais, além das minhas atividades de mestrado. Eu tinha que ser muito forte; às vezes eu chorava vendo-me sozinha, sem ajuda de ninguém.

No começo, quase desisti da produção de hortaliças e da roça. Eu tive que terminar o trabalho nos canteiros para depois plantar as sementes e, junto com a produção de horta, pensei em fazer alguns canteiros com pneus velhos, para reciclar. Então, tive que procurar os pneus usados na borracharia, para fazer o canteiro das plantas medicinais. A minha ideia era pegar as plantas medicinais do brejo (*juvyy*) para cultivar na horta as espécies das plantas que os Kaiowá mais utilizam.

Assim que terminei a preparação da minha horta, eu comecei a colocar em prática as minhas pesquisas. Eu e minha mãe íamos ao brejo que ficava no *xiru karai*, no centro. Às vezes íamos juntas a pé; às vezes meu irmão dava carona até o brejo onde ficava o *juvyy*; algumas vezes íamos ao outro brejo que ficava um pouco mais longe.

Quase todos os dias eu colocava em prática as minhas pesquisas sobre plantas medicinais. Tive que descer ao brejo para pegar as plantas medicinais. No primeiro dia, quando eu e minha mãe chegamos ao *juvyy*, fizemos *jehovasa* e encontramos algumas espécies de plantas. As espécies acabavam de se produzir dependendo do solo. Eu ainda não estava pronta para pegar, mas tive que pegar as raízes, junto com o barro, para trazer à horta. O barro do brejo é tipo um esterco natural dele. Depois de coletar as plantas, voltamos para casa.

Em uma noite, quando eu fui dormir, eu tive um sonho: eu estava no brejo novamente e apareceu uma senhora entregando flores com raízes para mim. De manhã, quando tomei chimarrão com minha mãe, contei para ela, para saber o que queria dizer o sonho que sonhei. Ela interpretou que a senhora do meu sonho é a dona do brejo *juvyy jara* e que as plantas medicinais que peguei do brejo iam ser conservadas naturalmente, iam resistir na produção nos canteiros, não iam morrer. Frente a isso, tive que seguir na produção nos canteiros. Plantei muitas plantas medicinais de algumas espécies direto do *juvyy*. Durante as minhas pesquisas e das coletas de plantas medicinais, cheguei a conhecer algumas plantas e o processo de como realizar o manejo, tanto de cultivar quanto de conservar a partir das realidades das plantas naturais e aquáticas.

Junto com essa produção da minha pequena horta, venho buscando a sobrevivência da minha família. Mesmo não tendo muito recurso, eu trabalhava na roça também para fazer uma área de sustentabilidade das sementes naturais na minha casa. Em outubro do mesmo ano (2022), eu consegui realizar o cultivo da plantação na terra, mas passei por muita dificuldade, para além do processo de trabalhar na roça. Eu não tinha recursos financeiros: não cheguei a receber nenhum benefício do governo federal, como a bolsa-família e outros.

Precisei procurar uma máquina de trator para gradear a minha roça primeiro. Conseguimos uma máquina de trator; o dono do trator fazia o serviço no valor de 150 reais para gradear. Eu tive que emprestar dinheiro para pagá-lo pela preparação da terra para a mandioca. Mas consegui plantar mais de 2 mil ramas de mandioca. Junto, plantei banana, abóbora, quiabo, batata, mamão, pipoca, maxixe, feijão-catador, melancia e milho. Dentro da produção das hortaliças, junto com os canteiros das plantas medicinais, plantei as verduras alface, salsa, cebolinha, pepino, beterraba e pimentão. Entre esses alimentos naturais, junto, plantei também porunga para fazer chocalho *mbaraka*. Além disso, eu venho realizando aos poucos, na minha produção de sustento próprio, também a preservação do cultivo de plantas arbóreas como ipê, peroba, ingá, aroeira pimenta e algumas árvores frutíferas que ainda estão sendo cuidadas.

Esse desenvolvimento do meu trabalho na roça não me impediu de estudar e escrever as minhas atividades do tempo universidade. Quando chegava o momento de ir para o curso, eu tive que emprestar dinheiro para ir à universidade. Mas, eu deixava recado antes de ir para o curso, para minhas filhas lembrarem de aguardar as plantas todos

os dias de manhã e à tarde, e fazer almoço e janta para meus pais. Não tinha muito recursos, mas em nenhum momento, durante essa caminhada, eu desisti dos meus objetivos de estudar.

Quando se encerrava a etapa do curso, eu voltava para minha casa e continuava a trabalhar na roça e na horta. Tive que cuidar das plantas. Todos os dias, de manhã e de tarde, eu tinha que aguar-las e, de vez em quando, ficava sem água, devido aos problemas de falta de água que acontecem quase sempre na aldeia. Tive também que adubar os canteiros com esterco de vaca para as plantas da horta, que procurei na fazenda do não-indígena.

Assim eu venho desenvolvendo esse trabalho na roça, durante essa caminhada do meu estudo. No ano de 2023, em janeiro, comecei a colher algumas verduras da horta e a colher e consumir a produção de mandioca amarelinha, bem como algumas das outras sementes.

Neste ano de 2023, eu tive que me inscrever no processo seletivo novamente na Escola Municipal Indígena Pa'i Chiquito. Inscrevi-me na minha área, de Ciências da Natureza. Devido à concorrência pela vaga, eu não consegui sala de aula novamente. Portanto, esperei aparecer algumas oportunidades de vaga na escola, mas não me chamaram, porque não tinha vaga para mim. Mas, isso não me fez desistir dessa caminhada. Eu continuei cuidando das minhas hortaliças e da minha roça, assim como da saúde do meu pai, a partir da necessidade dele.

Então, minha sobrinha me chamou para trabalhar na empresa mineradora, na pedreira, para britar pedra. Eu não queria ir, devido às minhas pesquisas e minhas atividades, e devido às necessidades de cuidado do meu pai. Mas, conversei com minha mãe, e logo resolvi: fui trabalhar lá por quase quatro meses. Me contrataram na função de operadora de máquina. O serviço era muito perigoso. No início do meu trabalho, até que cheguei a gostar do serviço; mas, depois de um tempo, eu observei que ali acontecia o racismo, o preconceito. Os não-indígenas que trabalhavam lá não aceitaram que nós, indígenas, conversássemos na nossa língua e os homens não indígenas maltratavam os colegas indígenas. Por isso, eu tive que sair desse trabalho. Cheguei à conclusão de que esse tipo de serviço não era bom para mim. Além disso, o horário era puxado: eu começava trabalhar às 7:00 da manhã e seguia até as 17:30. Tive que pedir as contas e

sair da pedreira, porque eu chegava muito cansada, não dava para estudar de noite. Por isso tive de sair desse serviço.

Então, voltei a trabalhar em casa novamente e continuei a desenvolver na prática as minhas pesquisas, cuidando das minhas hortas de plantas medicinais e carpindo a roça de manhã. De vez em quando, eu ia para o brejo com minha mestre anciã para buscar plantas medicinais: minha mãe sempre me acompanhava no *juvvy*. Ela ia para o *juvvy* comigo para trazer algumas plantas para utilizar o remédio. É desse jeito que venho cuidando e realizando minhas atividades na horta e na roça. Com isso, consegui colher neste ano alguns dos produtos da roça, como banana, batata e melancia. Das frutíferas, colhi limão-taiti. Também tenho muita mandioca. Além disso, venho ajudando minha mãe com as necessidades de cuidado do meu pai e preparando a cultura das plantas. Comecei a fazer mudas de plantas para quem queira plantar nas suas casas, criando mudas de árvores, pois algumas pessoas da comunidade já vieram elogiar o meu desenvolvimento das hortaliças e da roça e já me pediram para preparar mudas de árvores e plantas medicinais, bem como rama de mandioca, batata e banana.

**Figura 1 a 4 - Horta e roça tradicionais**



Fonte: arquivo pessoal.

### Figuras 5 e 6 - Horta e roça tradicionais



Fonte: arquivo pessoal.

Desde então, dentro dessa minha caminhada de estudo, eu consegui desenvolver e realizar esses feitos, mesmo com tudo o que enfrentei por dois anos, sem nenhum recurso financeiro. O dinheiro que ganhava na pedreira era muito pouco: só dava para comida.

Às vezes, eu tinha que trocar as minhas sementes de mandioca e batata por roupas e calçados para meus familiares. Quando as pessoas chegavam à minha casa para comprar mandioca e batata, eu geralmente trocava, às vezes por carne para mistura ou, mais comumente, por roupas e lençóis usados, para as necessidades do meu pai. Durante essa caminhada, eu aprendi a valorizar o conhecimento da realidade da vida e tive que continuar a fazer o bem viver, o *teko joja* e *teko marangatu*. Com isso, compreendi a situação pensando na sustentabilidade e preservação da natureza, com esse motivo do desenvolvimento do meu próprio sustento. A partir do meu projeto, quero garantir o processo de incentivar e conscientizar o modo de viver e ser a partir da preservação da natureza em coletivo e para a futura geração do povo Kaiowá da aldeia Panambizinho Yvy Akandire.

## 1.2 Os caminhos da pesquisa

Uma das principais preocupações desta pesquisa é buscar analisar os remédios tradicionais no *juvyy*, o que inclui coletar, recuperar e preservar da queimada, propor estratégias de recuperação ambiental baseadas na etnoconservação, plantar muitas árvores na mata ciliar e, junto com isso, produzir mudas de árvores no viveiro da escola nas práticas com os alunos. Outra proposta que a pesquisa implica é construir uma horta com base no saber e no ser do bem viver, para analisar o processo de conhecimento das plantas como remédios tradicionais e para compreender a sua importância dentro da saúde dos Kaiowá. Também se pretende fazer estudos de processo e de coleta das plantas *kunha pohã*, investigando qual dos remédios é mais utilizado pelas mulheres desta etnia, qual faz bem e qual faz mal, e qual das plantas é que faz o bem-estar das mulheres mães e jovens.

Quanto à metodologia dessa dissertação, a pesquisa foi feita com as *nhandesy*, que sabem o valor, respeito e história pela utilização das plantas medicinais para a comunidade Kaiowá. Realizei entrevista oral, para garantir o registro da importância da saúde indígena dos Kaiowá no *tekoha* e para garantir a recuperação e a preservação dessas falas. Tinha me proposto entrevistar pessoas mais velhas, anciãos, pessoas experientes (como pais e mães) e jovens (*mitã rusu*), para saber sobre o bem ser e o bem viver dentro da importância da saúde indígena nas famílias e na comunidade, bem como sobre a importância da valorização das plantas medicinais do *juvyy* do seu *tekoha*. O material utilizado, durante a pesquisa de campo, partiu do próprio processo de cultivo da horta e do acesso ao brejo.

Portanto, esse trabalho foi realizado através de uma pesquisa a partir do problema da saúde das mulheres sobre plantas medicinais do brejo (*juvyy*) do espaço sagrado Xiru Karai. O processo de estudo foi identificar e analisar primeiro o brejo e as plantas medicinais existentes, bem como sua importância na comunidade de acordo com as realidades naturais. Os caminhos deste estudo foram feitos para promover a busca das plantas medicinais na produção de canteiros de plantas medicinais, em especial aquelas que servem para a saúde e aquelas que ainda são utilizadas. No caso da produção de hortaliças, foi realizada em uma área como um instrumento do cultivo e de mudas das plantas medicinais do brejo, onde foi feita a preparação do canteiro. O local da produção da horta foi realizado em minha própria casa para atender de alguma forma aqueles que

precisam das plantas medicinais. Foi durante esse processo do cultivo direto do brejo para horta que as mulheres chegaram a compreender novamente a importância das plantas medicinais, principalmente as mães jovens, pois poucas conhecem sobre o assunto. Preparar a produção de cultivo das plantas medicinais envolveu a realização de coleta de dados, para o qual o primeiro passo foi pegar a argila do brejo, que sustenta as plantas medicinais. As plantas que foram cultivadas e realizadas são: *ajaka rasy pohã*, *capin pohã*, *pohã roysan*, *jarija*, *avati roy* e *memby kakuaaja*. Essas plantas foram cultivadas e produzidas na horta.

A pesquisa também envolveu entrevistas e diálogos com diversas interlocutoras e interlocutores sobre as plantas medicinais. As pessoas com quem conversei e que contribuíram com essa pesquisa foram: Rozalina Aquino, Orlanda Araujo, Fineida Neuza Aquino e Nivaldo Severino. A seguir, apresento a trajetória de vida dessas pessoas.

Rozalina Aquino, filha do cacique xamã Paulito Aquino e de Balbina Francisca, nasceu no dia 10 de Abril de 1950, no *tekoha* Jagwaygwa, perto da cidade de Douradina (MS). Quando ela tinha 8 anos de idade, sua família se retirou para aldeia Lagoa Rica, na região do *tekoha* Ita'y. De lá, as famílias dela tiveram que sair para procurar nova moradia, devido à chegada dos fazendeiros. Desde então, ela nunca havia frequentado a escola; quando os pais dela saíram da Lagoa Rica, vieram para Panambizinho, na antiga área de 60 hectares, onde Rozalina conheceu o seu primeiro esposo Nelson Concianza e, juntos, tiveram 14 filhos. Os primeiros filhos de Rozalina morreram cedo, ainda crianças, resultado de doenças e porque na época não tinha vacina. Perderam seis filhos para as doenças e três de seus filhos perderam suas vidas jovens e adultos, consequência do suicídio derivado de problemas emocionais relacionados ao *nhemyrõ*. Hoje, só estão vivos cinco filhos da rezadora.

Rozalina é conhecida por ser rezadora e mestre anciã. Para ela, os cantos, rezas, danças e histórias foram sua escola. A *nhandesy* também é uma das principais conhecedoras dos *nhevanga* - ritual terapêutico -, e possui o seu próprio ensinamento com as palavras *teko porã*, *teko marangatu*, *teko vy'a*. Na imagem abaixo, minha mãe, dona Rozalina, está segurando a planta *pohã rosã guasu* nas mãos e explicando para mim para que serve.

**Figura 7 – Nhandesy Rozalina Aquino**



Fonte: arquivo pessoal.

Orlanda Araújo nasceu no dia 23 de julho de 1974, na aldeia Taquaperi, município de Coronel Sapucaia. Ela cresceu junto com seus avós e suas famílias são de rezadoras, mestres e curandeiras em rituais sagrados. O seu avô é Atanasio, grande rezador falecido em abril de 2023, com quem Orlanda aprendeu a cura das crianças de coalho virado. Ela nunca chegou a frequentar a escola, mas desde adolescente já curava as crianças através da sua benção sagrada. Com 15 anos de idade, veio pra Dourados com seu avô Atanasio, para uma reunião ocorrida em Panambizinho, ainda antes da retomada. Foi nesta ocasião que ela conheceu o seu esposo Abraão, neto do Paulito Aquino. Desde então, ela nunca mais voltou para sua aldeia Taquaperi. Orlanda teve sete filhos, um dos quais morreu após o parto. Recentemente, Orlanda perdeu outro filho em um acidente. Atualmente, ela é reconhecida como uma mestres curandeira das crianças e guardiã das plantas medicinais.

**Figura 8 - Orlanda Araújo**



Fonte: arquivo pessoal.

Fineida Neuza Aquino, cujo nome *ka'aguy*<sup>1</sup> é Mboy Poty Rendy, nasceu no dia 27 de setembro de 1973, na antiga área de 60 hectares da Panambizinho. Frequentou a escola até a 4ª série. Com 14 anos, conheceu o seu esposo Nivaldo Severino e, juntos, tiveram seis filhos. O primeiro filho perdeu a vida ainda criança, como resultado de uma pneumonia. Fineida sempre veio fortalecendo a cultura junto com os povos Kaiowá e é, hoje, uma grande mestre rezadora, guardiã das plantas medicinais e conhecida por suas rezas *nhevanga* e *nhembo'e*, além de ser dona da casa de reza *ongusu* e guardiã do *xiru rysy*, cruz sagrada.

---

<sup>1</sup> Nome kaiowá.

**Figura 9 - Fineida Neuza Aquino**



Fonte: arquivo pessoal.

Nivaldo Severino nasceu dia 9 de junho de 1973, seu nome *ka'aguy* é Ava Jeguaka Rendyju. Ele nasceu na Panambizinho, na área de 60 hectares, e é bisneto de Pa'i Chiquito. Com 10 anos de idade, ele entrou na fase no *kunumi pepy* e fez o *tembetá*, perfuração labial relacionada àquele ritual. Desde então, ele cresceu junto com a comunidade e seus avós, fortalecendo as tradições. Ele se casou cedo, ainda adolescente, com a rezadora Fineida. Ele veio buscando e fortalecendo todas as rezas do seu povo Kaiowá e, hoje, Nivaldo é conhecido como mestre rezador e cacique. Ele também veio buscando o conhecimento e história de seu povo e era o único que buscou

a proteger o *xiru rysy*. Recentemente, Nivaldo se tornou grande guardião da cruz *xiru rysy*. É reconhecido como um grande rezador.

**Figura 10 – Nivaldo Severino**



Fonte: arquivo pessoal.

Em resumo, as pesquisas deste projeto foram desenvolvidas com as plantas medicinais existentes no *juvyy* do *tekoha* de Panambizinho. Conversei com as *nhandesy* (rezadoras) elencadas acima sobre qual é a origem dessas plantas. Pesquisei o nome no conhecimento tradicional Kaiowá e tinha ideia de levantar o nome científico, mas não consegui finalizar esta parte. Mantive conversas sobre a exploração do *juvyy* e qual é a

sua importância para a comunidade dentro da preservação da natureza. Busquei entrevistar pessoas mais velhas, anciãos, pessoas experientes (pais e mães), pesquisar sobre a origem do *juvyy* e as plantas medicinais e qual é a sua importância dentro do nosso conhecimento em relação aos saberes do *pohã nanã* e da utilização dos remédios caseiros. Com os *mitã rusu* (jovens), pesquisei sobre a futura geração das plantas medicinais na saúde para o povo indígena Kaiowá, diante da exploração e da preservação do *juvyy*.

No desenvolvimento da pesquisa, utilizei o material do trabalho de campo na escola e na horta do *kokue* para fazer um estudo de conhecimento no processo de trabalho de campo (plantar *pohã nanã*). As pesquisas na escola serão desenvolvidas a partir do ensino de ciências com alunos sobre a preservação da natureza e da proposição de uma estratégia de construir um viveiro para o armazenamento da coleta das plantas existentes e de diferentes espécies nativas de plantas medicinais (*pohã nanã*).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, mantive inúmeras conversas com mestres e anciãos, com mulheres, adultos, jovens e homens, principalmente do meu grupo de parentes do *tekoha* Yvy Akandire, Panambizinho.

### **1.3 Tekoha Panambizinho Yvy Akandire e o contexto da pesquisa**

Esta pesquisa surgiu a partir dos problemas de saúde dos indígenas Kaiowá de Panambizinho. A aldeia Panambizinho tem uma população de 415 pessoas da etnia Kaiowá. Após a demarcação das terras, em 2004, os moradores ainda passaram por vários problemas e dificuldades dentro do território, já muito desmatado e explorado. Como essa terra tinha sido alvo da colonização agrícola, o povo Kaiowá de Panambizinho, diante desses problemas, teve que enfrentar várias necessidades e dificuldades depois da demarcação, principalmente nas áreas do acesso a matérias-primas e da falta de encanamento de água para cada família. Devido a essa falta de água, muitas famílias chegaram a buscar água no córrego do Xiru Karai e outras na Laranja Doce.<sup>2</sup> Esses foram os primeiros problemas que os Kaiowá tiveram que resolver: as questões de encanamento de água após a demarcação da terra.

---

<sup>2</sup> O córrego Laranja Doce é conhecido pelos Kaiowá como Naranha Háí. Laranja, em espanhol (naranja) é “guaranizado” para naranka. Háí é azedo na língua guarani, mas os *karai* chamam de doce. Antigamente,

Diante dessas situações, a comunidade teve que fazer uma proposta de uma nova demanda junto à antiga Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) – atual Secretaria de Saúde Indígena (SESAI) – e com a FUNAI para conseguirem o recurso dos encanamentos de água dentro dos territórios demarcados, com a finalidade de no mínimo para alcançar a cada família da comunidade. Diante desses problemas, os Kaiowá também tiveram que enfrentar, na área da saúde, a falta de posto de saúde. Após a demarcação do território, o recurso do prédio do posto de saúde não tinha chegado, ainda, para atender a comunidade a partir da necessidade deles.

Devido a esses problemas, por falta de postinho para atendimentos à comunidade, os profissionais de saúde na época tiveram que atender na casa do Cacique Jairo Barbosa, do travessão Reginaldo, porque a aldeia, nessa época, era recente. As famílias que moravam nessa área foram atendidas lá. Já a comunidade que morava no travessão Valdomiro era atendida na casa de uma mestra anciã que hoje já não está mais presente, pois já faleceu.

Em consequência da falta de água de encanamento, as famílias tiveram que fazer sua construção de casa perto dos córregos. Nessa época, algumas famílias que conseguiram pegar casas deixadas pelos colonos chegaram a utilizar o poço. Após a demarcação, as famílias Kaiowá começaram a fazer uma divisão da moradia: as moradias das casas se distanciaram e as pessoas quase já não chegavam a se encontrar novamente, devido à distância.

Mesmo com as necessidades e dificuldades dos Kaiowá, estes sempre buscaram o desafio de melhorar o espaço onde recentemente voltaram a viver novamente, dentro dos territórios já agressivamente explorados. Muitas famílias tiveram que passar por várias dificuldades para a sobrevivência a partir dos recursos naturais. Na educação e saúde, a comunidade teve que viver enfrentando as realidades fundamentais em busca da sobrevivência local, pois nenhum recurso chegou na comunidade após a demarcação.

A terra de Panambizinho, quando foi reconquistada depois de muita luta, foi muito explorada pelos colonos, que deixaram para nós uma terra “limpa”, toda desmatada. Os sítios que eles deixaram foram contaminados e desmatados. Antes dos

---

a grafia do córrego era *naranhay*. As variações da grafia – com j, k, i e y são comuns e aparecem ao longo desta dissertação.

proprietários colonos saírem das suas casas, já colocaram venenos nas árvores e alguns jogaram cachorro morto no poço. Nem todas as famílias pegaram terra com casas: algumas pegaram a terra limpa, sem nada. Estas famílias, que voltaram a construir novamente em sua área com reflorestamento, plantaram árvores com seus próprios recursos –hoje, as casas dessas famílias estão voltando a ser reflorestadas, após 20 anos. As árvores que foram dos sítios, depois de um ano, começaram a ficar secas: todas as árvores frutíferas morreram e algumas famílias nessa época não sabiam o que fazer. Muitas famílias Kaiowá que moravam no sítio não conseguiram se recuperar novamente, com as necessidades sendo tão difíceis após a demarcação das terras.

As pessoas da comunidade Kaiowá tiveram que enfrentar a dificuldade de voltar a fazer a área em preservação da natureza novamente, porque, em seus territórios conquistados, vinham sendo perdidas todas as matas e as plantas medicinais. Para os Kaiowá, era um recomeço: uma tentativa de viver a partir de todos esses problemas após a demarcação. Começaram a viver a partir das suas realidades e a colocar na prática os seus conhecimentos de trabalhar na roça e pescar, entre outras coisas.

No início, antes da chegada de alguns recursos naturais novamente na aldeia, a comunidade viveu sem energia elétrica, pois não tinha recurso financeiro. Após a demarcação, nenhum recurso de trabalho apareceu, pois os colonos que saíram das propriedades negaram o trabalho para os homens Kaiowá de Panambizinho. Muitos tiveram que ficar sem emprego por muito tempo. Depois de alguns anos, na terra que era limpa, o mato começava a tomar conta, principalmente colônia e braquiária. Cada família teve que plantar somente mandioca, batata, feijão-catador, banana, entre outros alimentos razoáveis que dessem no mínimo para sustentar cada família no seu esforço individual de buscar sobrevivência com recursos naturais.

Além dessas necessidades, os Kaiowá, após a demarcação da terra, sempre priorizaram a reza das suas culturas religiosas junto com os saberes tradicionais. A cada ano, os Kaiowá vieram fortalecendo o *jerosy puku (avati kyry)*, batismo de milho branco, motivando as práticas religiosas e com elas todos os saberes das rezas sagradas, *nhembo'e*, canto, dança, batismo e outros rituais. Com isso, a comunidade Kaiowá de Panambizinho, após a demarcação da terra e mais recentemente, está voltando a fazer algumas áreas de preservação da natureza, principalmente aqueles que acreditam nos remédios naturais.

Após a demarcação de terras, a preocupação das comunidades é de depender dos remédios farmacêuticos dos profissionais de saúde. Depois de muito tempo de desafio e lutas, quando a comunidade Kaiowá finalmente conseguiu o prédio do posto de saúde, em 2006, muitas pessoas vieram a depender dos atendimentos da saúde pública (a FUNASA). Nessa época, após a inauguração do postinho dentro da aldeia, muitos da comunidade deixaram novamente de utilizar os seus próprios remédios naturais e passaram a depender dos remédios da farmácia, sabendo que os remédios dos farmacêuticos podem prejudicar também a saúde da população, já que muitas pessoas das comunidades não seguem as regras de como tomar remédios para a saúde. Muitas das famílias que deixaram de se preocupar com os problemas da saúde, hoje vivem dependendo da ajuda da SESAI.

Com isso, os mestres rezadores de hoje, dentro da comunidade, passaram a se preocupar com a saúde da população. São poucas as famílias que ainda acreditam nos tratamentos através da saúde tradicional e que hoje estão voltando a utilizá-la novamente. Mesmo que tenha sido difícil resgatar as plantas medicinais após a demarcação, aos poucos a comunidade voltou a compreender e reconhecer as plantas medicinais para saúde das mulheres, homens e crianças. Hoje, algumas áreas estão voltando a ser preservadas.

Mas, dentre as comunidades Kaiowá de Panambizinho, algumas chegaram a perder a confiança nas plantas medicinais, ou mostraram desinteresse. Muitas pessoas não veem a importância dos seus remédios naturais ou a importância de saber como conservá-los novamente, principalmente aquelas que são futuras mães jovens e aqueles que hoje recentemente seguiram a tradição religiosa da igreja.

Nessa situação, forjada desde antes e após a demarcação, a preocupação dos mestres anciãos é que eles veem a natureza dentro do território sofrendo grandes problemas por causa das monoculturas de soja e de milho. Recentemente, algumas poucas famílias estão voltando a fazer reflorestamento na área das suas casas, plantando plantas arbóreas e frutíferas. Poucas famílias conseguiram voltar a fazer algumas das áreas em preservação, aqueles que realmente se preocuparam e compreenderam a preservação e conservação das plantas medicinais.

Por isso, esse desenvolvimento da pesquisa a partir dos problemas da saúde das plantas medicinais teve por objetivo colocar em prática a medicina tradicional indígena

Kaiowá e popular do território de Panambizinho Yvy Akandire para conservar e catalogar as espécies naturais e vegetais do brejo e as plantas existentes, de modo que a comunidade venha a compreender e fortalecer novamente os seus remédios naturais no âmbito do seu *tekoha*, onde é o seu espaço sagrado. Que este trabalho, na prática de conservar novamente, venha a incentivar as futuras gerações das crianças e dos seres humanos. Que, a partir da saúde e dos problemas de falta de medicamento dos remédios farmacêuticos, a comunidade venha a se preocupar novamente diante dessa situação, que venha a resgatar os remédios e saberes e que o povo Kaiowá desperte diante desses problemas para reiniciar a preservação das plantas medicinais da terra sagrada Yvy Akandire de Panambizinho.

A terra indígena Panambizinho fica a 17 km do município de Dourados, no Mato Grosso do Sul (MS), em uma área de 1.272 hectares. Foi demarcada, em 2004, como terra protegida pelo governo federal. O *tekoha* Panambizinho é um espaço onde vive a comunidade da etnia Kaiowá. Recentemente, foram introduzidos outros povos diferentes, como as etnias Guarani Ñandeva e Terena. A população de Panambizinho totaliza 381 pessoas em um território no qual permanece uma cultura e tradição do conhecimento, da linguagem, da convivência e do ser e do bem viver. O *tekoha* permanece vivo e é um espaço no qual se respeita a cultura de origem tradicional Kaiowá, além da valorização da sua língua materna e a valorização das práticas religiosas, como o batismo de milho branco (*jerosy puku*), a dança (*jeroky*), o canto (*porahei*), a reza (*nhembo'e*), o batismo de criança (*mitã hero*), a reza para fase de menina moça (*mitãkunha-taĩ*) e o canto para festa do *tembetá* (*kunumi pepy*), entre outros rituais. Através dessas práticas e conhecimentos, a comunidade valoriza ainda as sabedorias tradicionais dentro das famílias, motivando a desenvolver as práticas culturais e socioculturais no âmbito do *tekoha* de Panambizinho.

A comunidade vem mantendo a sua sobrevivência, mesmo passando por adversidades nos territórios, antes e após a demarcação: a comunidade mantém sempre suas próprias plantações nas roças, *temity kokwe pygua*, para sobrevivência das famílias. Os alimentos são sementes naturais e típicas, como milho branco, milho amarelo, batata e batata branca, feijão-catador, mandioca, banana e abóbora. Esses são alimentos naturais dos Kaiowá e de cada família que ainda os consome na produção, que é reproduzida e colhida, todos ao anos. Através dessa realidade de sustentabilidade, os Kaiowá estão mantendo a caça e pesca (*mariká ha pirapoi*). Essas atividades seriam a

sustentabilidade de cada uma das famílias que vivem e sobrevivem no saber e no bem ser do povo Kaiowá do *tekoha*.

Com várias dificuldades, a comunidade vem sofrendo sem recursos próprios, em busca de matérias-primas para a construção de casas, entre outros recursos que possam atender a comunidade na situação crítica, tanto na saúde quanto na educação. A principal preocupação é na área da saúde, já que a população já não consegue mais buscar remédios tradicionais, devido às explorações. Isso levou ao desaparecimento dos remédios tradicionais dentro da comunidade e essa é a maior preocupação que existe. A comunidade vem mantendo, respeitando e valorizando o uso de plantas medicinais junto com suas culturas tradicionais, mas a maior dificuldade para a busca e uso dos remédios é que várias pessoas da comunidade vêm fazendo parte da monocultura de soja, com o arrendamento ou com o trabalho em parceria, como é conhecido: esse é o principal problema que a comunidade tem passado dentro do *tekoha*.

As pessoas ainda acreditam nos seus conhecimentos científicos, mas existem vários problemas na área de preservação e recuperação da mata ciliar, o *juvyy* (brejo). Ali existe muita queimada, o que é uma grande preocupação, porque a comunidade ainda busca remédios para uso medicinal, para mulheres, adultos, homens, crianças, gestantes e idosos. Porém, muitas pessoas deixaram de acreditar e deixaram de fazer o uso dos remédios tradicionais. Devido à exploração e queimada, ninguém se preocupa em como preservar novamente, o que seria importante para o futuro das gerações da comunidade. O problema da exploração do meio ambiente é muito grande dentro da comunidade. A escola é o lugar em que os alunos devem compreender a realidade da aldeia e trabalhar juntos sobre como resgatar as plantas medicinais diante dessa exploração da soja.

As famílias devem valorizar a preservação dos remédios tradicionais que muitas pessoas ainda utilizam. Mas, também é preciso acreditar, para que tal valorização seja fortalecida. Além disso, é algo fundamental para que se compreenda a saúde do Kaiowá e para que este venha a reconhecer seus próprios remédios e compreender a importância da saúde indígena. Muitas pessoas deixaram de acreditar justamente porque ninguém sabe onde resgatar. Então, há essa preocupação de fazer a comunidade compreender as várias espécies dos remédios tradicionais existentes na aldeia. Todos os remédios têm suas origens e suas histórias; por isso a importância,

dentro dessas práticas e conhecimentos, de valorizar os remédios nativos das mulheres e fortalecer a histórias através do nosso conhecimento dentro da aldeia, pois muitas pessoas não acreditaram e nem se preocuparam mais com a saúde.

A comunidade Kaiowá de Panambizinho é uma terra sagrada, Yvy Akandire, na qual existem vários conhecimentos tradicionais, mantidos através da sua origem de histórias. Um dos objetivos desta minha pesquisa é garantir a preservação do meio ambiente do *juvyy* (*tesãĩ renda*) das plantas medicinais que existem no *tekoha* Panambizinho, para haver respeito e valores. As plantas medicinais são a origem para o povo Kaiowá de Panambizinho. A importância desse tema se mostra através dos problemas da saúde dos Kaiowá. Por isso, há a meta de fortalecer os remédios naturais existentes com a recuperação e preservação do *juvyy*. Nesse trabalho, estarão envolvidas escola e comunidade, junto com mestres tradicionais, mulheres, jovens, etc., para priorizar dentro da saúde os remédios nativos existentes no *tekoha* Panambizinho.

O *juvyy*, como denominamos o brejo, é muito mais que o lugar da saúde (*tesãĩ renda*) através de suas plantas medicinais: ali também se reúnem todos os seres espirituais, os *jary* (guardiões). É um elemento da natureza e do conhecimento científico, mas na visão indígena Kaiowá de Panambizinho é um lugar onde tem *jary* e todas as suas histórias de plantas espirituais, de conceitos que vêm da tradição Kaiowá (como *nhandesy* – nossa mãe), onde se criou esse lugar para plantas medicinais e se deu o nome de origem *juvyy*. É o centro da cosmologia indígena da vida do bem viver e do ser.

**Figura 11 – Brejo (*juvyy*)**



Fonte: arquivo pessoal.

A exploração do território dominou, antes e após a demarcação do território de Panambizinho. Hoje, as pessoas da comunidade estão voltando a buscar as plantas medicinais no local do *juvyy*. As plantas estão começando a se reproduzir novamente, depois de tanta queimada e exploração de agrotóxico de monocultura. As pessoas que têm sua terra na beira do córrego, no brejo, estão começando a proteger o *juvyy*. Assim, as plantas medicinais já estão começando a se reproduzir novamente, como *ajakã rasy pohã* e *avati roy*. Além disso, muitas pessoas estão voltando a buscar e procurar no local.

Algumas soluções para o bem e o ser do Kaiowá têm se modificado. As pessoas vêm muito à aldeia procurar remédios que seriam para saúde, principalmente para a dor dos rins (*mokytiĩ rasy*). Elas procuram a pessoa que sabe fazer. As plantas medicinais que mais se procuram são para gestantes e crianças, conforme tenho observado.

Os Kaiowá de Panambizinho, com a exploração, têm sofrido muitas dificuldades, mas estão fortalecendo o reconhecimento de plantas medicinais. São os únicos recursos para as mulheres que sofrem as consequências da gestação, antes e depois do parto. Essa prática já vem de épocas muito antigas. Esse conhecimento é de suma importância para a saúde dos Kaiowá, pois é a sabedoria que vive dentro da comunidade e no ambiente da natureza. A exploração do território de Panambizinho é um grande problema na comunidade e o fortalecimento para a sobrevivência, atualmente, tem ocorrido do valor das plantas medicinais. Analisando os recursos naturais em práticas da comunidade, observamos que muitas pessoas têm cultivos nas casas, como recursos naturais para suas famílias, e já conseguimos ver e analisar essa preservação nas casas. As pessoas que têm parentes longe, em outras aldeias, vão em busca das plantas para trazer e replantar na própria casa: conseguem raízes e plantam na área da sua casa.

Na comunidade Kaiowá de Panambizinho, o importante para a maioria é o reconhecimento e, para algumas pessoas, é a valorização e respeito dos saberes tradicionais. Para a população indígena em geral, é a sobrevivência e vida que atualmente significa o uso dos recursos medicinais, conhecendo, buscando e garantindo o valor dos saberes tradicionais kaiowá. Os Kaiowá de Panambizinho, através desses saberes das plantas medicinais, têm o grande poder espiritual de *ñembo'e* (reza). A reza vem junto para tirar todo o mal ou dor que se tem no corpo. As plantas medicinais representam saúde, uma cura para os seres vivos de todo os males e doenças que afetam o mundo.

O *juvyy* e as *pohã ñana* (plantas medicinais) estão voltando a reflorescer novamente em Panambizinho. O local da nascente, o *juvyy*, e outras pequenas minas (*yju mirĩ*) estão voltando a reflorescer, mesmo diante da exploração. Os ancestrais do povo Kaiowá deste *tekoha*, desde antes da Mata Atlântica, *ka'aguy rusu*, conviveram na Yvy Pyte Cerro Guasu. Neste espaço, os antigos povos Kaiowá conviveram a partir das

suas culturas riquíssimas, tradicionais e sagradas. Esse local onde eles viveram era considerado sagrado, terra dos *tupã kuéra*, terra dos *tekojary*. Segundo os Kaiowá, nesse local sagrado viveram só os deuses *Nhanderu* (Pai de todos ou cacique xamã), pai do sol e da lua (*xiru pa'ikuara ha jasy*), entre outros Tupã.

O Yvy Pyte Cerro Guasu é um espaço sagrado a partir da espiritualidade. Esse local era de deuses *tupã kuera* que criaram o mundo e a terra; aqui, nesse espaço sagrado, a comunidade e o povo Kaiowá viveram com todas as suas trajetórias religiosas riquíssimas a partir da grande reza, canto, dança, *nhembo'e*, batismos sagrados e todos os rituais, como o *kunumi pepy*, que era considerado o mais sagrado pelo povo Kaiowá. Ali, viveram os ancestrais da comunidade Yvy Akandire desde a criação da terra ao mundo.

O primeiro a chegar ao mundo, através do *Xiru* e *Jasuka*, era o grande Tupã e, de todos os seres humanos, era o *Kurusu Nhe'ëngatu*<sup>3</sup> (Tupã *Guasu*). Ele é um dos deuses da Terra: foi ele quem criou a Terra a partir do Grande Xiru Rysy. Ele veio ao mundo através do *Jasuka* e, com eles juntos, a terra se espalhou e existiu em todos os lugares, no mundo inteiro.

Segundo a tese de Katya Vietta (2007, p. 136),

A Terra é concebida pelos Kaiowá como uma esfera plana situada entre dezoito patamares superiores e seis patamares inferiores (Paulito Aquino [...]). Ela está sustentada por sete *xiru* (cruzes [...])— ou *kurusu hopita*. Cada *xiru* é preservado por um *ñãdejara*. Portanto, a estes cabe zelar pela sustentação da Terra, ou seja, garantir que os *xiru hopita* mantenham-se de pé, evitando que ela seja novamente destruída. Estes *ñãdejara* também são os responsáveis por enviar e zelar pelos xamãs kaiowa a Terra, corresponsáveis pela manutenção desta sustentação.

Junto com a criação da Terra, nasceram todos os principais mestres *tupã kuera* que seriam os principais *tupã*, deuses. Eram quatro *tupã* foram criadores da Terra: o primeiro, *Kurusu Nhe'ëngatu*. Mas, quando ele veio ao mundo como o primeiro dos seres humanos, ele mesmo criou a primeira mulher para ser sua esposa, *Nhandesy*. Esta é a primeira mulher de todos os seres humanos e mãe terra. O segundo Tupã foi *Nhanderu*, pai do Sol e da Lua. Ele também criou uma mulher para ser sua esposa, que

---

<sup>3</sup> Ele é um criador do universo um supremo do centro da terra (“Cruz da Boa Palavra” ou “sagrado”) (CHAMORRO, 2022, p. 359). Ele é um grande criador da terra e do seres humano, dono do universo.

se chamava *Ha'i Nhandesy Rembypy* (grande mãe terra). Foi ela quem criou as plantas medicinais na Terra, mãe de todos os seres humanos também. O terceiro Tupã é o *Ñane Ramõi Tani Guasu* e ele também criou uma mulher para ser sua esposa, que chamava de *Tupã Sy* (mãe dos Deuses). O quarto Tupã que veio ao mundo foi *Xiru Ryvera* (Cruz iluminada, primeiras mulheres da terra); a mulher que ele criou se chamava de *jari* (anciã).

Esses que vieram ao mundo juntos com o criador da Terra, *Kurusu Nhe'ẽ Ngatu*, são grandes Tupã, deuses e poderosos através da espiritualidade e de todos os seres *jara*. Segundo os Kaiowá, porém, esses mestres da Terra conviveram no centro da Terra, que é *Yvy Pyte Cerro Guasu*. Após essa grande criação do mundo, geraram os futuros seres humanos, os antepassados, que os Kaiowá chamavam de *tekojary reta*. A partir daqui, a população de grandes deuses tupã viveram no *Yvy Pyte*. Segundo os antepassados Kaiowá, os Tupã voltaram ao céu após a criação do mundo, quando souberam da grande água *y ovu*.

Esses são os deuses que criaram o universo só para eles lá no céu: eles são alguns dos deuses que comandam a terra, pois cada um deles tem seu próprio universo. O deus *Kurusu Nhe'êngatu* é quem decidirá sobre a terra, a destruirá e depois reconstruirá só para o seu povo tupã.

Para cada planeta encontrado no universo, segundo os Kaiowá, existe um nome. O planeta Marte, por exemplo, nós chamamos de *Aranoe*. Cada elemento do universo tem seu próprio nome, que para os Kaiowá é sagrado, principalmente o sol (*keyrusu paikuara*). O universo também tem os *jara*, as estrelas são *jasytata yvarasa*, chuva e meteoro são *araguy nhemomba'e mba'e jara pyahu*. Segundo a anciã Rozalina Aquino (2023), os deuses têm sua própria terra no universo e só os Kaiowá que poderão chegar até o espaço deles, pois os cientistas nunca irão conseguir ver ou ter contato com eles por serem brancos.

A antropóloga Vietta (2007, p. 138) denominou este acontecimento como “a destruição da primeira Terra”. Minha mãe Rozalina Aquino me relatou que os Tupã voltaram para o céu e outras pessoas ficaram no *Yvy Pyte*, pois não acreditaram no *y ovu* (enchentes) na era do primeiro fim de mundo que aconteceu. O *y ovu* ocorreu na época dos deuses. Quando aconteceu o *y ovu*, vários Tupã *kuera* morreram e aqueles que foram embora para o céu sobreviveram no *ary arareí*. Segundo os Kaiowá, o

responsável da era do *y ovu* era o Tupã Xiru Ryverá, mas ele construiu a arca feita de Palmeira Pindó, cuja casca serviu como canoa. Quando ele ficou sabendo do *y ovu*, começou a construir a arca junto com suas famílias e, nessa arca, sobreviveram aqueles que acreditaram nele.

Nesse momento, a filha do Xiru Ryverá entrou em fase de ficar moça. Seu pai, como é Tupã, deixou sua filha dentro da casa de reza, formato feito de *nha'ẽ* - antiga panela feita de argila preto -, para apenas proteger a filha dentro da água. Assim, o *y ovu* não atingiu sua casa, por estar protegida dentro da água para se tornar Kaja'a, a *jara* das águas com formato de sereia. Por isso, ela foi transformada em uma sereia, após essa tragédia dos próprios deuses Tupã do *y ovu*. Quando a água baixou, alguns dos criadores da terra voltaram no Yvy Pyte na terra, que foram Ñane Ramõi Tani, Nhanderu e Xiru Jakaira. O Ñane Ramõi Tani e suas famílias voltaram para terminar de fazer a terra para a futura geração de todos dos seres humanos e para natureza.

A família de Ñane Ramõi Tani e as filhas dele geraram o mundo novamente. Uma de suas filhas é Kaja'a Rembypy, que casou dentro da água e se transformou em sereia. A outra filha escolheu casar com Karai Rembypy, que os Kaiowá chamaram de Karaí Rekojary (deus dos brancos), e a filha mais nova casou com Paraguai Rembypy. Esses maridos, que foram das filhas do Ñane Ramõi Tani (*yvangusu* - Grande mestre Xamã) apareceram do nada ao mundo, porque o próprio pai, como era Tupã, enviou ao mundo esses homens para futura geração dos seres humanos na terra e, dali, gerar todos os seres humanos. Os *hexakary kuery* dessa geração, os xamãs, foram gerados no centro da terra, no Yvy Pyte Cerro Guasu. Segundo os Kaiowá, depois de algum tempo, o Nhanderu e sua esposa Ha'i Nhandesy Rembypy foram embora, voltaram para o céu onde era o espaço deles.

O Nhanderu tinha duas esposas: a segunda esposa era mãe do sol e da lua. Quando o Nhanderu foi embora para o céu, ele levou sua primeira esposa e abandonou a segunda mulher, gestante de gêmeos. Após a ida do Nhanderu, outros criadores voltaram para o céu *ararei*, ou *Yvay*, após todas essas trajetórias dos criadores da terra *nhepyrũ gue*.

Na Tese de Katya Vietta, ela trata do assunto e traz informações de Paulito Aquino, com tradução e comentário de João Aquino:

*Yvy Ramoi* fez a Terra [Yvy], era a primeira Terra. Ela era redonda, assim, como o redondo do pau [tronco de árvore]. Ele levantou-se do centro desta Terra (*Yvypyte*) carregando a sua cruz (*kurusu ñê'egatu*). Foi desta cruz que os kaiowá nasceram. Muitos kaiowá nasceram dessa cruz, homens e mulheres nasceram da base dessa cruz. É por isso que essa terra foi feita para o kaiowá, essa terra não foi feita para o branco, mais para o índio (VIETTA, 2007, p.137).

A Mestre anciã Rozalina Aquino, filha de Paulito Aquino, relate o seguinte sobre as trajetórias da criação do mundo:

*Nhande yvy apohare kurusu nhee ngatu ha'e tupã guasu, ha'e ojehu kurusu gui voí, jasuka, oiko mitã'ixa oponhy, ha'e ndaisyi, ha'e voi ombojehu rei hembirekorã héry nhandesy ete. Há'e mante he'i vaerã opa haguã jevy ko yvy, upe jave ramo xe ndahexaveima temiarirõ joapy ohexa vaerã ko yvy ha'e ombopyahu jevyta upe ombopyahu jave haekuery mante oiko vaerã yvy ári. Pe a pe voí karai heí fim do mundo ndaha'ei ko'anga, ha entero ohexa vaerã. Y ovu, yvykai, ha kuarahy nhande resape ha onhemboty vaerã. Ko anga ve voi jahexama yvy apy rupi opa mba'e nhaguahêta joty imombe'u pyrepy.* (Rozalina Aquino, 2023).

Em seu relato, minha mãe Rozalina explica que os antepassados do povo Kaiowá viveram juntos com todas as tradições religiosas no Yvy Pyte Cerro Guasu. Os ancestrais viveram compartilhando todos os saberes a partir das rezas sagradas e do riquíssimo bem viver antes da chegada dos conflitos pelos territórios do Paraguai. Para os Kaiowá, o conflito do Paraguai (Guerra da Tríplice Aliança, ocorrida entre 1864 e 1870) chegou a atingir o povo Kaiowá de Yvy Pyte. Durante o conflito, o grande Hexakary Mbusu Ygua, através do espírito e na visão dele, descobriu que existe um lugar chamado Yvy Akandire na Mata Atlântica. Quando o *Nhanderu*, na visão dele através do espírito, indicou o lugar na terra do *ka'aguy rusu*, os *hexakary* fizeram uma fuga com todas as famílias na Mata Atlântica, em busca de sobrevivência e da natureza. Essa passagem dos antepassados para Mata Atlântica é também uma consequência da guerra, pois os paraguaios matavam muito o povo Kaiowá. Katya Vietta (2007) afirma que:

Eles amarravam, os kaiowá, enlaçado, assim, passavam o laço aqui [na altura da cintura] e puxavam. E iam trazendo mais kaiowá. No início eles os atraíram com promessas. Eles diziam para eles: - Vai lá, vai lá que vão dá uma coisa para você! Vai lá! Eles acreditavam, mas quando chegavam ao lugar indicado, eram amarrados. Precisava ver a fila! Uma fila comprida. Havia oito burros para pode puxar toda a fila. [...] Quando era mulher gorda, eles separavam, mas se era uma mulher

pequeninha, magrinha, eles deixavam amarrada. Se for uma mulher gorda, forte, eles não deixavam morrer, não. Eles separavam e pegavam para casar, por isso que paraguaio saiu misturado. Naquela época pegou muita menina para casar (VIETTA, 2007, p. 155-156).

Os Kaiowá entraram na mata atlântica com os grupos de todos os grandes *Hexakary Mbusu Ygua* e demais povoamentos de Kaiowá. Eles conseguiram fazer passagem através dos espíritos sagrados e eles se pintaram com o barro, argila e carvão preto. Assim, o povo Kaiowá conseguiu fazer uma das jornadas inesperadas para conquistar o seu direito de viver e ser em busca do *ka'aguy rusu* Yvy Akandire. Os Kaiowá afirmam que, quando entraram na mata atlântica *ka'aguy rusu*, só havia ali os animais silvestres, muitos pássaros, faunas diferentes, muitos animais predadores e cobras, pois a natureza era uma mata verde escura. Os Kaiowá chegaram pela primeira vez dentro da mata. Então, os *hexakary* fizeram passagem através do espírito do bem, junto com *nhembo'e* sagrado, o *nhembo'e* que espanta os animais predadores para não correr risco dentro da mata. Até chegar na área do Yvy Akandire, algumas famílias resolveram conviver perto do rio e outros se espalharam para viver com suas próprias famílias, de acordo com as realidades de cada um, construindo sua moradia e uma nova era dos povos Kaiowá. Fizeram construção de casa de reza e viveram a partir da realidade explorando a natureza na forma de ser dos costumes.

A terra do Yvy Akandire, segundo os Kaiowá, era uma terra riquíssima de todos os elementos naturais dos *jara*. Podemos citar alguns exemplos dos donos da natureza: *ka'aguy jara* (dono da mata), *y jara* (dono das águas), *ita jara itapory* (dono das pedras), *mymba jara* (dono dos animais), *juvyy jara* (dono do brejo). Todos esses elementos da natureza são uma Terra e todos são considerados sagrados através do espírito. Tudo o que faz parte do Yvy Akandire é sagrado pra os Kaiowá. Eles acreditam que, através do espírito sagrado, existem todos os seres *jara* e que nesses espaços também sagrados se vive a partir do espírito invisível em que só os xamãs se comunicam. O dono do Yvy Akandire se chama Xiru Karai. O único xamã do povo Kaiowá que chegou a fazer contato com Xiru Karai foi Pa'i Chiquito. Ele alertou os seus povos para tomarem cuidado com a natureza do local onde viveram, porque no Xiru Karai vivem todos os elementos naturais, o dono (*jara*) do bem e o dono do mal.

O dono do bem não faz mal aos seres humanos, pois ele prende seus animais silvestres que sejam predadores e outros, mas ele solta os animais para os seres

humanos comerem, como o tatu, veado, cutia, preá, anta e tamanduá. O dono do mal faz mal aos seres humanos, pois eles espalham doenças comum como diarreia, vômito, febres e coceira de pele gravíssima. Os Kaiowá chamam de *mirãĩ* e só a reza forte *nhembo'e* cura, além de remédio da árvore *timboy*. O *jara* do mal também solta seus animais predadores tipo onça, cobras e animais aquáticos, como os *jaguarũ*. Esses animais aquáticos costumam atacar as pessoas quando estão pescando ou quando descem no rio ou no córrego grande.

Por isso, até hoje os Kaiowá do Yvy Akandire tem respeitado esses espaços de natureza, junto com todas as tradições sagradas e rituais sagrados. Os Kaiowá viveram e mantiveram a sobrevivência de acordo com as realidades da natureza. Com o tempo, os Kaiowá também priorizaram e cuidaram desses espaços riquíssimos que existiam nesse habitat. É fundamental respeitar e valorizar toda essa história do Yvy Akandire, pois os nossos ancestrais já não estão mais vivos para proteger essa área. Cabe aos netos e bisnetos resgatarem tudo que foi desmatado e explorado na terra Yvy Akandire.

De acordo com a rezadora Rozalina Aquino, o Yvy Akandire é um espaço que o *Nhanderu* escolheu desde antes da passagem pela Mata Atlântica *ka'aguy rusu*. Através da sua espiritualidade, o *Nhanderu* já reservou esse espaço para o povo Kaiowá de Panambizinho, por isso devemos buscar os já debatidos fortalecimentos e resgates esses lugares dessa Terra. Infelizmente, esse fortalecimento e resgate foi em muito prejudicado devido à exploração a partir do avanço da colonização, por exemplo, pela Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND).

A terra sagrada *de* Yvy Akandire já foi preservada pelos nossos antepassados e pelos *tupã kuery*. Hoje, nesse espaço, devemos formar uma área preservada para além do espaço riquíssimo do *jara* dono da mata e fazer dessa área um local de recuperação para juntos conservarmos novamente todos aqueles que fazem parte da vida do povo Kaiowá. Isso envolve todos os conhecimentos tradicionais, para que as futuras gerações das crianças voltem a compreender e participar desses cuidados com todos os saberes e ensinamentos dos seus ancestrais *hexakary* e xamãs, além dos mestres rezadores da comunidade e dos mais velhos.

## 2. JUVVY COMO ESPAÇO SAGRADO NA COSMOLOGIA KAIOWÁ DE PANAMBIZINHO - YVY AKANDIRE

### 2.1 O *juvvy* de Panambizinho

Os Kaiowá têm grandes sabedorias e tradições do seu povo sobre a vida com recursos naturais da mata, da água e do *juvvy* (brejo), que eram os únicos lugares em que buscavam plantas medicinais. Pelo bem da vida dos seres humanos e da saúde dos Kaiowá, a sobrevivência natural da comunidade veio resistindo através do uso das plantas naturais para a saúde. Deste modo, a cultura do povo Kaiowá veio mantendo a tradição. Antes, a terra era rica de convivência aqui Yvy Akandire.

**Figura 12 – O *juvvy* de Panambizinho**



Fonte: arquivo pessoal.

Desde a chegada da colonização agrícola (CAND), as famílias se espalharam para outros lugares para buscar um novo recomeço. No entanto, algumas famílias ficaram. Outros, dos que foram, acabaram retornando novamente a esse local para

permanecer e resistir na luta do seu próprio território. Desde a colonização agrícola, os Kaiowá já estavam aqui como agricultores antigos e começaram trabalhar com os colonizadores na plantação, principalmente de café e arroz. Com isso, o povo Kaiowá começou a se envolver no trabalho com os brancos (*mbairy*), antigos colonos, em troca de sustento e mercadorias como sabão, roupas e machados. Estas eram recebidas em troca de serviços.

Tudo isso ocorreu antes da chegada de um sujeito estadunidense que foi o primeiro homem a trazer a monocultura de soja. Esse homem foi o primeiro da colonização agrícola de soja e milho que chegou com algumas novas mudanças, mexendo nos cortes da mata para fazer aquela área de lavoura da monocultura de soja e milho. Isso aconteceu quando fundaram o início da antiga Vila Cruz, pelos primeiros moradores dos brancos. Esse antigo nome é como o local era chamado na época pela comunidade; atualmente, é chamado de Vila Distrito Panambi. Entretanto, o povo Kaiowá de Panambzinho já estava construindo a sustentabilidade de sobrevivência no terreno de 60 hectares. Aqui, nesse pequeno espaço que havia restado para as famílias Kaiowá, havendo dificuldades e problemas, a doença começou afetar a comunidade, de forma física e mental. Muitas famílias foram atingidas pela doença de um vírus que se espalhou na comunidade.

Antes de se produzirem as vacinas na comunidade, algumas mães perderam seus filhos para o vírus, que matava as crianças. Os Kaiowá o chamavam de *ju'ú puku*. A criança pegava, o vírus levava alguns segundos para se espalhar e as crianças não resistiam. Segundo os mestres anciãos falavam, o espírito do mal (*kurupira ita jára*) espalhou a doença forte através do próprio espírito do mal, mas atingiu a alma dos seres humanos. Quando esses espíritos do mal espalham a doença sem cura, só a reza forte que podia repreender o mal. Segundo a história kaiowá, os mestres anciãos têm que rezar para aplacar esses espíritos do mal antes que eles espalhem o mal para os seres humanos. Se os mestres anciãos não repreenderem antes, através da reza sagrada, o espírito do mal já consegue espalhar várias doenças para o mundo inteiro. Por isso, os mestres anciãos sempre vieram fortalecendo a reza para a doença maligna. A cada ano, os Kaiowá vêm fortalecendo a reza sagrada, porque é o elemento da natureza.

Mas, quando entrou a CAND, a chegada deles tomou o espaço onde os Kaiowá viveram. Desde que essa colonização chegou, começaram a explorar a mata e cortaram

tudo para monocultura de soja e milho. Além do estadunidense, havia também um engenheiro antigo, que deixou os agricultores “espertos” e começaram a medir e lotear a terra para fazer em hectares. Foi ali que começou o conflito pela terra. Os antigos agricultores queriam retomar a área de 60 hectares que ficara para a comunidade. O povo Kaiowá teve que lutar pelo território e o senhor Lauro Concianza (meu avô) e demais do seu grupo Kaiowá tiveram que ir até Campo Grande para garantir esse espaço de 60 hectares para o povo Kaiowá.

Alguns documentos foram entregues para o senhor Lauro, que era o capitão. Com essa luta, se retornou à comunidade para tomar o pequeno espaço de terra dos Kaiowá; foi assim que os antigos colonos deixaram apenas 60 hectares para as famílias Kaiowá. Na época, muitas pessoas foram embora e deixaram o território. Mas, algumas famílias do Pa’i Chiquito ficaram ali mesmo, resistindo a viver ali, mantendo a tradição e a luta pela terra.

Alguns dos colonos começaram a proibir essas famílias Kaiowá de frequentar o rio e a mata: não deixavam pegar as madeiras e o sapé para construção das casas próprias. Os colonos começaram a cortar a madeira das árvores que servem para construção de casa e a comunidade, dali em diante, passou a ter grandes dificuldades de buscar os recursos naturais na área de 60 hectares.

Mas, as famílias Kaiowá vieram crescendo e, com muitas lutas para a sua sobrevivência e de suas tradições, nunca deixaram seu próprio espaço de onde viveram com suas culturas ricas; a cada ano eles batizaram as sementes naturais, colheram, e seguiram cuidando um do outro na área de 60 hectares. O povo Kaiowá sempre veio motivando a reza dos rezadores, mantendo as tradições, sempre lutando em busca do seu território para as famílias Kaiowá e para as futuras gerações do povo Kaiowá.

O grande cacique era o Pa’i Chiquito, meu bisavô, e suas famílias Kaiowá que, ali na pequena terra, construíram três casas de reza. A cada ano, os Kaiowá faziam o batismo de milho branco (*avati kyry*) e a festa do *tembetá kunumi pepy* no território de 60 hectares; viveram a partir da cultura tradicional, uma cultura rica de convivência.

Na época, na comunidade, não tinha o posto de saúde e os Kaiowá somente buscavam as plantas medicinais através do *nhembo’e* (reza) para a cura das famílias, principalmente a saúde das mulheres que correm risco na gravidez: elas sofreram mais

essa consequência, antes e após o parto. Graças às plantas medicinais, no território de 60 hectares não havia números de óbito de nenhuma das mulheres que chegaram a dar à luz, devido ao *pohã nanã kunhã pohã*, remédio caseiro das mulheres para saúde das mulheres. A comunidade frequentava o *juvyy* para cuidar da saúde: eram os únicos lugares de saúde do povo indígena Kaiowá desde a época dos antepassados.

As famílias Kaiowá, desde há muito tempo, vieram passando pela necessidade de voltar novamente a saber como recuperar as matas e florestas, *ka'aguy rusu*. A preocupação era grande, devido à terra já ter sido desmatada pelas colonizações agrícolas. Essa dificuldade era a maior preocupação para o povo Kaiowá: a preservação das matas já desmatadas e das plantas medicinais, que quase não existiam mais. As plantas medicinais só sobraram na área das nascentes e era difícil encontrá-las novamente. A exploração da natureza deixou os recursos totalmente destruídos pelos colonos. Mas o povo Kaiowá, mesmo com esses problemas e no conflito de terra, fortaleceram a língua materna, o bem viver, *teko porã*, e os saberes tradicionais, *teko marangatu*. Assim, permaneceram as tradições dentro do espaço de 60 hectares.

A luta e as dificuldades das famílias traziam os maiores problemas, principalmente na área da saúde. As plantas medicinais começaram a desaparecer, pois os antigos colonos fizeram muita limpeza para plantação de agriculturas. Deste modo, o povo Kaiowá começou a passar necessidade para buscar novamente as plantas medicinais e as árvores que são remédios naturais, aqueles que servem para a saúde das pessoas. A luta do povo Kaiowá na época era grande; mas, com o tempo, de lá para cá algumas pessoas desenvolveram meios para buscar os remédios farmacêuticos da antiga Vila Cruz: começaram a comprar os remédios para suas famílias.

Na época, era difícil o acesso para as pessoas, devido à exploração daquele território. A comunidade andava a pé em busca de alimento e teve que trabalhar de sol a sol para alguns dos colonos em troca de alimento e carne para a sobrevivência das famílias Kaiowá. Desde então, nessa época de dificuldade, a antiga Missão Kaiowá já atendia ao povo indígena, mas não tinha caminhão: era difícil o acesso para buscar a comunidade. O antigo padre Martins, da Missão, chegou como o primeiro a atender a comunidade no território de 60 hectares. Era o único que tinha caminhão. Antigamente, ele foi o primeiro padre que chegou a ajudar as famílias Kaiowá na saúde das mulheres, crianças, idosos e adultos em geral.

Desde a colonização agrícola, os povos Kaiowá de Panambizinho começaram a se dividir. Os colonos iniciaram o loteamento da terra e, por causa desse loteamento, só restaram 60 hectares no qual as famílias Kaiowá resistiram. As mesmas famílias quase foram retiradas desse lugar: ofereceram até dinheiro aos que resistiram e as famílias Kaiowá não aceitaram. Muitas das vezes tentaram mandar embora os Kaiowá desse local e, diante dessa luta, o conflito pela terra levou à busca da reivindicação pela demarcação da terra.

Ainda, tentaram mandar os Kaiowá para Posto Indígena de Dourados, mas os Kaiowá resistiram na terra, afirmando que permaneceriam nos 60 hectares, pois a terra Yvy Akandire pertence aos Kaiowá e às famílias do seu Lauro Concianza e Xamã Pa'i Chiquito. Juntos, os Kaiowá foram lutando, mesmo que a colonização agrícola quase dominasse a todos naquela área. O conflito pela terra trouxe ao povo Kaiowá muitos problemas, mas se permaneceu dentro do território. Os colonos chegaram a ocupar e desmatar a mata, sobre a qual foram destruindo e formaram a terra na produção de café e arroz. Muitos dos Kaiowá chegaram a trabalhar para os colonos para sobreviver. Desde a ocupação pelos colonos, o povo Kaiowá chegou a conviver trabalhando com machado e enxada para, no mínimo, sustentar as famílias. A colonização agrícola veio desde o governo de Getúlio Vargas: “[...] para a implementação de um projeto de colonização federal. Como Schaden (1995), na década de 1940, o governo de Getúlio Vargas estava doando terras de índios aos colonos e isso, futuramente, iria causar sérios problemas (MACIEL, 2012, p. 35).

O povo indígena Kaiowá, diante desses problemas do conflito pela terra, precisou resistir e lutar para reconquistar novamente o Panambizinho. A luta pela terra não foi fácil, pois não é fácil voltar novamente a fazer os povos viverem como antes, com muita mata, água, muita vegetação e animais silvestres, peixes e outras características desse passado antes da colonização. A vida, de alguma forma, tem sido diferente. Assim, tem sido esta história vivida que tem provocado as futuras gerações do povo Kaiowá a buscar conhecimentos e história para permanecer, respeitar e compreender o valor do seu povo no espaço sagrado, dentro da biodiversidade e da cultura Kaiowá (MACIEL, 2012).

A destruição ambiental na terra de 60 hectares provocou um grande impacto desde a colonização da CAND. A principal causa foi a exploração da mata, que resultou

na destruição da natureza. Foi comum, desde a colonização agrícola, o corte das árvores para repartir a área para produção de café e outros cultivos, além da produção de gado. Na destruição da mata, foram retiradas várias árvores nativas e alguns dos agricultores usaram as madeiras para construção de casas.

A destruição deixou a área de 60 hectares com terra vazia e apenas com nascente. Como consequência, a comunidade passou por dificuldades para buscar matéria prima em recursos naturais, principalmente para construção de casa. Os agricultores antigos não deixaram os indígenas entrarem na terra de cada um deles, por isso alguns tiveram que procurar o recurso em outros locais. Além disso, com a destruição da mata, muitas pessoas tiveram que procurar sapé em outro espaço, mas muitas pessoas não conseguiram porque os antigos agricultores queimavam o sapé para que o povo Kaiowá não construísse casas. Desde a colonização, a mata começou a desaparecer.

A destruição da mata causou grandes problemas para o meio ambiente e para a biodiversidade na terra de 60 hectares: as árvores, a água, os animais silvestres, a vegetação da floresta, a dificuldade de encontrar novamente o seus próprios recursos naturais são exemplos dos impactos causados. Mesmo diante desse problemas ambientais, os Kaiowá tiveram que subsidiar seus próprios alimentos naturais, motivando, juntos, a cultura tradicional e a reza sagrada, sempre buscando as práticas socioculturais no âmbito da vida em seu *tekoha* e a partir da suas sobrevivências próprias e naturais de acordo com as tradição e costumes. Assim, este contexto se apresenta como uma base da história a partir dos problemas ambientais na terra de 60 hectares no passado e no presente, Diante disso, fica clara a importância de construir novamente a preservação da natureza do espaço sagrado.

Daquela época em diante, ocorreram algumas mudanças na área da saúde. Devido à exploração da natureza, a comunidade não teve mais condições de buscar os remédios caseiros e não sabia mais onde encontrá-los. Mas, através da reza sagrada, os Kaiowá ainda se ajudavam muito na cura das pessoas. O cacique xamã era um grande rezador que, através do espírito, curava a comunidade das doenças comuns que afetavam as famílias Kaiowá, como diarreia (*tye rasy tye kutu*), gripe (*juu*), febre (*tete raku*), dor de cabeça (*akã rasy*) e dor urinária (*tyasy*), entre outras doenças comuns. Mas, o acesso para buscar as plantas medicinais foi se tornando cada vez mais difícil; as

famílias tiveram que procurar os remédios farmacêuticos na época e, atualmente, isso é uma realidade para a comunidade de Panambizinho. Na área de 60 hectares, naquela época, a saúde era outra realidade. Hoje, recentemente, é uma preocupação maior. Mesmo com essa situação, a comunidade vivia motivando a cultura tradicional e cultivando as sementes naturais, que cultivou junto com os saberes religiosos.

A terra, na época, quase não tinha espaço e as famílias cada vez mais cresciam. Com o tempo, como dos anos 70 para cá, a comunidade pediu para construir uma casa de sapé para ser atendida. Porém, o atendimento não era adequado para a comunidade. Mandaram um enfermeiro que veio da Missão Kaiowá. O primeiro enfermeiro, como já debatido, era um indígena da etnia Terena que atendia a comunidade e que, nessa época, já era atendida em Douradina, onde era a antiga FUNAI. Foi lá, talvez, o local onde se começou a fazer documentos das pessoas, o que gerou mais algumas mudanças na antiga terra de 60 hectares.

O povo kaiowá lutou muito pelos seus direitos na saúde e educação: por exemplo, não tinha escola adequada para atender ao ensino das crianças. Mas, principalmente, o povo lutou para recuperar a terra buscando o bem viver e o ser do Kaiowá através da reza forte, do canto e da reza sagrados para voltar novamente a retomar a terra que as colonizações agrícolas tiraram. Os mestres anciãos tiveram que manter o foco e recuperar as terras que foram do povo Kaiowá, desde o ano de 2000, através da reza e dos rituais sagrados. Porém, alguns dos mestres anciãos que lutaram por essa causa de recuperar a terra novamente, depois de anos lutando pelo bem viver e pela recuperação da mata e das florestas, não resistiram e tiveram que descansar. Os mais jovens e netos vieram buscando a luta para que a terra seja demarcada e reconhecida, para o povo Kaiowá, pelo governo federal.

A terra de 60 hectares fazia parte de um dos grandes territórios que foi denominado como *ka'aguy rusu*: grande floresta da Mata Atlântica, que também foi chamada de Yvy Akandire (Terra Sagrada). Foi nessa terra sagrada que Panambizinho existiu e ainda existe, com a comunidade vivendo mais unida junto com a tradição cultural do *guaxiré e guahu* (dança) e junto com as rezas sagradas, a cada ano fazendo a festa do *jerosy puku* na casa de reza e o *kunumi pepy*.

A terra de 60 hectares, portanto, era muito sagrada; os Kaiowá rezavam muito, sempre faziam festa, principalmente dança. As mulheres e mães, acompanhadas de seus

filhos, se sentiam felizes e preparavam os sucos de milho, *xixá* ou *kaguĩ*, enquanto os homens preparavam o *yvyraí*, feito de cedro, na preparação de *nhembo'e*. Assim era a preparação das festas de dança e rituais sagrados. A comunidade toda se prevenia, esperando chegar o dia da festa de danças sagradas.

A cada ano, os Kaiowá sempre fortaleciam a roça, o *kokue*, e por isso os Kaiowá faziam festa do batismo de milho branco, porque é a primeira semente que deve ser plantada na roça. Depois, devem ser plantadas todas as sementes para que o *jara* de todas as sementes abençoe os alimentos naturais, porque as sementes naturais que são da roça são considerados sagrados e devem ser respeitados.

A aldeia Panambizinho veio buscando o bem viver, *teko porã*, e o *teko marangatu*, para se recuperar dos impactos da perda da terra que sofreu há décadas na comunidade. Na história Kaiowá, em uma abordagem por meio de todos os saberes religiosos, tradição e memórias, a comunidade veio se preocupando com a importância da preservação, com as maneiras de voltar novamente a recuperar a mata, floresta, *ka'aguy rusu*, e com a conservação da natureza, em meio a uma área já desmatada. A preocupação da comunidade é de como voltar a preservar tudo aquilo que se perdeu no espaço: mata, nascente, córregos do *Xiru Karai* e Laranja Doce.

A Aldeia Panambizinho estava e está no processo de reconstrução, mas a terra foi totalmente destruída e já desmatada. O objetivo da comunidade era voltar a reconstruir os recursos naturais no território para refazer a área de sustentabilidade agroecológica dos alimentos naturais, pois o problema era a recuperação do meio ambiente: a mata, a fauna, os animais silvestres, a flora, as nascentes e o solo, para que não voltasse a ser degradada novamente. Tudo isso estava no processo de recuperação, para o povo poder reconstruir seu território *tekoha* de acordo com suas tradições, seus costumes, seus usos, seus cantos, suas danças; de tentar motivar as crianças sobre os próprios conhecimentos e culturas tradicionais do seu povo, sobre as histórias das crenças dos seus antepassados, de como era antes e após todos os saberes religiosos e valores do seu povo.

Depois de muitas lutas e conquistas, os Kaiowá de Panambizinho tentaram voltar a recuperar a mata, *yvyra kuery ha pohã ñana*, e os animais silvestres que desapareceram. Dessa forma, no processo de recuperação, a luta dos Kaiowá de Panambizinho continua na área da educação, da saúde e do saneamento básico. Após as

conquistas da terra, muitas famílias chegaram a passar necessidade quanto ao saneamento básico e ao encanamento de torneiras nas casas. Por isso, algumas famílias tiveram que construir as suas casas na beira do córrego Laranja Doce, para ficar mais fácil de buscar água.

No início da recuperação das terras, era difícil obter os recursos de sobrevivência para a comunidade. Devido ao conflito de terra, a comunidade dificilmente voltou a conseguir trabalhar novamente de diária para os brancos ex-colonos. Nenhum dos colonos quis dar o serviço para os indígenas kaiowá. Por isso, a maioria das pessoas iam longe à procura do serviço para sustento das suas famílias. Mas, a recuperação na terra estava iniciando; a comunidade começou a plantar os alimentos naturais, como mandioca, milho, milho branco, banana e abóbora, entre outros alimentos, para sobrevivência e sustento para a família.

As famílias da aldeia Panambizinho, após a demarcação, começaram a se espalhar ou se dividir, porque algumas famílias foram morar perto do córrego e outras mais perto da estrada e algumas famílias pegaram casa onde já tinha poço artesiano que havia sido dos colonos. Como a terra ficou maior, os lotes eram maiores do que quando era de 60 hectares. Algumas famílias escolheram o lugar e o espaço para construir suas casas, as suas próprias moradias para viver e recomeçar com a vida normal.

Mas, junto com seus costumes de fortalecer o conhecimento, dentro do conflito pela terra, muitas famílias perderam suas vidas fisicamente e mentalmente. Algumas famílias perderam as vidas em suicídio e, outras, pelo feitiço de indígena. Essa é uma realidade de hoje. Antes e após a demarcação, os problemas da saúde vieram se manifestando através das doenças comuns. A comunidade, desde há muito tempo, acha as doenças naturais.

Sabe-se que a saúde da comunidade corre risco. Devido à devastação das plantas medicinais, muitas pessoas deixaram de utilizar os seus próprios remédios caseiros e passaram a utilizar os remédios farmacêuticos. Com o tempo e o processo de degradação da terra, a mata de capim tomou conta da aldeia, mas as pessoas começaram a queimar, a botar o fogo. A comunidade achava que queimar resolveria o problema da braquiária e, com as queimadas, chegaram a causar mais problemas ainda dentro da aldeia, principalmente para a natureza que estava em processo de recuperação. A

comunidade veio a ter essas mudanças desde a colônia agrícola, que desmatou as florestas em Yvy Akandire.

Apesar da exploração e do conflito pela terra para conseguir a demarcação, o povo kaiowá veio permanecendo, valorizando e fortalecendo os seus próprios costumes de bem viver e é isso que o trouxe a conquista de retomar novamente os seus próprios territórios. O povo Kaiowá garantiu as suas conquistas pelo bem viver de plantar novamente, não para enriquecer: apenas para as famílias sobreviverem, terem paz e voltarem a recuperar os seus próprios meios de sustentabilidade: pescar, caçar, construir novamente a casa de reza.

Após a demarcação, muitos tiveram que enfrentar a necessidade de sobreviver buscando uma solução de voltar a compreender o meio ambiente já desmatado, junto com os seus costumes, o bem viver, os usos, as culturas tradicionais e a reza dos rezadores. A preocupação da comunidade residia em como voltar a viver como antes, na convivência do seu povo antepassado. Incentivaram-se, buscando as matérias-primas de madeira para a construção de casas e, com isso, vieram se desenvolvendo para construir novamente as casas e cultivar os alimentos naturais da roça (*kokue*). Havia muitas mudanças na aldeia, o que deixou as pessoas com preocupação. Segundo os mestres anciãos, na visão deles, viram a aldeia limpa de natureza e as pessoas, por isso, devem fortalecer a mata e as plantas medicinais.

Há muito tempo, o povo kaiowá não tinha dificuldade no acesso à mata e aos remédios caseiros, assim como aos animais, porque já moravam no meio da mata, perto do *juvy*. E hoje, na visão deles, não tem mais a mata, desapareceram tudo. É difícil para os mestres anciãos buscar novamente: eles observaram a transformação do meio ambiente nos seus *tekoha*. Essa preocupação e problemas vieram se tornando realidade atualmente.

A comunidade veio desvalorizando essa causa, sabendo que hoje o problema da saúde afeta a comunidade. Quanto aos antepassados, viviam antigamente numa maneira de vida normal, principalmente na roça dos alimentos naturais. Cultivavam vários alimentos e aquilo que conseguiam produzir. Recentemente, algumas pessoas da comunidade tentaram cultivar novamente, mas os problemas financeiros crescem dentro da comunidade, havendo a dificuldade de conseguir a máquina agrícola, por exemplo, para que a comunidade volte novamente a cultivar. Há uma dependência dos tratores,

pois muitas famílias precisam disso. Devido a essa dificuldade, muitas famílias não voltaram a cultivar novamente, porque o problema era financeiro. Essa é uma situação e realidade da aldeia Panambizinho após a demarcação.

Os Kaiowá de Panambizinho, após a demarcação, dependeram muito da ajuda da FUNAI para o sustento da cultivação das sementes. Mas, algumas famílias que conseguiram o cultivo das suas sementes, puderam pelo menos colher a cada ano os seus alimentos naturais. Todo ano, com isso, se foi fortalecendo, permanecendo e valorizando a festa do batismo de milho branco (*jerosy puku, avati kyry*), motivando a cultura do povo Kaiowá. Sabe-se que a cultura tradicional veio de uma cultura riquíssima, através dos saberes e da cosmologia, do uso de todas as fases naturais das sementes, do *jara* e do tempo. Esse conhecimento é natural para a comunidade de Panambizinho.

O meio ambiente do *tekoha* de Panambizinho já chegou explorado e desmatado para a comunidade. Por isso, hoje, na comunidade, a maioria não reconhece a mata e as plantas medicinais. Retornando ao tema dos remédios tradicionais, a preocupação é com as mães jovens, que não sabem onde buscar para suas famílias as plantas medicinais. Hoje, na aldeia, devido à exploração da natureza, os mestres anciãos e os mais adultos vão ao *juvyy*, ou eles pedem para pessoas outro *tekoha* trazer as plantas medicinais de acordo com qualidade dos remédios delas, de preferência para a saúde, ou aquele que vai servir para plantar na conservação de plantas medicinais.

Antigamente, eram usados os remédios caseiros de formas naturais, com todos os cuidados, a partir dos saberes tradicionais. As mulheres só dependiam das plantas nativas *kunã pohã*; seguiam todo o processo tradicional, através da reza e da parteira. As parteiras realmente eram sábias anciãs, que faziam *nhembo'e* para a criança nascer e chegar ao mundo. Poucos acreditam hoje nesse conhecimento, principalmente os mais jovens, que não buscam a informação de saber os nossos próprios remédios caseiros. É difícil que as pessoas que são mais adultas, que têm mais experiências, ensinem. Poucas pessoas ensinam porque muitos da comunidade não valorizam mais, porque não conhecem as plantas ou não se interessam em conhecer, gerando um ciclo vicioso. Mas, sabe-se que as plantas medicinais são de suma importância para a saúde do povo Kaiowá.

Na visão da comunidade do *tekoha* Panambizinho, há muitas pessoas que não conseguem enxergar o problema da saúde porque o território já está desmatado e a exploração tomou conta da aldeia. O *tekoha* Panambizinho, por anos, demorou para voltar a ser recuperado novamente. Neste contexto, a principal meta da comunidade é incentivar essa causa na escola e no ensino da educação, junto com esses conhecimentos, para poder compreender o valor desse saber e para prevenir a queimada.

Muitas famílias não dão valor para esses problemas. Mas, acreditamos que incentivar o ensino sobre o meio ambiente é talvez a única forma de ensinar os conhecimentos onde se pode aprender a compreender a natureza do povo, do *tekoha* onde vivem, no espaço onde convivem e a compreender os seus antepassados, para ensinar as suas futuras gerações, *mitã rusu kuera*, a valorizar o meio, pela vida do ser humano. Também, para conscientizar os alunos e a comunidade sobre a importância da preservação das plantas medicinais, para poder preservar os recursos naturais da aldeia Panambizinho.

Espera-se que o povo Kaiowá venha a reconhecer, através do ensino escolar, as plantas existentes no *juvyy*, onde a comunidade ainda a busca para utilizar com as suas famílias. Apesar das dificuldades de encontrá-las novamente, devido ao acontecimento de muitas queimadas e exploração, a importância no *tekoha* é buscá-las e incentivar sua conservação através da recuperação do meio ambiente na escola ou na comunidade. Pretende-se criar uma estratégia de conservar novamente a mata, ou seja, as árvores e as plantas medicinais, para que a comunidade, através disso, venha a reconhecer e respeitar os seus próprios remédios e a preservação do meio ambiente.

O *juvyy* (brejo) da aldeia Panambizinho se encontra com uma área de solo seca e quase todo ano ela corre o risco de desaparecer totalmente. Várias vezes, essa área pega fogo e maioria da comunidade se preocupa com aquele lugar, principalmente os mestres anciãos rezadores e as pessoas mais experientes, porque dificilmente se encontram as plantas medicinais. Quando o *juvyy* começa a brotar novamente, as plantas nascem e algumas delas têm flores e, quando é época, vários remédios brotam com as flores.

Existem vários lugares de saúde na aldeia; inclusive, o *juvyy* era chamado assim desde há muito tempo pelo ancestrais. *Juvyy* é um nome muito sagrado para o

povo kaiowá; no conhecimento tradicional ele deve ser respeitado, porque é um elemento da natureza para a saúde dos seres humanos.

No *tekoha* Panambizinho, existem vários lugares onde fica o *juvyy* (*tesãirenda*) e em todos eles existem os donos (*jara*) bom e mal, discutidos anteriormente. Quando se entrava no *juvyy*, tinha que fazer *jehovasa* primeiro, para que não corresse o perigo ao pegar as plantas medicinais. O *juvyy* mais frequentado pelas pessoas e fica na área do córrego Xiru Karai. O nome desse *juvyy* é *kunã arysapy*. Esse lugar é mais procurado porque o *jara* é do bem. Quando se vai procurar remédios ou buscar também para conservar na sua casa, as plantas crescem naturalmente. Em outros *juvyy* que ficam em outros locais, o povo Kaiowá e os mestres anciãos já consideram o seu dono do mal: este não autoriza as pessoas a frequentarem o lugar e, sem autorização, é muito perigoso, correndo-se o risco de encontrar algum animal como cobra ou aranha, entre outros.

Esse local do *juvyy*, desde há muito tempo, é protegido pelo povo Kaiowá. Ele é a natureza mais antiga de todos os tempos; todas as pessoas dos antepassados só dependiam desse lugar, porque era o único lugar onde existiam seus recursos e curavam o povo Kaiowá através da reza e do espírito do *nhembo'e*. Por isso, o *juvyy*, junto com a preservação da natureza, deve ser reconhecido, para defender a saúde dos Kaiowá de Panambizinho.

Sabendo que a aldeia Panambizinho está cercada pela monocultura de soja e que, com isso, os problemas de saúde são cada vez mais preocupantes para a comunidade, os conhecimentos se encontram em risco devido ao desinteresse das pessoas. Após a monocultura de soja e milho, algumas pessoas da comunidade acabaram aceitando os recursos do agronegócio, devido às necessidades, principalmente por causa dos problemas financeiros que o pessoal enfrenta. Após a entrada do agronegócio, de alguma forma houve mudanças na aldeia. De um lado, os próprios recursos novos que chegavam em cada família vieram trazendo coisas boas e ruins. Muitas famílias realizaram a construção de suas casas próprias, vivendo uma vida normal como todos queriam. Com isso, a comunidade veio trazendo o desenvolvimento da convivência e da sobrevivência das famílias. Por outro lado, as famílias Kaiowá passaram a depender dos recursos financeiros e grande parte da comunidade acha que esses recursos resolveriam os problemas da aldeia na saúde e na educação, sem se

preocupar com o bem viver da preservação da natureza, sabendo que agronegócio trouxe grandes problemas para preservação da natureza, pois o agronegócio destrói a mata, o rio, a água, a saúde dos seres humanos e causa a exploração da terra. Daqui para frente, o futuro da comunidade corre muitos riscos: se não souber usar os recursos financeiros do agronegócio, daqui há 10 ou 20 anos vão destruir suas próprias famílias, de veneno, violências, drogas, estupro, bebidas alcoólicas. Essa é a realidade dentro da aldeia, que está em uma situação crítica. As futuras gerações das crianças correm o risco de não saber mais sobre o meio ambiente, da preservação, e das vegetações da natureza do *tekoha*, de como voltar reconhecer novamente o seu próprio território, tudo isso devido ao agronegócio dentro da aldeia de Panambizinho.

Sendo assim, a realidade dos povos indígenas não é mais exatamente como era antes e, aos poucos, vai mudando e diversificando o seus modos de ser e viver. A língua já não se fala como antigamente, pois o diálogo se apresenta de uma forma bilíngue: Kaiowá e, para a segunda língua, português. Esses novos modos de ser e de viver preocupam os mestres tradicionais e anciãos. Observamos que, com essa diminuição de conhecimentos e de diferentes realidades a partir das convivências e de acordo com a realidades do modo de ser, a comunidade resiste através das necessidades e as dificuldades de preservar novamente a mata, as árvores, os seus usos das plantas medicinais.

É preciso destacar o fortalecimento das plantas medicinais e do *juvyy* do *tekoha* de Panambizinho, porque esses são um aspecto histórico dentro da cultura Kaiowá, que é viva nos seus territórios, nos seus próprios espaços. As espécies de cada planta precisam permanecer dentro do território como o centro da cura através da cosmologia Kaiowá de Panambizinho, para o *juvyy* não desaparecer.

O objetivo dessa dissertação foi desenvolver uma reflexão a partir dos problemas da saúde do povo Kaiowá e da comunidade, sabendo que a comunidade hoje já quase não se preocupa na área da saúde no *tekoha* onde vive. Envolver essa práticas culturais para compreender novamente o bem-estar da saúde, de acordo com as realidades da comunidade e das plantas existentes é fundamental, porque as plantas medicinais são muito importantes para a sobrevivência de todas as espécies e para os seres humanos. Mesmo que ela não seja tradicional, as plantas medicinais tem grande valor, porque ela é encontrada naturalmente nos lugares de saúde *juvyy*, no ambiente

natural, e é importante que a comunidade venha a contribuir com esse valor através da preservação na aldeia. Com isso, é possível resgatar novamente os usos e costumes do seus ancestrais e os saberes desse grande conhecimento, que podem ensinar através da educação aos mais jovens e da comunidade, junto com os mestres tradicionais, para que o povo Kaiowá venha a reconhecer e valorizar a importância do etnoconhecimento de plantas medicinais a partir das origens delas.

Sabendo que a terra indígena de Panambizinho sofreu muita exploração e há dificuldade de resgatar novamente, a partir do desenvolvimento desse trabalho as plantas medicinais podem ser investigadas e resgatadas, mesmo que aquela área já esteja explorada e desmatada. Possivelmente, há como reconhecer aquela área do *juvyy* através das histórias e dos saberes tradicionais, sabendo que esse local onde o povo Kaiowá vive segue fortalecendo a importância da preservação dentro da comunidade junto com a educação e saúde. É um conhecimento que precisa ser priorizado e utilizado novamente: que esses conhecimentos repassados pelo povo Kaiowá sejam conservados pela comunidade e que voltem a compreender a preservação da vegetação nativa no espaço.

A comunidade indígena, através da preservação principalmente do ensino da educação, pode vir a reconhecer a importância da saúde através do meio ambiente, evitar as queimadas e evitar degradar mais a terra para voltar a conservar novamente. É fundamental que as famílias conservem as plantas medicinais na área da sua casa, no espaço onde residem e que as mulheres possam fortalecer os seus próprios remédios, porque as famílias Kaiowá podem assim garantir a proteção das plantas medicinais, criar um espaço para coletar novamente as plantas medicinais, sabendo que os seres humanos dependem das plantas nativas desde há muito tempo. O povo Kaiowá veio perdendo a confiança nas plantas medicinais, pois a maioria das pessoas não chegou a utilizá-las e, por isso, não vê importâncias em tais plantas. Na visão dos mestres anciãos, se as pessoas não buscarem conservar as plantas, futuramente as gerações das crianças nunca voltarão a reconhecer todos os processos dos remédios. Se cada um conservar plantas no espaço da casa e na escola, o futuro do ambiente sempre estará presente em qualquer lugar para garantir a preservação da natureza e a importância de conservar o ambiente naturalmente no seu próprio *tekoha*.

Como as plantas se fortalecem no território, é importante falar da territorialidade indígena, que é um espaço de um povo tradicional e cultural das comunidades de diferentes etnias. É lá que se realizam os direitos dos povos indígenas de construir e desconstruir os territórios em que vivem, permanecendo as tradições do seu povo. O território cultural dos povos Guarani e Kaiowá é parte do ser e o jeito de ser e de viver dentro dos *tekoha*, o que fortalece o bem viver de permanecer nos seus territórios. Os Guarani e Kaiowá vivem de uma forma diferente o bem viver natural, pois as realidades e o jeito de viver de cada comunidade é distinto. O território indígena dos povos Guarani e Kaiowá é uma garantia de sobrevivência do ser e do bem viver, a sustentabilidade para a comunidade é a roça (*kokue*) e o jeito de ser, o *ava reko* ou *ava rekoha*.

A maneira com a qual os Guarani e Kaiowá vivem, isto é, a maneira de viver dentro dos territórios a partir das especificidades culturais, convive em tensionamento com políticas, violências, problemas de saúde e até com aspectos problemáticos na educação. Recentemente, a maioria das pessoas na comunidade não se preocupam, pois estes problemas passaram a ser vistos de uma forma natural, ou seja, que não seriam problemas para o território. Sabendo que os territórios indígenas compõem *tekohas* que são do povo Guarani e Kaiowá e que, portanto, pertencem a um povo originário, dentro das realidades de cada povo há problemas de política interna dentro das aldeias: se para algumas pessoas das comunidades não há problemas, em outros contextos são visíveis as dificuldades nos territórios.

A língua materna, por exemplo, têm sido fortalecida pelos Guarani e Kaiowá dentro do território a partir do jeito de ser do bem viver: a língua materna para os Guarani e Kaiowá é uma língua típica e natural para o povo indígena tradicional (*nhe'ê*), embora nos territórios indígenas já não vemos essa língua natural com tanta frequência. Desta forma, a mudança linguística indica que nos *tekohas*, hoje, algumas comunidades vêm desenvolvendo suas próprias realidades, diferentes em seus costumes de viver. Cada um desenvolve, nas práticas culturais e naturais, elementos como sobrevivência na roça e sustentabilidade dos alimentos naturais. No território de cada *tekoha*, há elementos naturais e culturais dos povos indígenas, como a roça (*kokue*), a caça e a pesca: são as únicas sobrevivências dentro dos territórios indígenas pelas comunidades Guarani e Kaiowá. A cultura indígena de cada povo é uma cultura riquíssima; um território cultural que guarda o direito de reconstruir o que cada povo

indígena luta, para manter o direito pela terra e demarcação, que vêm garantindo aos povos sustentabilidade, ser e bem viver (*ava reko*) e sobrevivência no âmbito do seu *tekoha*.

O território da etnia do povo Guarani e Kaiowá é uma sociedade formada por um grupo de comunidades de histórias culturais dos habitantes que compartilham de conhecimentos desde há muito tempo. Os antigos vêm mantendo viva a memória dos ancestrais e fazem permanecer esses saberes em cada *tekoha*. O conhecimento dos territórios, a partir da preservação da fauna e flora, permite que vários territórios vivam em áreas ecológicas, matas, florestas grandes e mata atlântica - o *ka'aguy rusu*. Território e sustentabilidade indígena formam um *tekoha* que apresenta uma realidade da forma de viver que se conjuga com a preservação dos recursos naturais, dos alimentos típicos e das sementes naturais dos povos Guarani e Kaiowá, que são: milho (*avati*), mandioca (*mandi'ó*), batata (*jety*) e outros alimentos. Além da sua própria sustentabilidade, os povos Guarani e Kaiowá vêm fortalecendo a cultura tradicional: canto, dança e reza cultural são grandes tradições ligadas à territorialidade de um povo que vem se desenvolvendo dentro do cotidiano em que se vive, nas comunidades e em cada família. Em pequenas propriedades, muitas famílias desenvolveram seus pequenos recursos naturais e, a cada ano, fazem suas colheitas de sementes naturais em locais onde vivem no seu *tekoha*. Para os Guarani e Kaiowá, guardar sementes para depois contribuir para outras famílias é bem viver (*teko joja*): o povo indígena sempre veio motivando essa realidade e saberes do bem e do ser (*teko porã*), compartilhando as suas próprias sementes para que o cultivo de sementes seja abençoado: essa é uma realidade dos costumes do bem viver dentro do território.

Desde há muito tempo, os territórios indígenas dos Guarani e Kaiowá vêm sofrendo exploração do desmatamento. Em alguns dos locais do território, os Guarani e Kaiowá foram expulsos das suas próprias terras e, em outros contextos, foram explorados e muitas famílias se deslocaram dos seus território ou saíram, mas acabaram voltando no lugar onde já habitaram e permaneciam. Recentemente, muitos territórios estão nessa luta de garantir os seus direitos pela terra e algumas comunidades voltaram ao seu território, como hoje podemos ver nas retomadas indígenas da região de Dourados, Mato Grosso do Sul, entre outras: nessa retomada, os povos indígenas vêm garantindo a pequena sustentabilidade dos recursos naturais e, hoje, o povo Guarani e Kaiowá depende da produção das sementes naturais nas retomadas indígenas. Os

Guarani e Kaiowá, nos seus territórios, apesar da preservação dos recursos naturais, têm enfrentado dificuldades e problemas a partir da saúde e educação. Na retomada, que chamamos também *tekoharã*, apesar das dificuldades como exploração de soja e milho, a sustentabilidade sobrevive.

A territorialidade dos povos Guarani e Kaiowá é um espaço e lugar em que a comunidade vive e reside; é o modo de viver dos povos indígenas, o *ava reko* ou *ava rekoha*, isto é, a maneira ou jeito de viver e sobreviver naquele local em que a comunidade permanece o bem viver desde há muito tempo e futuramente para geração do seu povo. No *tekoha* de cada povo indígena e na retomada, se vive buscando garantir o direito pela terra e demarcação e de construir novamente seus costumes e a cultura tradicional: as tradições do canto, reza e dança e o bem viver, que inclui a dignidade de ser dos povos Guarani e Kaiowá. A luta dos povos indígenas no contexto do Marco Temporal traz preocupação para a comunidade, tanto para o *tekoha*, quanto para a retomada: esse seria o maior inimigo para a população indígena. A tese do Marco Temporal, derrubada pelo Supremo Tribunal, mas reavivada pelo Congresso Nacional com outro nome, argumenta que a demarcação das terras indígenas só poderá ser efetivada se os povos ali viventes ou em conflito assim estivessem desde a data de promulgação da Constituição Federal de 1988. Para muitos povos indígenas, o Marco Temporal é uma grande perda dos seus direitos pela terra e pelo território. Sabendo que os povos indígenas têm o direito originário pela demarcação das terras, os territórios indígenas dos Guarani e Kaiowá sempre pertenceu ao seu *tekoha*. Os povos indígenas têm vivido e permanecido, a partir das suas lutas, nestes territórios, buscando o bem viver no *tekoha* em que vivem ou viveram os seus povos ancestrais.

A cada povo no *tekoha*, se busca o direito de permanecer naquele local - no *tekoha* ou *tekoharã* -, para as futuras gerações. Para além dos problemas de conflito decorrentes da luta pela terra, nas aldeias sempre houve também a questão das violências: atualmente, em cada território, há uma crescente presença da violência. Por exemplo, a violência interna dentro dos territórios, questões de saúde (que muitas vezes são vistas como doença natural ou feitiço dos próprios indígenas), violência doméstica, violência entre parentes, falta de reação das lideranças frente aos problemas e estupros. Há diversas causas da violência contra as mulheres indígenas, razão pela qual há também um aumento de feministas nestes espaços. Os machismos dos homens existem através de diferentes formas de violência doméstica, portanto, as mulheres lutam pelo

direito à terra em seus territórios. Muitas mulheres indígenas perderam suas vidas lutando pelos seus povos e a causas da violências entre os povos indígenas, bem como entre camponeses nas sociedades capitalistas, tem grande presença das mulheres que lutam contra preconceitos como racismo, ainda que à frente de tentativas de matar a voz e os direitos das mulheres. Além do racismo contra os povos indígenas, a luta inclui o direito de manifestar e praticar tradições religiosas próprias, a partir dos seus costumes, para manter e proteger os direitos culturais no território, bem como os direitos linguísticos. A luta das comunidades consiste, em grande parte, em garantir todos os direitos de ser e do jeito de viver dos povos Guarani Kaiowá - o *ava reko*.

Nas terras indígenas dos Guarani Kaiowá, tem sido desenvolvidas características próprias das identidades étnicas e culturais desse povo. Dentre os direitos, pode-se mencionar o direito de terra/demarcação, saúde e educação, inclusive ao acesso à língua materna para desenvolver a futura geração. Os direitos dos povos indígenas também inclui direito financeiro, econômico, social, cultural e de desenvolvimentos dos recursos naturais. Além disso, os povos indígenas devem ser protegidos em qualquer violação dos direitos originários e direitos humanos.

Os religiosos cristãos têm se inserido nas aldeias e muitos povos indígenas aceitaram essas religiões em seus territórios, o que levou a um descrédito das culturas tradicionais; a igreja e sua religião são uma realidade que muitos territórios estão passando, ou seja, essa é mais uma causa que os *tekoha* vêm enfrentando em uma situação que acontece hoje nas aldeias: as culturas e religiões estabelecem uma mistura de tradições que os guarani Kaiowá usam e apresentam como uma forma de conviver em conjunto.

O *ava reko* dos povos Guarani e Kaiowá no *tekoha* da terra indígena é a possibilidade de os povos viverem da maneira que eles vivem o modo de vida, o que envolve respeitar a terra, a vida e os direitos dos povos nativos. Isso inclui o respeito e a valorização de cada povo de diferente etnia e que a vida e o jeito de ser do povos indígenas surjam em respeito às gerações que ainda não nasceram. A terra foi explorada e desmatada, mas além dos impactos da perda de geração e violências a partir da exploração, muitos se desconectaram da natureza. Apesar disso, os povos têm resistido e agido a essa causa para recuperar novamente a herança do povos indígenas, não importa pelo que passam em situações críticas: na natureza, em crises climáticas, na

agricultura, em doenças, na educação. O grande *ava reko* é a forma de viver de uma forma a espiritualidade, uma tecnologia dos saberes da alma que reconhece a sabedoria da vida e a realidade da natureza. Assim como os guardiões do território, da alma, da natureza, da água, dos animais silvestres e do vento, o *ava reko* é uma forma de viver extremamente sábia; os anciãos xamãs são de grande sabedoria da terra que envolve uma linguagem de se comunicar com os espíritos (*jara*); uma conexão de poder entre todas as espécies da natureza, das sementes guardiãs, dos alimentos naturais, da preparação da terra para cultivar, do tempo das sementes na época de plantar e das plantas medicinais, que são remédio nativo dos povos indígenas.

Assim, o convívio dos indígenas dentro do território se conecta com a realidade tradicional da sua cultura; uma realidade da cosmologia que sempre veio fortalecendo, dentro do *ava reko*, os conhecimentos e história a partir do ensinamento das tradições. Acreditando no bem viver do seu *tekoha - teko joja, teko porã, teko marangatu* -, essa tradição é uma realidade cultural de cada povo no ambiente em que se vive no território, na retomada, em qualquer lugar no qual os povos habitam. O *ava reko*, enquanto jeito de viver ou modo de viver dos Guarani e Kaiowá, é um mundo natural dos seres humanos, de geração para geração, pois são os indígenas que vivem em todos os aspectos da criação da natureza e da terra.

O *juvvy* do Xiru Karai, parte do território de Panambizinho, é um espaço milenar sagrado e popular de uma das mais antigas regiões habitadas pelos povos Kaiowá. É um dos lugares de farmacologia Kaiowá. Nesse espaço, existiam várias espécies diferentes de plantas medicinais. As plantas medicinais têm de ser usadas a partir dos saberes tradicionais e eram utilizadas a partir da germinação e solo, pois as plantas medicinais tem suas próprias vegetações e jeitos de produzir e reproduzir. Cada planta medicinal existente é diferente na forma de ser utilizada e já foram usadas desde milhares de anos atrás.

A utilização das plantas medicinais foi medicamento para o povo Kaiowá de Yvy Akandire: eram encontradas em lugares de saúde muito antigos e recentemente têm diminuído no espaço já desmatado. No entanto, as plantas estão voltando a ser resgatadas novamente pelas comunidades. Presenciamos e observamos a destruição dessas áreas do Xiru Karai principalmente pelas queimadas, mas também pelas pessoas que não veem a importância desses lugares. Essas áreas do *juvvy (brejo)* devem ser

identificadas e preservadas novamente. O *juvvy* é um brejo de áreas típicas e naturais e é um dos lugares das plantas medicinais populares, como erva do brejo.

Um *juvvy* tem ecossistema próprio, como solo com água e barro e área com vegetação formada de várias espécies de plantas. Sabemos que o *juvvy* é o local do espaço sagrado com capim seco e grama verde e nesse local também existem algumas vidas animais: cobras, aranhas, formigas tocandira e algumas outros insetos, além de um solo bem fechado de capim e sapé. O *juvvy* existe e é um lugar profundo com água e para adentrá-lo é necessário tomar alguns cuidados, como fazer *jehovasa* e pedir licença para o dono.

Segundo a mestre anciã Rozalina Aquino, antes da chegada da colonização agrícola, para a comunidade Kaiowá era mais fácil pegar as plantas medicinais. Depois que os produtores rurais os brancos chegaram, todos saíram desse lugar e muitas pessoas foram embora deixando esse Yvy Akandire, porque os brancos (*karai*), começavam cortar a mata para fazer a área de produção de café e arroz.

Após a entrada da colonização agrícola dos produtores rurais, os povos kaiowá tiveram que procurar uma nova moradia e este foi o começo da divisão da população dos Kaiowá, que foi se dividindo. Muitas famílias foram para bem longe do Yvy Akandire e outras para o antigo Poto Guasu ou Yguasu, Guaviray; algumas famílias voltaram para o rio e outras voltaram para *cerro guasu*. Mas, as famílias Kaiowá foram as únicas que ficaram na antiga área de 60 hectares: são as famílias de Pa'i Chiquito e Lauro Conciianza e seus netos e bisnetos residem até hoje no Yvy Akandire.

O lugar de saúde no espaço sagrado das plantas medicinais desde há muito tempo foi o lugar da cura da saúde para os povos Kaiowá; o lugar de saúde apresenta uma farmacologia para os tratamentos de várias doenças em comum. A terra de 60 hectares, desde após a colonização agrícola, sofreu um impacto da exploração da terra: os antigo colonos começaram a produzir soja e milho o que gerou mudanças na área. Se para os colonos a produção gerava crescimento para sua economia, para os Kaiowá o meio ambiente continuava cada vez mais desmatado: o efeito do agro aumentava a cada ano. Os Kaiowá, a cada ano, no período da seca, rezava para a roça *kokue* e chamava a chuva para as sementes naturais. Quando o período da seca chegava, a preocupação dos colonos era sobre seu próprio agro/lavoura e era por causa dos Kaiowá que a chuva chegava. Desta forma, a dinâmica entre Kaiowás e colonos davam lucros para os

colonos: os Kaiowá chamavam chuva para a roça e a fortaleciam pela reza. Quando a chuva não parava, os Kaiowá rezavam novamente para parar de chover; quando os Kaiowá rezam para parar a chuva, chamam o *ama arekoy* - dono da chuva tupã. Assim, as sementes começavam a brotar novamente, mesmo que chegasse a seca.

Desde que a colonização e com a chegada dos colonos, não se parava de plantar as lavouras e se proibia os Kaiowá de pegar as madeiras na Laranja Doce e até para pescar. Além dos impactos da terra de 60 hectares, muitos animais já não apareciam mais e a pesca e a caça diminuíram para a comunidade Kaiowá. Desta forma, a comunidade teve que ir longe à procura de pescar e caçar para sobrevivência; principalmente em buscar alimentos. Os Kaiowá, tinham dificuldade de produzir os seus próprios alimentos devido ao fato de que a terra não tinha espaço e essa era a maior dificuldade que os Kaiowá enfrentavam durante a luta pela terra e demarcação. Pela dificuldade, os Kaiowá passam a frequentar a margem do Laranja Doce, principalmente na pesca. Os Kaiowá, como guardiões das rezas sagradas, garantiam a preservação através de chamar a chuva para preservação dos ambientes naturais; mesmo que os Kaiowá enfrentassem problemas da luta pela demarcação de terras, buscavam acreditar em todos os elementos naturais do ser sagrado *jara*. Para os Kaiowá, a importância das sementes são o *kokue* e o bem viver; mesmo que a terra tenha sofrido impacto, os Kaiowá, a cada ano, colhiam poucos alimentos para no mínimo sustentar as famílias. Desde que a colonização se explorava o território Panambizinho e a terra de 60 hectares era considerada uma terra muito produtiva e riquíssima, devido à chuva.

No modo tradicional, Rozalina Aquino, anciã, tem que esperar o tempo certo para plantar e para colher. O efeito da importância para os Kaiowá são o *kokue*, desde antes e após a chegada da colonização. Para os Kaiowá, o necessário era plantar aquele que consegue sustentar as famílias; após muito anos, na área de 60 hectares, a recuperação do solo demorou a voltar novamente, principalmente o reflorestamento e a recuperação do ambiente pelos povos Kaiowá. Por isso, os Kaiowá estão buscando voltar novamente a essas áreas e a contribuir para a preservação, junto com a reza, chamando chuva. Segundo os Kaiowá, chamar a chuva não é para as sementes, mas para a humanidade e a terra; os efeitos da importância do agro para os povos Kaiowá são o efeito da chuva. Sem a chuva, a terra queima.

## 2.2 Narrativas e cosmologia do *juvyy*

O *juvyy* da aldeia Panambizinho é um centro das áreas nascentes que passam dentro da aldeia. É o lugar das plantas medicinais em que o córrego passa pela área do Xiru Karai; um lugar que é considerado muito antigo pelos povos Kaiowá que buscavam as plantas medicinais para a saúde do seu povo e para as famílias. Há muito tempo, os povos do antepassado e os ancestrais acreditavam nesses lugares sagrados onde as plantas medicinais eram uma cura de doenças através do espírito sagrado e *nhembo 'e*; o povo Kaiowá acreditava que ali existia um espírito do mal e do bem, então o *juvyy* é um *jara*, o dono de todas as plantas e lugares. O *juvyy* é um nome tradicional típico, porque o lugar é um ser *pohã ro 'ysã*; a palavra *ho 'ysã* é o nome do lugar das plantas água e o capim que na região, com água, dá vida para o *juvyy* e para as plantas. Muitos povos ancestrais acreditam que o dono realmente vive ali e muitas pessoas não viram e aqueles que acreditaram, viram que realmente existe pessoas como o *jara* vivendo através do espírito. Só algumas pessoas que chegaram a ver e até chegaram se comunicar com alguns deles: o *jara*, o dono da mata.

Esses lugares eram considerados muito sagrado desde há muito tempo pelo povo Kaiowá, por exemplo, as mulheres somente utilizavam e buscavam nesse local as plantas *kunhã pohã* desde antes e pós-parto natural. Muitas mulheres perderam suas vidas e perderam seus filhos no trabalho de parto, pois a dor era muito forte e muitas mulheres não se preocupavam com sua saúde ou não sabiam como utilizar os remédios. Por outro lado, muitas mulheres também utilizavam os remédios, pois sabiam quais das plantas era para o bem da saúde.

O *juvyy* é um ser muito sagrado e, antigamente, o povo Kaiowá acreditava que ele sobrevivia: mesmo que fosse desmatado, continuava vivo dentro do barro e nunca acabaria, porque o *jara* (dono) vive naquele local. O povo Kaiowá valoriza desde há muito tempo esse lugar como o lugar farmacológico tradicional, pois na época era apenas mata e somente se buscava ali para utilizar as plantas medicinais. Na época, era mais fácil para o povo Kaiowá buscar e utilizar o espaço porque se vivia ali perto do *juvyy*.

Há muito tempo, o *juvyy* era conhecido pelos mestres tradicionais, que o chamavam pelo nome nativo. Junto ao *juvyy*, segundo os mestres tradicionais acreditavam, a *Nhandesy* - que é a primeira esposa do *Nhanderu*, pai do sol e da lua - no

início da criação do mundo, há bilhões de anos atrás, criou o *juvyy rembypy*. Desta forma, para conhecermos as origens do *juvyy*, precisamos contar a história do *juvyy rembypy*. *Nhandesy Rembypy* era a primeira mulher que nasceu no mundo, no centro da terra Yvy Pyte Cerro Guasu. Esse lugar é pertencente ao centro da terra: desde que ela veio ao mundo através do *jasuka*, a criação do mundo e da terra, era a primeira esposa do *Nhanderu*, pai do Sol e da Lua. Desde que ela chegou ao mundo, criou a nascente de uma mina para beber água (*yvu*) e ali gerou o *juvyy* na área da nascente. Nesse mesmo lugar, ela criou as primeiras plantas medicinais: *haviju guasua*, *mbaegua*, *karoa*, *hi'a pea* é o nome nativo da planta *ajaka rasy pohã*. A *Nhandesy* brotou todas as plantas medicinais e chamou esse lugar de *juvyy mirî* para que essas plantas brotassem no mundo inteiro para a saúde dos seres humanos: esse local fica na aldeia Yvy Pyte, onde se iniciou a terra, a mata e a natureza.

Desde após o início da terra, quando a *Nhandesy Rembypy* criou o *juvyy*, se espalhou ao mundo inteiro, através do espírito, o *jara juvyy jara*. A *Nhandesy* criou o *juvyy* para pensar no futuro da saúde dos seres humanos, de geração em geração. Os principais remédios eram das mulheres *kunhã pohã*: a *Nhandesy* os criou acreditando, pela força da natureza e para a farmacologia tradicional dos seres humanos, no espírito das plantas medicinais porque estes seriam a cura da saúde através do espírito e *nhembo'e*. As plantas medicinais são uma cura de doenças para a alma, o corpo e o espírito. Desta forma, o *jara nderekojara*, o remédio *pohã arekoy* e o espírito das plantas medicinais existem para curar até a alma dos seres humanos. A *Nhandesy* criou o *juvyy* junto com todos os seres, os *jara* da mata. A mata e os brejos são sagrados naturalmente; é uma vida que resiste naquele lugar. O *juvyy* é o centro principal das matas, onde se dá a vida para a natureza e para a vida dos seres humanos uma cura das almas e do espírito que vive na sua alma. *Nhandesy Rembypy* criou o *juvyy mirî*, acreditando na natureza para a cura da saúde das pessoas; ela o criou como a rainha das plantas medicinais e, por isso, o povo Kaiowá até hoje o chama pelo nome de origem (*juvyy*).

O *juvyy* é a principal área e lugar no qual todas as plantas medicinais se localizam; desde o início, estava vivo na sua própria conservação. As plantas medicinais foram o único remédio natural para o povo Kaiowá desde há muito tempo; elas vieram se desenvolvendo para a cura de doenças dos seres humanos. O povo Kaiowá fazia tratamentos de doenças intestinais usando as plantas e raízes para combater e aliviar as

dores juntos com *jehovasa* e *nhembo'e* e pedindo, através do espírito, para a dona das plantas medicinais abençoar a pessoa que está doente.

O povo Kaiowá veio adquirindo esses conhecimentos na cura de doenças, pois esse era o único tratamento na época e, até hoje, este é o tratamento nas comunidades: o grande valor das plantas medicinais no local onde ela é conservada e na sua origem, local em que se encontra no *juvyy*. São plantas próprias de origem e popular, que passaram de geração em geração, na Aldeia Panambizinho. Atualmente, ela é reconhecidas pela população. Os mestres, anciãos e mulheres que ainda dão valor para as plantas medicinais sempre reconhecem esses valores pensando na futura geração, das crianças.

É preciso pedir para o *jara* conservar as plantas medicinais nas casas, pois o conhecimento da sua origem veio da cultura natural e do tradicional; ela é sagrada dentro da sua origem própria e natural. Para os Kaiowá, existe o tempo e época em que as doenças vêm afetando os seres humanos e, quando chegava essa hora, do tempo das doenças, os xamãs e caciques da casa na época já faziam uma reza forte para espantar essas doenças para ir bem longe. Se não espantar através do *nhembo'e* a doenças tipo virose, como é chamado hoje, as doenças chegam e matam quem pegar, até a criança, e por isso os rezadores xamãs (*hexakary*) vêm desde já alertando o seu povo a fazer o *nhembo'e* e *jehovasa* para prevenção da doença grave. A doença tem o *jara* que o povo Kaiowá chama de Curupira brava. Existe uma reza muito forte para esse *jara* e muito rezadores na época, quando o passar do tempo, já começam a rezar para a Curupira e então a doença grave não vem por aqui: vai para bem longe, para o mar.

O *juvyy* é um ecossistema considerado degradado. Entretanto, mesmo que a queimada chegue a atingir essas áreas, as raízes ficam na parte de baixo do barro e em pouco tempo voltam a nascer novamente. Por ela ser naturalmente brejo existem também alguns animais que habitam nesse local, como cobra, aranha e outros, como insetos, que são considerados perigosos. É um espaço pantanoso e o solo é naturalmente aquático: o *juvyy* é uma diversidade de plantas medicinais naturais em um ambiente específico e apresenta essa característica para outros ecossistemas de biodiversidades naturais. A presença das águas em abundância cria uma umidade que favorece o crescimento das plantas medicinais aquáticas. *Juvyy* apresenta grande diversidade natural e alguns animais também já foram adaptados ao ambiente. O solo da mata e

água servem também para diversas espécies como anfíbios, sapo e rãs, além de outras espécies, como aves aquáticas, patos e garças brancas que são várias e diversas encontradas nesse ambiente ecossistemas e natural. O *juvyy* que fica no local da nascente que passa na área do Xiru Karai é mais facilmente atingido por queimadas anuais: essa área é um ambiente de solo fechado com mata seca e sapé, por isso essa área sempre corre o risco de ser queimada. A degradação do *juvyy* e seu solo natural está sempre sendo ameaçada localmente. O *juvyy*, que é da área da Laranja Doce, compõe a diversidade natural junto com a mata floresta de árvores arbóreas, de forma que a área do brejo fica junto de árvores e onde o solo é mais protegido pela própria mata. Nesse local, as plantas medicinais são mais preservadas a cada ano. Por isso, para garantir a preservação do *juvyy*, é necessário conservar uma área, como na horta, para fazer uma criação de área protegida e reservas naturais, de forma a garantir a conservação dos brejos e, principalmente, a proteção desse ambiente. Além disso, o brejo é um ecossistema repleto de plantas riquíssimas e um dos espaços fascinantes, pois além das plantas medicinais existem algumas plantas que não podem ser utilizadas e não são encontradas no brejo. Algumas plantas possuem folhas perigosas e, quando tocadas, são capazes de cortar a pele. Os brejos são conhecidos naturalmente pelo seu espaço e diversidade popular e sacralidade. Além de água e solo com degradação natural de ecossistemas únicos de extrema importância para a biodiversidade e ecologia, há a diversidade natural popular para a sobrevivência dos seres humanos e diversas espécies vegetais e animais que são adaptadas no ambiente, portanto sua proteção é de garantir a continuidade da conservação dentro da biodiversidade.

Hoje, os Kaiowá vêm fortalecendo esse conhecimento. Há muito tempo atrás, várias doenças malignas matavam as crianças: uma virose ou gripe grave entre os Kaiowá era chamada de *ju'u puku*: essa doença, quando o adulto e criança pegava, não levava nem um segundo e já morriam rapidamente de falta de ar. *Oju'u puku* era considerado, na época, para os Kaiowá, uma doença perigosa, pois colocava a vida dos povos em risco de morte. Pelos xamãs, na época, se rezava junto, se tomava banho na folha de cedro e se tomava o chá também, porque eles acreditam que a doença veio através do espírito maligno *ju'y* (arco-íris). Os Kaiowá falavam também que existem várias doenças que vieram a partir do clima: eles o chamam pelo *maentirô*, *ju'y* (arco-íris). *Mba'asy jara*, dentro dos conhecimentos para os Kaiowá, é uma cultura popular que é tradicionalmente natural e sagrada na qual tudo vem do *jara* e, com isso, veio

permanecendo através do saberes religiosos o valor do seu povo e a realidade natural do modo de ser dos Kaiowá: uma cultura riquíssima que veio motivando a realidade do ambiente em que a comunidade veio praticando o modo de ser tradicionalmente a partir das religiosidades sagradas que estabelecem o elemento da natureza. Assim, o *juvyy* tem suas histórias.

### 3. JUVYY COMO LUGAR DE SAÚDE, *TESÃI RENDA*<sup>4</sup>

#### 3.1 Diversidades encontradas neste espaço e sua utilização medicinal: *juvyy* (*tesãí renda*), lugares de saúde na cosmologia Kaiowá de Panambizinho

As plantas medicinais existentes no *juvyy* de Panambizinho são conservadas na área natural. Recentemente, a comunidade o chama também pelo nome *pindaíá*. O *juvyy* é um nome que existe em sua origem a partir de um nome popular pelo povo Kaiowá desde há muito tempo. As plantas medicinais no *juvyy* existem em uma área bem conservada e seca, com muito capim fechado e e essa água dá vida às plantas. Com o tempo, a área fica bem verde e é nessa hora que as plantas se encontram mais no *juvyy*. Após esse tempo, a área do *juvyy* fica seca e muitas plantas e folhas ficam brochando, mas a raiz fica dentro do barro. Com o tempo, tais plantas brotam novamente e vivem como uma forma natural e existente.

Atualmente, observamos que muitas pessoas de outras aldeias vieram à procura das plantas medicinais e até os não indígenas vieram à procura dos remédios naturais. As plantas medicinais mais procuradas pelo povos são para dores intestinais e dores de estômago e outras plantas são mais procuradas pelas mulheres e até as mulheres não indígenas vêm à procura dos remédios. Recentemente, se trata a farmacologia natural como um tipo de mercadoria, pois se busca as plantas para fazer trocas de roupa ou até vender remédios. Atualmente, já não se vê mais tais remédios como uma forma natural. Algumas mulheres que realmente ainda acreditam e utilizam essas medicinas já têm desenvolvido, nas suas casas, a conservação das plantas para poder preservá-las também; as plantas medicinais são muito raras e riquíssimas para aqueles que realmente acreditam e que têm utilizado tais recursos dentro das suas famílias. Na imagem a seguir minha mãe Rozalina está segurando uma samambaia e explicando pra quê a raiz dela serve.

---

<sup>4</sup> Parte deste capítulo foi apresentado em coautoria com Rosa Colman, como trabalho completo intitulado “*Juvyy ha Tesãí Renda: Espaço de Saúde na Cosmologia Kaiowá de Panambizinho Yvy Akãndire*”, no evento “X Seminário Povos Indígenas e Sustentabilidade: Visibilidade e Protagonismo, Resistências e Lutas dos Povos Indígenas na Construção da Autonomia”, realizado pela Universidade Católica Dom Bosco, nos dias 18 a 20 de setembro de 2023.

**Figura 13 – Mestre Rozalina**



Fonte: arquivo pessoal.

O *juvy*, a partir do desenvolvimento e da conservação, cresce muito rápido em seu tempo de evolução: algumas plantas nascem com flores e algumas plantas não. Além desse processo, as plantas naturais do *juvy* são raras e difíceis de se encontrar, pois depende se a área não for queimada. Nas vezes em que a área no entorno do *juvy* é

queimada, as plantas queimam também porque a área é fechada com a mata de capim seco. Se depende da chuva para que a área se recupere da queimada. A cada ano, a área é queimada e o *juvyy* permanece ali e, mesmo com o tempo, elas voltam a crescer novamente após a queimada.

### **3.2 As plantas medicinais que os Kaiowá utilizam para a saúde das pessoas Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire**

Neste item, vou detalhar as plantas medicinais utilizadas por mulheres, homens, crianças e meninas adolescentes. Há plantas de utilização em geral por adultos e crianças, bem como aromatizantes para os apaixonados. Também vou explicar brevemente os modos de preparo desses remédios.

As plantas medicinais das mulheres, dentre as principais que pesquisei com as mulheres sábias do meu *tekoha* são de 21 diferentes espécies: *pohã ro 'ysã*, *pohã roysan guasu*, *avati roy*, *karaguara*, *karaguara guasu*, *nhundiá pohã*, *yvyxî*, *karaguata 'i*, *hova vijû guasua*, *yvapî*, *araku pohã*, *kapî pohã*, *kapî pohã guasu*, *nhapeusakuâ*, *jarija*, *mitã atey ey já*, *jaruti pohã*, *pykasu pohã*, *membyja*, *memby kakuá 'aja*, *kunhãja*, *kunumija*.\_

A seguir, descrevo algumas dessas plantas e seus usos.

### 3.2.1 *Pohã ro'ysã*

Ferver a raiz e tomar o chá para dores de útero antes e pós parto para limpar o organismo, pois é depurativo.

**Figura 14 – *Pohã roysan***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.2 *Pohã roysan guasu*

Ferver a raiz e tomar o chá para dores de útero antes e após o parto para limpar o odor do organismo.

**Figura 15 - *Pohã roysan guasu***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.3 *Avati roy*

Ferver a raiz e a fruta. Tomar o chá para o odor do útero e limpar organismo antes e após parto.

**Figura 16 – *Avati roy***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.4 *Karaguara*

Ferver a raiz e tomar o chá para odor após parto para limpar o organismo depurativo e sangue. Essa planta é muito amarga e muitas mulheres usam para fazer aborto, mas ela é mais usada no pós parto.

### 3.2.5 *Karaguara guasu*

Essa planta é da mesma espécie da planta *karaguara* mas ela não é amarga. Para utilizá-la, é necessário ferver a raiz e tomar chá para odor, no pós parto, para limpar o organismo.

### 3.2.6 *Yvyxî*

Tirar a casca e ferver. Tomar o chá toda manhã. À mulher grávida, a partir de sete pra oito meses, é recomendado o chá. O medicamento serve para o parto normal, para não correr o risco de se operar e para não sentir muito o odor antes do parto.

### 3.2.7 *Karaguatá'í*

Ferver a folha e tomar o chá para o odor do útero contra a doença do colo de útero.

### 3.2.8 *Hova viju guasua*

Ferver a raiz e tomar o chá para o organismo e útero.

### 3.2.9 *Yvapî*

Ferver a raiz e tomar o chá para prevenir dor no organismo e no útero.

### 3.2.10 *Nhundiá pohã*

Ferver folha e tomar o chá para o corrimento branco da mulher e adolescente. Serve para prevenir o corrimento branco que causa o odor íntimo.

**Figura 17 – *Nhundiá pohã***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.11 *Araku pohã*

Ferver a raiz e tomar o chá para dores de organismo do útero e prevenção de doenças relacionadas.

**Figura 18 – *Araku pohã***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.12 *Kapî pohã*

Socar a raiz, depois ferver e tomar como o chá, para organismo e útero.

### 3.2.13 *Kapî pohã guasu*

Socar a raiz e depois ferver e tomar como o chá, para organismo e útero de prevenção de alguns odores.

**Figura 19 – *Kapî pohã guasu***



Fonte: arquivo pessoal.

**Figura 20 – *Kapin guasu***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.15 *Nhapeusakuã*

Socar a Raiz e depois ferver tomar como o chá para organismo e odores do útero.

**Figura 21 – *Kapii ypy***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.16 *Jarija*

Socar a raiz e o bulbo da planta até preparar como pó, depois comer e beber junto com água. Recomendado para o pós parto ou para nunca mais voltar a ter filho novamente. Também é usada para meninas a partir de fase de ficar moça com a primeira menstruação, para nunca gerar o filho. Por isso, algumas mulheres tomam o medicamento depois de ter filhos.

### 3.2.17 *Mitã atey ey ja*

É uma planta que fica embaixo d'água. Para as mulheres, antigamente essa planta era mais fácil de pegar e consumir porque era fácil de encontrar, pois hoje ela já não se encontra mais. As mulheres dos antepassados só utilizavam essa planta para o bebê nascer de parto normal.

### 3.2.18 *Jaruti pohã*

Socar a folhinha e mastigar. É possível comer o pó juntos com água, para prevenir o odor da cólica menstrual. Para diminuir e controlar o corrimento do sangue da menstruação por muito dias e tempo, prevenir o câncer a partir disso. Essa plantinha é indicada para mulher e adolescente.

### 3.2.19 *Pykasu pohã*

Essa planta é da mesma espécie do *jaruti pohã*. Para ministrá-la, socar a folha e moer para depois mastigar e tomar com água. A planta também serve para prevenção de sangue de corrimento gravíssimo por muitos dias e tempo, pois ela controla menstruação de odor e diminuição do sangue da mulher e das meninas.

### 3.2.20 *Kunhãja*

Ferver a folha e raiz. Tomar toda manhã antes de comer. Recomendado para aquela mulher que não consegue reproduzir uma filha. Essa planta não pode tocar principalmente meninas novas, senão quando for casar a mulher não consegue filho homem. Remédio recomendado só para aquela mulher que prefere filha. Algumas mulheres tomam porque só reproduz filho homem e então tomam essa planta para reproduzir filha menina também.

### 3.2.21 *Kunumija*

Ferver a folha e Raiz tomar toda manhã antes de comer, para aquela mulher que prefere gerar filho homem. Algumas mulheres que tem só filhas e não consegue engravidar de menino tomam esse remédio para conseguir engravidar de menino. A menina nova não pode tocar nessa planta também, senão quando for casar ela só engravida de menino.

As Plantas medicinais para homens, as principais que encontrei nas conversas com as mulheres sábias do meu *tekoha* são de seis espécies: *samambai guasu*, *kanha braba*, *jahape rapo*, *hi'a péa*, *ajaka pohã* e *nhuapekã rapo*.

### 3.2.22 *Membyja*

Ela é uma planta parecida com a das orquídeas e serve para mulher que queira gerar um filho. Essa planta é para aquela mulher que não consegue reproduzir o filho e é uma planta muito poderosa. Meninas novas ou mulheres que não queiram mais engravidar não podem nem tocar nessa planta, senão voltam a engravidar. Somente mestre *nhandesy* pode preparar esse remédio para mulher que não consegue reproduzir. Algumas mulher usam no tereré para engravidar.

**Figura 22 – *Membyeyja***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.23 *Memby kakuaaja*

Ferver o bulbo da planta e tomar o chá ou socar e moer para mastigar e tomar com água. Planta indicada para tomar ou mastigar depois do parto para controlar a geração de o filho novamente. Se tomar depois do parto, a mulher consegue engravidar novamente depois de a criança completar sete, oito ou 12 anos. Planta considerada temporária.

**Figura 23 – *Membyka kuaaja***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.24 *Samambai guasu*

Ferver a raiz e tomar como chá para infecção do organismo e rins.

### 3.2.25 *Kanha braba*

Ferver a folha e tomar como o chá, para infecção do organismo, rins e renais.

### 3.2.26 *Jahape rapo*

Ferver a raiz e tomar o chá, para infecção do organismo e rins e para dificuldade de urinar (*tyasy*).

### 3.2.27 *Hia pea*

Ferver a raiz, depois coar e tomar como chá, para organismo e rins.

### 3.2.28 *Ajaka pohã*

Ferver a raiz. Picar primeiro e depois socar para tomar no chimarrão para o organismo antes da infecção. Também é recomendado para rins, cólica, diarreia grave e dificuldade de urinar (*tyasy*). Deve tomar antes ou após infecção.

**Figura 24 – *Ajaka pohã***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.29 *Nhuapekã rapó*

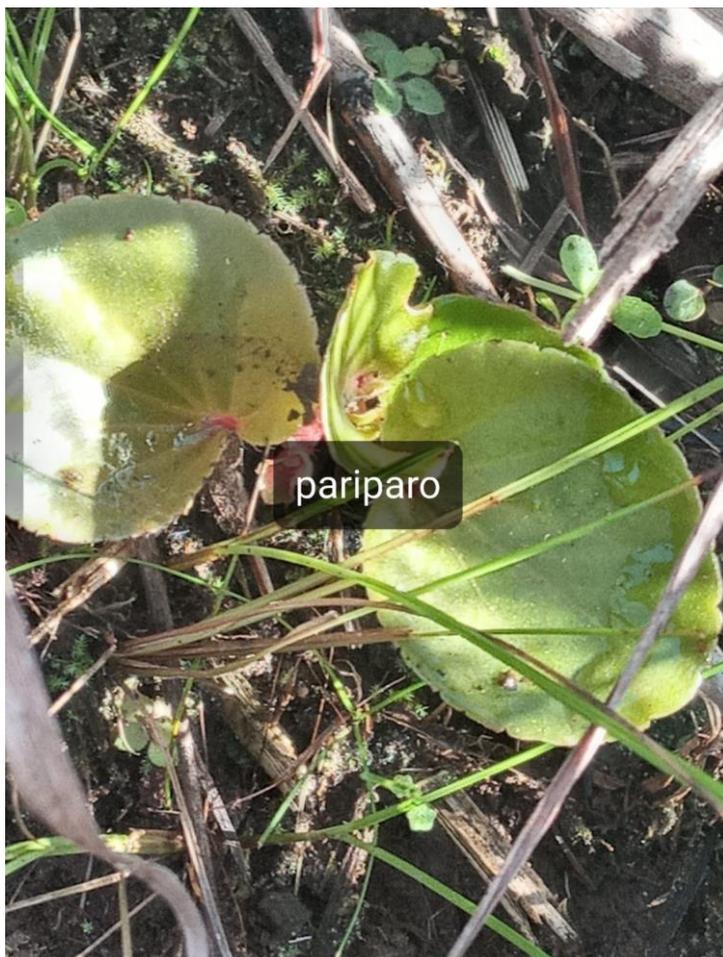
Ferver a raiz e depois tomar o chá, para o organismo e rins. Tomar antes da infecção ou depois da dificuldade de urinar (*tyasy*).

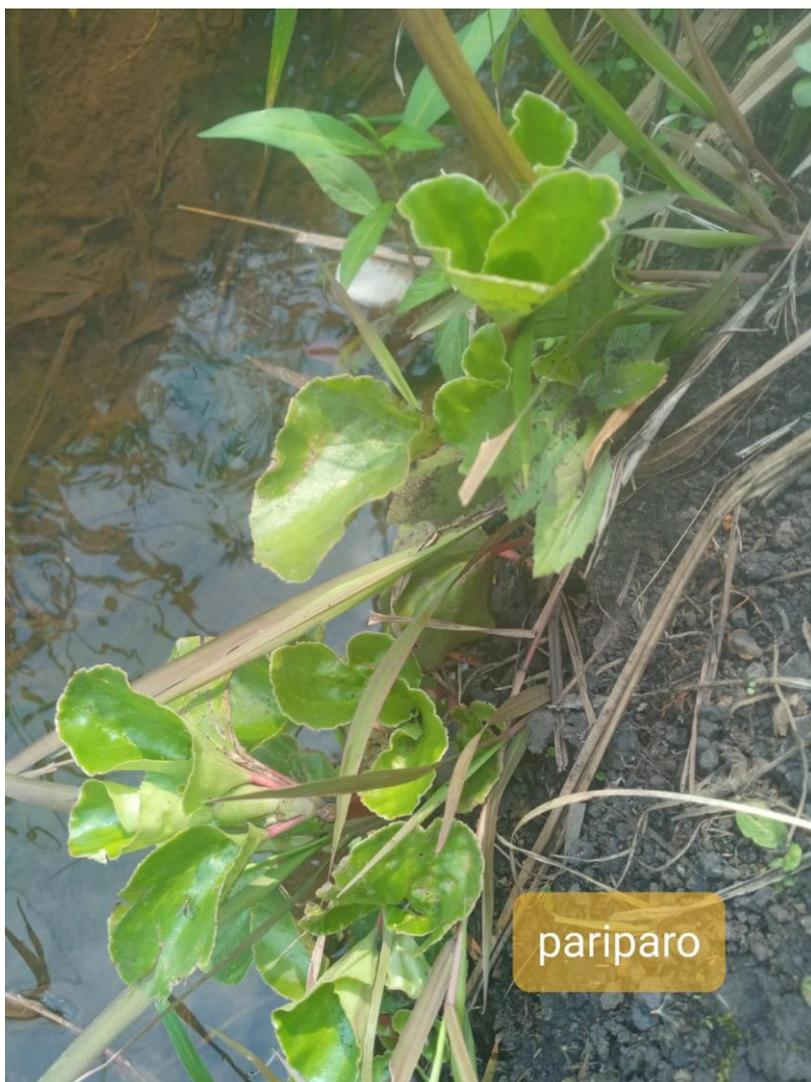
E as plantas medicinais para crianças que pesquisei são de nove espécies: *pariparo*, *aratiku*, *yvyraitá*, *mbegue*, *pacu pohã*, *tekoseja*, *jaguarete'i ruguai*, *manemby*, *nhe'e ngatuja*.

### 3.2.30 *Pariparo*

Ferver a folha e banhar a criança para aliviar febre, gripe e dor de cabeça.

**Figuras 25 e 26 – *Paripapo***





Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.31 *Aratiku*

Tirar a casca e depois queimar o preto. Passar no dedo da mão e depois passar na boqueira da criança para aliviar a dor. Passar três vezes ao dia no máximo (*juruvaí pohã*).

### 3.2.32 *Yvyraitá*

Tirar a casca e mastigar com o dente para depois passar na boqueira da criança: fazer tipo pomada.

### 3.2.33 *Mbegue*

Tirar a folha ou raiz e passar na barriga da criança ou colocar no pano para amarrar ao redor da barriga para que o cheiro de diarreia e vômito seja aliviado (*sevoí pohã*).

### 3.2.34 *Pacu pohã*

Planta aquática. Colocar a folha na bacia para banhar a criança, de preferência bebê para prevenção de doenças, como diarreia.

**Figura 27 – Pacu pohã**



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.25 *Jaguarete'i ruguai*

A folha deve ser fervida na água morna e, depois de esfriar, banhar o recém-nascido para acalmá-lo. O remédio ajuda o recém-nascido a evitar o choro, pois é um

produto calmante. Se o bebê for banhado nesta água, cresce sem chorar. O bebê dorme calmo e acorda sem se irritar. Também ajuda na amenização da cólica (*resangá*).

### 3.2.26 *Tekoseja*

Ferver a folha ou colocar na água fria para banhar, de preferência o bebê, para prevenir de algumas doenças e crescer com saúde.

**Figura 28 - *Tekoseja***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.27 *Manemby*

Queimar a casca para pintar o rosto da criança depois de completar um ano e colocar na água para banhar. É calmante e previne, para quando ficar grandinha, a criança não ficar brava ou arteira.

### 3.2.28 *Nhe'e ngatuja*

Estourar a frutinha perto da boquinha da criança para ela falar rápido. Remédio de preferência para bebê.

**Figura 29 – *Nhe'e ngatuja***



Fonte: arquivo pessoal.

As plantas medicinais, para a fase de menina adolescente são de quatro espécies: *tapiti pohã*, *ka'aova pesyi*, *nhundi'a pohã*, *xamirija*.

### 3.2.29 *Tapiti pohã*

Quanto ao *tapiti pohã*: ferver a folha e raiz para corrimento, cólica de menstruação e diminuir o odor.

**Figura 30 – *Tapiti pohã***



Tapiti pohã

Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.30 *Ka'aova pesyi*

Colocar a folha colocar na bacia com água e lavar o rosto toda manhã quando acordar, de preferência depois da fase de ficar moça. O medicamento age contra cravo e

espinhas. Se não utilizar depois de ficar mocinha, quando se tornar joven a espinha logo sai no rosto.

### 3.2.31 *Nhundi 'a pohã*

Ferver a folha e tomar o chá, para o corrimento branco da menina, de preferência a menina toma depois da fase de ficar moça.

### 3.2.32 *Xamirîja*

Socar e moer a folha e depois mastigar. Beber com água para diminuir e controlar a cólica da menstruação.

A seguir, trago as plantas medicinais utilizados para doenças comuns, em geral adultos e crianças, que conforme pesquisei somam o total de 18 espécies: *ysypo milomo*, *hova jere guasua*, *tyrey jari*, *ajaka rasy pohã*, *karoa*, *jakare pohã*, *kangue rasy pohã*, *tepytay pohã*, *ka'are*, *timboy*, *kapisero*, *jyy pohã*, *karaguata guasu*, *anhay jety*, *pikatî*, *pynô*, *hapo ju*, *mandio pyo rapó*.

### 3.2.33 *Ysypo milomo*

Para diarreia, ferver a casca e tomar o chá. O adulto mastiga o medicamento, enquanto para criança deve ser ministrada uma colher de sopa.

### 3.2.34 *Hova jere guasua*

Para diarreia, ferver a raiz e tomar o chá. O adulto deve tomar o medicamento no copo e a criança deve tomar uma colher de sopa.

### 3.2.35 *Tyrey jari*

Para diarreia, ferver folha e picar a raiz para tomar chá. O adulto deve tomar chá e a criança deve tomar uma colher de sopa.

### 3.2.36 *Ajaka rasy pohã*

Para urina, dores organismos e rins, picar a batatinha dela e ferver para tomar chá. O adulto deve tomar no chimarrão e a criança deve tomar só um copinho.

**Figuras 31 a 34 – *Ajaka rasy pohã***





Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.37 *Karoa*

Para o organismo e diarreia, ferver a raiz e tomar o chá. Recomendado tanto para adulto, quanto para criança.

### 3.2.38 *Jakare pohã*

Para diabetes, socar a folha e raiz e, depois de ferver, tomar chá. Recomendado tanto para adultos, quanto para a criança. A folha também serve para banhar e a doença não atingir.

### 3.2.39 *Kangue rasy pohã*

Ferver a raiz e passar com o pano molhado no osso doente. Tomar o chá no chimarrão.

### 3.2.40 *Tepytay pohã*

Para infecção do organismo e diarreia, ferver o bulbo e tomar o chá. Recomendado tanto para adulto, quanto para criança.

#### 3.2.41 *Ka'are*

Ferver a folha e passar também na barriga da criança, massageando, para aliviar e parar a diarreia. Adultos tomam o chá.

#### 3.2.41 *Timboy*

Para pele, em especial coceira e alergia: raspar a casca e pôr na água, para formar em espuma e tomar banho. Recomendado tanto para adulto, quanto para criança.

#### 3.2.42 *Kapisero*

Para gripes, ferver a folha para tomar o chá e tomar banho. O chá serve para aliviar gripes e o banho para preveni-los, bem como para corrimento do nariz.

#### 3.2.43 *Jyy pohã*

Para dor de cabeça, tomar banho com a folha. É recomendado tanto para adulto, quanto para criança.

**Figura 35 – *Jyy pohã***



Fonte: arquivo pessoal.

#### 3.2.44 *Karaguata guasu*

Para ossos inchados e quebrados e para lombrigas da criança. Ferver a raiz e tomar o chá, ou amassar a folha para passar na barriga da criança e no osso quebrado ou inchado.

#### 3.2.45 *Anhay jety*

Para ossos inchados, amarrar no osso a casca. Serve também para joelhos e tornozelos quebrados.

#### 3.2.46 *Pikatî*

Para picada de cobra e para a cobra não te picar também, a folha serve para tomar banho e espantar a cobra, principalmente na criança. A casca serve para amarrar na picada e até para animais de estimação serve para cachorro: se a cobra picar, amarrar a casca no cachorro até aliviar a dor e ele fica bem.

### 3.2.47 *Pyno* (urtiga)

Para dores de musculaura, passar a folha ao redor do corpo inteiro para espantar dores na musculatura. Somente para adultos.

**Figura 36 - *Pyno***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.48 *Hapo ju*

Para diarreia, ferver a raiz e tomar o chá, tanto adulto, quanto criança.

### 3.2.49 *Mandio pyo rapó*

Para dor de estômago, ferver a raiz e tomar o chá. Somente para adultos.

### 3.2.50 *Jehýi jehýi pohã*

É um cipó que serve para tratamento das pessoas com AVC. Geralmente as pessoas usam quando endurecem os ossos, pra ajudar nos movimentos dos braços e pernas.

**Figura 36 – *Jehy jehýi pohã***



Fonte: arquivo pessoal.

Finalmente, outras duas plantas medicinais que são aromatizantes e de paixão ou fazer encantamento são: *kuatija* e *ka'avotory*.

### 2.3.51 *Kuatija*

Para perfume, ferver a folha e depois coar. Depois, coloca em vidros ou no pote de perfume. Algumas mulheres utilizam somente na pessoa que gostam: passa no

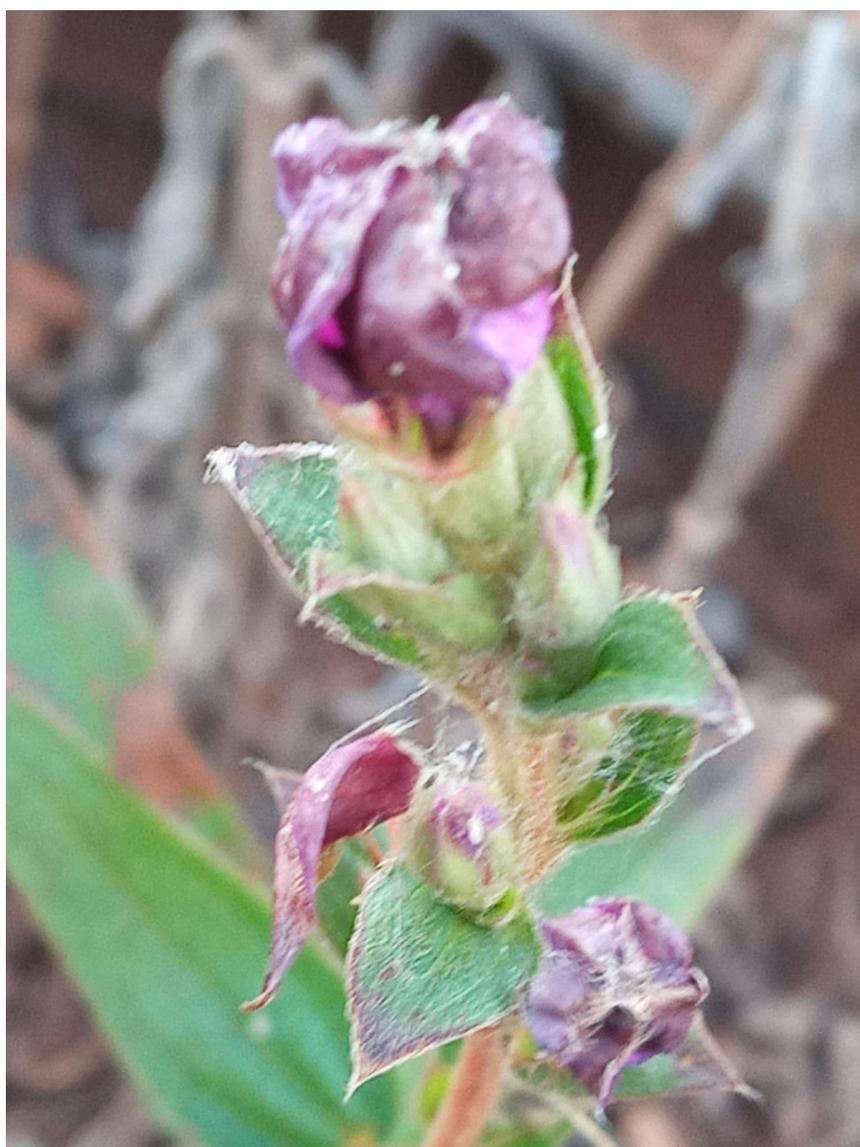
homem ou na mulher, sem perceber, para amar eternamente e ficar “louco/a” por alguém que gosta.

### 3.2.52 *Ka'avotory*

Para ser utilizada como perfume, se deve ferver a folha e coar. Colocar dentro do vidro ou no poste vazio de perfume, para ser rodeada de homens e mulheres.

### 3.2.53 *Capin pohã guasu*

**Figura 37 – *Capin pohã guasu***



Fonte: arquivo pessoal.

3.2.54 Córrego Xiru Karai *yju mirî*

**Figura 38 – Córrego Xiru Karai *yju mirî***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.55 *Juvyy mirî*

Brejo (*juvyy mirî*) da mestre Orlanda Araújo.

**Figura 39 - *Juvyy mirî***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.2.56 *Pya jere pohã*

Remédio para crianças para vômito: ferver para banhar e tomar um pouquinho de chá.

**Figura 40 – *Pya jere pohã***



Fonte: arquivo pessoal.

### 3.3 Sobre as plantas medicinais

As plantas medicinais existentes e populares no espaço sagrado do brejo (*juvyy*) encontradas em Xiru Karai são de 14 espécies: *ajaka rasy pohã*, *pohã roysã*, *pohã roysã guasu*, *araku pohã*, *nhundiã pohã*, *capin pohã*, *capin pohã guasu*, *avati roy*, *kanha braba*, *pacu pohã*, *samambai guasu*, *pariparo*, *tapiti pohã*, *kapi'í ypyju*. Essas plantas foram sendo cultivadas na produção de hortaliças. O resultado desse trabalho buscou promover e demonstrar a forma com a qual a comunidade mais a utiliza, de forma a destacá-la em alguns aspectos importantes que caracterizam o espaço do brejo

dentro da biodiversidade e dos saberes tradicionais. O trabalho buscou também apresentar para as mulheres e para aqueles que precisam de saúde alguns caminhos de acesso e, por fim, neste trabalho apresentamos um exemplo de conservação no cultivo da produção de hortaliça a importância da biodiversidade na cultura do povo indígena Kaiowá no espaço sagrado.

Para concluir este capítulo, trago as preocupações em torno da crise ambiental no *juvyy* e o comprometimento com essas espécies estudadas. O *juvyy* do espaço sagrado Xiru Kará é uma área de solo seca, mas um pouco úmida. Essa área foi a área que sofreu maior impacto da exploração antes e após a demarcação. Como esta biodiversidade sofre com as queimadas, o espaço sagrado também sofre a partir da queimada anual que ocorre. Esse risco da queimada deixa as populações Kaiowá preocupadas, pois para os kaiowá a queimada traz impactos negativos, inclusive para animais silvestres que já habitam nesse local. Por isso, esses desenvolvimentos da preservação devem avançar e reforçar no ensino na educação também, dentro da biodiversidade e na cultura tradicional, para proteger a natureza, o espaço sagrado e os territórios.

A importância da biodiversidade é a preservação, que garante a diversidade e o equilíbrio dos ecossistemas, pois a importância da biodiversidade é a base para o problema da saúde das populações. As plantas medicinais dependem também da preservação da natureza, além disso, as plantas possuem valor para a saúde, pois é a partir da preservação da biodiversidade que se garante manter esses recursos para as mulheres que buscam os remédios caseiros e que fornecem na qualidade de vida. Enquanto fonte de matérias primas para indústrias naturais e cosméticos indígenas, as plantas medicinais são também remédios caseiros que melhoram a qualidade e a saúde humana: que esses recursos naturais venham contribuir para avançar nesses conhecimentos, pois muitas pessoas precisam de tais recursos para a saúde. Além do ecossistema necessário à vida humana, as plantas medicinais são importantes também para atividades econômicas e para o bem viver. Desta forma, entender as plantas medicinais auxilia também as futuras gerações do povo Kaiowá, pois as crianças futuramente devem conhecer esse ecossistema do brejo, além dos seus remédios naturais.

## 4. OUTROS LUGARES DE SAÚDE DA PANAMBIZINHO

### 4.1 Yju Mirĩ, Yhũ e Xiru Karai

Na terra indígena do Panambizinho existem outros lugares muito significativos e simbólicos, como o Yju Mirĩ, que é um córrego pequeno, o Yhũ, e o Xiru Karai, que é o centro da aldeia, onde tem todos os seres *járy*.

O *tekoha* Panambizinho é uma terra vermelha muito produtiva. Anteriormente, era uma Mata Atlântica considerada *ka'aguy rusu*, na qual existiam muitas árvores arbóreas, animais silvestres, faunas diferentes, água nascente, pedra (como *itapory*), córrego e brejo (*juvyy*). Nesse local, a pequena comunidade vivia buscando a convivência no mato, pois o local tinha uma mata muito fechada e os Kaiowá a chamavam também de *ka'aguy hũ*: mata escura ou verde escuro: tinha muitos animais, principalmente onças e cobra, e também tinha milhões de borboletas no local. Esse era um local riquíssimo da mata e a pequena comunidade vivia ali uma vida muito rica somente de natureza, com caça e pesca: se fazia armadilha para pegar alguns animais para subsistência. Para além da convivência riquíssima, a natureza era considerada uma mata sagrada com cheio de espírito do bem e do mal, como *ka'aguy jara* no Yvy Akandire. Nesse local, viviam muitas famílias de uma forma natural e tradicional que tinha suas próprias convivências, como casa de reza e festas com dança (*kotyhu* ou *guaxirê*) e algumas famílias, quando caçava e matava um grande animal como anta, se alimentavam da principal carne entre os Kaiowá à época.

Para avisar que moram distantes, à época se avisava os parentes por uma trombeta feito de bambu para compartilhar a carne de alguns animais grandes. De igual forma, se chamava os parentes nos casos de morte de famílias para o sepultamento, então a vida na mata era uma realidade natural há muito tempo para os Kaiowá. Nessa época, o córrego de Laranja Doce era chamado, pela comunidade, de *naranhay*. Atualmente, esse córrego é conhecido pela comunidade como *narākahai* (Laranja Doce). Este local, o povo, na época, frequentava para beber, tomar banho e pescar. Além disso, a comunidade frequentava também outros lugares, como o córrego Yhũ: o chamavam assim devido à água natural. As pessoas que utilizavam esse lugar eram as famílias do mestre ancião xamã Pa'i Chiquito, a esposa Maxu e os demais familiares, que residiram nesse local e viveram ali. Até hoje, esse lugar é conhecido pela

comunidade Yhũ na área em que também fica o brejo *juvyy* no qual as pessoas buscavam utilizar. Para buscar as plantas medicinais, a principal área é o centro da aldeia, córrego nascente Yju Mirĩ, em Xiru Karai: esse córrego passa no centro da aldeia e vai até o córrego Laranja Doce, altura que é mais frequentada pela comunidade e no qual ainda é resistente o brejo *juvyy*. Hoje, esse lugar está sendo preservado pela rezadora Fineida Aquino e, antigamente, era da anciã Maxutika: ela e suas famílias viveram ali e frequentavam esse lugar para utilizar as plantas medicinais e beber a água do córrego que passava perto. Há muito tempo atrás, esse local era conhecido pela comunidade como o *juvyy* do mal: o *jara* dono desse lugar não gosta que as pessoas entrem no *juvyy*: o *jara* era bravo e, segundo os mestres na época, era necessário pedir licença para poder buscar as plantas medicinais. Atualmente, algumas pessoas frequentam esse local, mas é um lugar considerados perigoso, pois muitas cobras apareceram nesse lugar. O nome nativo do *juvyy* era Jari Tapytã e esse é o nome tradicional do *juvyy* que fica na área do centro da aldeia, na área do Xiru Karai.

Bem no centro do Xiru Karai, onde fica o brejo (*juvyy*), as pessoas e comunidades frequentam mais; esse lugar do *juvyy* é mais procurado desde há muito tempo, até hoje, pela comunidade. O nome tradicional desse lugar é Jari Aroysã, porque o dono (*jara*) é considerado, pelo povo Kaiowá, desde há muito tempo, um lugar sagrado. O dono é o espírito do bem e os mestres anciãos que acreditavam nesse lugar sagrado há um tempo atrás, quando faziam o processo de trabalho no parto, pediam para o *jara jari aroysã*, através do *nhembo'e* sagrado, mandar o espírito para abençoar a mãe que entra no processo do parto para nascer bem e rápido e para abençoar a vida da mãe também.

No território Yvy Akandire (Terra Sagrada), na natureza a mata era riquíssima e o povo, na época antiga, vivia no meio do mato: uma convivência a partir de uma realidade tradicional e religiosa. As casas eram feitas de madeira e sapé. Alguns mestres moravam na casa de reza e viviam o seu modo de viver e ser naturalmente: cultivavam seus alimentos naturais de costume, como milho branco, batata, cará, suco de milho e farinha de milho branco feito no pilão (*angu'á*, o único que eles comiam com qualquer carne de animais e peixe).

Yvy Akandire era uma mata sagradas cheia de espíritos (os *jara*) e o povo de antigamente relata que nesse lugar existiam bilhões de borboletas (*tanambi* ou

*panambi*). Dentro da cosmologia, se considerava *jy'y rymba*, ou borboletas, como animais (bichos de estimação) do arco-íris.

O *ka'aguy rusu* era a vida do povo Kaiowá. No Yvy Akandire, o povo Kaiowá fortaleceu o seu bem viver, respeitando a naturalidade do *ka'aguy jara* (dono da mata) e os seres dos elementos naturais. As tradições da comunidade Kaiowá eram renovadas, a cada ano, nas colheitas de milho branco *avati kyry*. Desde então, esse povo garantia sua tradição a cultura valorizando a reza, o canto, a dança e a festa, dentre outros rituais. Os Kaiowá viveram essa tradição porque era sua realidade natural: a alegria de viver era imensa para a comunidade, pois não existia necessidade ou dificuldade. Para além da mata *ka'aguy*, tudo era natural para os Kaiowá e tudo o que vem da natureza era o *jara* dono da mata: água, pedra, córrego. Além disso, o centro (Xiru Karai) é um lugar muito sagrado no qual existia de tudo: o *jara* da natureza, do bem e do mal e etc. A natureza do Xiru Karai é uma natureza que vive através do espírito e alguns chegaram a se comunicar com o *jara*. O xamã Pa'i Chiquito orientava os Kaiowá a respeitar esse lugar porque tem o *jara* que era mal: esse *jara* mal sempre espalhava doença, vômito, diarreia, febre e sarna brava no corpo e, às vezes, solta também o seu animal estimação, seja cobra ou até onça, pois existem milhões de animais que vivem ali através do espírito da natureza. O xamã Pa'i Chiquito visitava o dono ele falou que o *jara* do bem não espalha doença, mas às vezes solta para as pessoas animais para comer, como tatu, veado, lagarta grande, preá, e anta: os animais para que as pessoas consigam matar e comer. Apenas o xamã é capaz de se comunicar com o *jara* do Xiru Karai. Para os Kaiowá, hoje ainda é sagrado o Xiru Karai, cuja visita deve ser realizada após se fazer o *jehovasa*. A pedra que fica no Xiru Karai também tem *jara*, que os Kaiowá chamam de *itapory* (dono da pedra). Recentemente, o Xiru Karai se tornou um lugar sagrado, pois tudo o que vive ali tem um espírito naturalidade, por exemplo, o córrego (*ysyry*) é sagrado para a comunidade e cura doenças malignas: os Kaiowá deixam os fios do seu cabelo na água para nunca sentir dor de cabeça, pedindo para o *jara* esse cuidado.

Como o centro do Xiru Karai é extremamente sagrado, desde há muito tempo o povo Kaiowá, através dos xamãs, de geração em geração, veio fortalecendo e respeitando os espírito da mata, em suas diferentes formas: o *jara ka'aguy jara* (dono da mata), *mymba jara* (animais silvestres), *jara kaja'a* (dono da água), *juvyj jara* (dona das plantas medicinais), *pirá jara* (dono do peixe) e *guyra jara* (dono dos pássaro). Para os

Kaiowá tudo é *jara* e é esse elemento natural que vêm fortalecendo os Kaiowá na forma de viver na mata, com sua realidade natural e tradicional.

A aldeia Panambizinho, desde há muito tempo, veio fortalecendo a crença e a cultura natural. Para se cultivar as sementes, é necessário seguir o tempo da Lua, pois se os Kaiowá não seguirem da forma correta o cultivo na roça, as sementes naturais e os alimentos não são bem produzidos. O povo Kaiowá também acredita que quando vai cultivar plantar as sementes e ramas que dão mandioca, milho e feijão catador, se deve plantar junto com a crianças: os Kaiowá falam que como a criança ainda não passou por uma fase ruim, com seu envolvimento no momento de plantar se produz melhor. Além de todos o *jara*, para os Kaiowá precisa fazer *jehovasa* para caçar os animais silvestres também; para matar e consumir a carne existe uma regra: se a caça for boa e se conseguir pegar alguns animais, os Kaiowá devem compartilhar um pouco com as pessoas da casa. Se não contribuir com as pessoas, o dono da mata não deixa mais você caçar e será difícil conseguir a caça na mata novamente. Os Kaiowá fazem a reza também na carne antes de consumir, principalmente para criança comer. Para as meninas moça, primeiro o cacique reza na carne para depois consumir qualquer carne de animais silvestres. Recentemente, muitos da comunidade já não seguem mais essa tradição na mesma maneira que o seu povo seguia no antepassado. O *jehovasa* é considerado sagrados para o povo Kaiowá, pois é através do *jehovasa* que o espírito sagrado fortalece a alma e o ambiente onde se vive. O espírito de proteção vai com você em qualquer lugar que esteja, porque ele é um espírito que te protege de qualquer situação: protege seu caminho, protege o seu corpo; *jeovasa, jehovasa ou jajeovasa* para abençoar a alma e o caminho.

No *Ka'aguy rusu*, a mata riquíssima, os xamãs ancestrais da famílias Kaiowá incluíam Paulito Aquino, Lauro Concianza, Pakova, entres outros, que quando adolescentes fugiram vindo para esse espaço. Nesta época, eles já eram xamãs e conseguiam se comunicar com o Deus e com o *jara*; falaram para eles, através do espírito, que existia um lugar chamado *ka'aguy rusu* Yvy Akandire. Foi assim que eles fugiram da primeira guerra do Paraguai, foram ao território para buscar o bem viver e para manter viva a cultura tradicional do povo kaiowá.

O *ka'a guy rusu*, ou Mata Atlântica, era uma natureza preservada pelo dono da mata *ka'aguy jara*. As famílias Kaiowá que chegaram primeiro nesse local viram que a

mata era muito perigosa, pois era habitada por pássaros e outros animais silvestres que nunca haviam visto antes os seres humanos e nunca sentiram a sua presença. Essa famílias Kaiowá passaram no meio do mato sem medo da natureza, pois estavam sendo guiados pelo espírito da natureza para não correr o risco de perigo na mata: o *jara jahexa eynva*, que seria ninguém, vê só o Xamã conversar com eles através do espírito com o dono da mata e, assim que eles vieram para cá, foram os primeiros a chegar no *ka'aguy rusu* buscando os próprios modo de viver na natureza. Assim, os Kaiowá atravessaram a mata em busca do bem viver do seu povo, onde os xamã ou os *hexakary*, que eram grandes rezadores muito jovens, falaram para o seu povo para suas famílias que existia esse lugar, chamado *ka'aguy rusu* Yvy Akandire e que, através do espírito (o *jara*), o dono da mata falou com eles e guiou caminho para tirar do lugar em que estava o povo Kaiowá para o *ka'aguy rusu*. Nesse novo território, o lugar já preservado para o povo Kaiowá através do espírito, veio o povo Kaiowá atravessou a mata *ka'aguy rusu*. Chegando nesse local, os xamãs (*hexakary*) construíram primeiramente a casa de reza com seu povo e os grandes *hexakary* eram muito jovens, mas já eram grandes rezadores que curavam os seres humanos através da reza e do espírito; esses são os primeiros xamãs que chegaram até o *ka'aguy rusu* Yvy Akandire. Desta forma, os mencionados Pakova, Xiru Yvay, Papa, Xiru Mingue, Mbusu Ygua se tornaram os grandes xamãs ancestrais do povo Kaiowá que trouxeram seu povo no contexto da Guerra do Paraguai.

O Cerro Guasu Yvy Pyte era considerado pelos xamãs e pelos Kaiowá o centro da terra e do mundo; um lugar sagrado em que Deus (*Nhanderu* e *kurusu nhee ngatu*) criou o mundo para os seres humanos. Entretanto, para além da Guerra do Paraguai, se matava muitos homens Kaiowá. Por isso, os xamãs, através do espírito da reza, conversaram com o *jara* dono da mata e o Deus *tekojary*: perguntaram sobre como refugiar o seu povo, porque muitos do povo já tinham morrido e foi aí que o dono da mata e *tekojary* indicaram aos xamãs/*hexakary* para trazer e atravessar a Mata Atlântica juntos com seu povo Kaiowá para buscar o bem viver na natureza. A vinda foi diversa: algumas pessoas vieram fugindo da guerra e jovens com as famílias vieram com os grandes xamãs.

Desde na chegada dos Kaiowá dentro do *ka'aguy rusu*, algumas pessoas ficaram na região das fronteiras e outras se instauraram às margens do Rio Dourados. As famílias que chegaram até o Yvy Akandire eram as famílias de Paulito Aquino e Lauro Concianza; quando chegaram, tiveram que rezar muito para que o *ka'aguy rusu*, a

natureza, não fizesse mal aos seres humano. Ao Rio Dourados e sua dona, a sereia (*kaja´a*), se rezava para não soltar animais aquáticos (*jaguarû*).

#### 4.2 Outros lugares de saúde que ainda estão preservados

O *juvy* localizado na área do espaço do córrego do Xiru Karai e demais locais que desde há muito tempo foram utilizados e considerados lugar de saúde pelos povos Kaiowá de Panambizinho, é também um espaço no qual os ancestrais viveram e conviveram, conforme demonstrado ao longo desta dissertação. O *juvy* mais antigo que foi utilizado pelos povos kaiowá antigamente é o espaço Yhû: foi o espaço de saúde mais procurado pela comunidade do Yvy Akandire após os desmatamentos promovidos pela colonização agrícola. A dificuldade da comunidade Kaiowá era voltar a utilizar novamente as plantas medicinais, pois os *karai* dessa época plantavam arroz nos brejos. Neste contexto, a necessidade de buscar os remédios naturais para a comunidade foi impactada e a conservação das plantas medicinais foi, cada vez mais, desaparecendo dos locais: o produtor de arroz no brejo proibia a comunidade Kaiowá de entrar naquele espaço, devido à plantação de arroz e de outras variedades, como feijão e abóbora. Essa dificuldade de utilização das plantas medicinais foi um dos maiores problemas, principalmente para a saúde das mulheres.

Para além dos impactos na saúde da mulher, essa situação teve impacto também sobre as mestres anciãs:

Geralmente nós, mulheres, buscávamos a os remédios para o antes e pós parto; os buscávamos para mães jovens e para crianças. Para homens, a busca dos remédios estava mais ligada às dores no intestino (cuja planta indicada é *ajaka rasy pohã*), ou quando havia dificuldades em urinar. Nessa época, de procurar os remédios naturais era difícil para nós, pois quando eu e outras mulheres íamos buscar remédios no *juvy*, o “dono” do brejo nos expulsava. Depois de algum tempo, o primeiro “dono” da terra onde ficava o brejo Yhû saiu e apareceu outra pessoa, mais amistosa: era uma pessoa negra (*kambá*); ele e sua família era de trabalhadores e plantava(m) muitas sementes (Rozalina Aquino, 2023).

Atualmente, as mulheres e mestres anciãs(ãos) estão voltando a utilizar novamente as plantas medicinais, em especial aquelas/es que ainda acreditam nesse

espaço de saúde, mesmo com muitas dificuldades de resgatar novamente, hoje, esse espaço.

Quando conversei com algumas pessoas da comunidade moradora do *tekoha* foi muito interessante. Uma delas foi dona Orlanda, que é uma mestre tradicional benzedeira de crianças doentes com *kualho* virado através do conhecimento e saberes tradicionais. Segundo a Orlanda mestre (2024):

[...] eu plantei as plantas medicinais para proteger e para o uso dos remédios, para quando seus netos ficam doentes, e para suas filhas, [pois] quando elas não encontram as plantas medicinais elas vão para a aldeia Taquaperi em busca das plantas medicinais para buscar aqueles [remédios naturais] que servem para saúde.

As áreas que estão voltando a ser preservadas são as áreas do Xiru Karai e demais outros locais são: nascente Nhûí, Juvvy Xiru Karaí, Yju Mirî e Yhû.

A nascente Nhûí é uma nascente de Panambizinho que fica no local onde era o antigo terreno de 60 hectares. Desde antes e após a demarcação de terras, a nascente sempre pertenceu ao povo Yvy Akandire. O xamã Nhamôí Chiquito foi quem criou essa nascente através das rezas sagradas, porque quando eles moravam nesse local não tinha água, então o dono do Xiru Karai indicou o lugar para ele. Então, ele rezou ali e no outro dia apareceu água. Quando nasceu a nascente, até os *karai* buscavam água nesse lugar e muitos animais silvestres apareceram. Essa nascente passa pelo Xiru Karai até córrego Laranja Doce.

Existem dois locais do brejo, que são *juvyy'í* e *juvyy mirim*: o *juvyy'í* é um brejo menor. O dono/*jara* do *juvyy'í* se chama Jari Tapytây, O primeiro *juvyy'í* é localizado na área do Xiru Karai, bem na passagem do córrego do centro. Esse córrego, que passa para Laranja Doce, é um *juvyy'í* considerado muito antigo pelos Kaiowá, pois os antepassados que utilizavam as plantas medicinais nesse espaço eram mestres anciãs/ãos, dentre elas/es, a Machutica. Conta-se que o esposo de Machutica, Japiruce, viveu com suas famílias nesse lugar antes da exploração dos colonizadores agrícolas.

A antiga rezadora Machutica considerava este como o lugar de cura para a sua saúde e para a saúde de suas famílias. Machutica e suas famílias moravam por décadas neste espaço de saúde, que hoje voltou a ser preservado novamente. Mas, nesse local, o *jara* era considerado um *jara* mal, porque é um lugar considerado bem perigosos e é

considerado arriscado visitar esse espaço. Para procurar remédio nesse local, é preciso muita coragem devido aos animais que habitam nesse espaço, principalmente cobras. Além do espaço fechado com área de capim do brejo, o córrego recentemente está voltando a ser frequentados e preservado novamente.

O antigo *juvyy'í* agora pertence à rezadora Fineida Neuza Aquino. Hoje, ela é mestra rezadora do *tekoha* de Panambizinho. O *juvyy'í* que fica na terra onde ela reside recentemente está sendo preservado por ela, inclusive o córrego está sob os cuidados dela. Após muito tempo, esse espaço votou a ser frequentado por algumas famílias à procura de plantas medicinais. As mulheres já chegaram a procurar ela tais plantas, pois hoje ela é guardiã das plantas medicinais. Até mesmo *karai* e de outras aldeias procuram por ela para fazer os remédios caseiro.

O *juvyy mirî* era de um povo Kaiowá muito antigo. Os ancestrais que residiam aqui eram as antigas mestras anciãs Jari Caetana e Jari Tari. As famílias residiram aqui desde antes da colonização no local. Esse local pertencia os antigos mestres e existia até a mina nascente, na qual as famílias de Jari Caetana e Jari Tari consumia a água para beber e banhar. Os lugares eram bem conservados e naturais, motivo pelo qual as/os antigas/os viveram nesse espaço de saúde.

O *juvyy mirî* fica no local da Laranja Doce, perto do atual Pinguela. Hoje, esse espaço pertence a uma mestra e curandeira de crianças de Panambizinho, Orlanda Araujo. Ela é uma mestra que cura criança doente com coalho virado e é também guardiã das plantas medicinais. Hoje, o *juvyy mirî* pertence ao local em que ela reside e está preservando, pois busca as plantas desse local para o uso dos remédios naturais para seus filhos, netos e para aquelas pessoa que procuram por ela.

O povo Kaiowá, além das tradições, vêm fortalecendo a reza sagrada e os rituais sagrados nas suas culturas, como no batismo de milho branco (*jerosy puku*), no canto (*nhemboe*), na dança (*jeroky*), na reza para festa do *tembetá kunumi pepy* e na reza para fazer menina moça (*mitã kunãtai*). Apesar das culturas, o povo Kaiowá veio mantendo, junto com a cultura e os recursos naturais, a roça (*kokue pygua*) e alimentos naturais, como milho branco (*avati moroti*), batata doce (*jety*), banana (*pakova*), mandioca (*mandio*), abobora (*andai*), feijão catador (*xaî*) e milho (*avati*). Junto com essas cultura, os Kaiowá têm fortalecido também a caça e pesca (*marika ha pirapoi*).

O povo Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire sofre de grandes desafios e dificuldades, mas vem fortalecendo e mantendo a sua própria roça (*kokwe*), o que promove o bem viver da comunidade Kaiowá, que são alimentos naturais e alimentos típico de cada famílias, como milho branco (*avati moroti*), milho amarelo (*avati sayju*), batata branco e batata roxa (*jety asaí, jety pytã*), feijão catador (*xa'í*), mandioca, abóbora, banana, cará e entre outros alimento razoáveis: esses são alimentos naturais das famílias, colhidos todos os anos pelos Kaiowá. Nesse sentido, Brand, Colman e Costa (2008, p.172) afirmam que: “Todos necessitam, certamente, de proteção, segurança alimentar, saúde, afeto entre outras demandas”.

Algumas pessoas da comunidade que acreditam e que utilizam tais plantas ainda o fazem dentro das suas casas, a partir do remédio que ainda é existente dentro da comunidade. Algumas famílias plantam no entorno das suas casas para proteger e cuidar, assim, quando alguém precisar só pegam o remédio da suas próprias casas para utilizar, por exemplo, em crianças e mulheres gestantes que utilizam tais medicinas antes e após o parto, o *kunhã pohã* (remédio da mulher). Nesse sentido, há:

[...] profunda interdependência entre o mundo da natureza, dos vegetais e dos animais, e o mundo dos humanos e a concepção da natureza como algo vivo com quem se interage a se estabelece uma comunicação constante, apoiada numa visão cosmológica integradora (BRAND; COLMAN; COSTA, 2008, p. 173).

A ciência indígena no *tekoha* Panambizinho Yvy Akandire é um conhecimento de muitas origens e conservação da natureza. Atualmente, muitas pessoas ainda vão em busca das plantas medicinais no Xiru Karai, na nascente (*yvu*), Yhũ (córrego preto) e Narankã Háí (Laranja doce).

A comunidade também faz a busca do remédio em outra aldeia atualmente isso está acontecendo muito devido a exploração por falta de plantas medicinais; de outra aldeia, a pessoa faz essa busca por dinheiro, isto é, ela traz a encomenda mas pelo dinheiro e isso é um problema cada vez maior também dentro da terra indígena. Devido a isso, os problemas de saúde dos Kaiowá estão crescendo.

As rezadoras e anciãos são as pessoas que ainda garantem o respeito e a valorização dos conhecimento Kaiowá através dos saberes; elas/es têm observado muito a exploração dentro da aldeia e com essa preocupação elas/es acreditam que a saúde do Kaiowá tem sido prejudicada, principalmente a saúde das mulheres e das crianças.

Futuramente, se ninguém valorizar essa preservação e deixar de utilizar as plantas medicinais, é possível que a vida do povo Kaiowá fique em risco, porque as plantas medicinais vão mesmo desaparecer: são o *járy* (dono da mata), o *juvy* (lugar da vida) e *tesã renda* (onde os antepassados viveram).

A comunidade Kaiowá de Panambizinho *ka'aguy rusu Yvy Akandire* é um território que vem de muita luta e tem muitas histórias e conhecimento. É o local no qual tem o seres espirituais, água (*y*), pedra (*itapóry*), córrego (*ysyry*), plantas medicinais (*juvy pohã nhana*), dono da água (*tatu guasu*) e água amarela (*yju mirĩ*). Toda essa natureza é existente ainda no *tekoha*, onde a população kaiowá deve preservar e fazer dessa uma área de recuperação para proteger e cuidar do meio ambiente, na etnociência indígena do kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire. É importante recordar que:

O confinamento dos kaiowá e Guarani não significou apenas perda de terra de ocupação tradicional e conseqüentemente problemas para satisfação de suas necessidades e demandas por proteção, segurança alimentar, saúde, entre outros, mas impôs-lhes profundas transformações em relação a sua organização social e essas refletem-se na sua relação com o sobrenatural. Gerou um desequilíbrio nas relações entre o mundo dos homens e a natureza, desequilíbrio esse atribuído pelos índios não tanto aos problemas decorrentes da excessiva exploração dos mesmos recursos nas poucas terras que ocupam, mas às dificuldades na relação com o sobrenatural (BRAND; COLMAN; COSTA, 2008, p. 173).

Assim, a exploração é a grande preocupação, para que essa área seja como uma área protegida através da preservação da natureza e das plantas medicinais, onde a população dos Kaiowá ainda buscam para o uso dos remédios caseiros para suas famílias. Dessa forma, venho aqui para introduzir e desenvolver o fortalecimento das plantas medicinais existente no *juvy* através da preservação e recuperação para o bem viver e o ser do povo Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire.

#### **4.3 Saberes e conhecimento tradicionais**

A aldeia Panambizinho Yvy Akandire tem o conceito de conhecimento a partir da cosmologia e dos saberes tradicionais Kaiowá. O território no qual a população vive é cercada de exploração da monocultura de soja, mas a comunidade Kaiowá, através dos

conhecimentos, vem permanecendo e valorizando a língua materna e sua tradição. Existem vários conhecimento e realidades que, hoje, a comunidade Kaiowá tem passado, como a situação de não conhecer mais as suas próprias etnociências Kaiowá: hoje, esse é o maior problema que existe dentro dessa realidade na qual os Kaiowá vivem. Mas, muitas pessoas também ainda respeitam essa culturalidade de sua crença e dos seus antepassados. Os recursos naturais da aldeia tem que ser valorizados e respeitados, segundo a entrevista da anciã Rozalina Aquino, de 73 anos:

A vida e a cultura agora, hoje, são difíceis para comunidade, devido a essa plantação de soja e milho. Nós, que acreditamos ainda do nosso saber, ainda utilizamos o uso das plantas medicinais e plantamos, buscamos. Fazemos um pedido de se não achar os remédios aqui, manda trazer: é assim que nós vamos saber valorizar o nosso conhecimento e não acabar e não deixar de o uso do remédio caseiro (Aquino, 2022).

Portanto, nas comunidades, algumas buscam uma solução para o bem ser e o bem viver dentro da comunidade, de plantar na roça os alimentos naturais e típicos, bem como algumas plantas medicinais. Segundo Benites et al. (2017, p. 56):

O reconhecimento de plantas medicinais representa, às vezes, o único recurso de tratamento de muitos grupos étnicos e algumas comunidades, pois o uso de plantas no tratamento e cura de doenças é uma prática muito antiga utilizada pela humanidade desde muito tempo.

A realidade da aldeia Panambizinho Yvy Akandire é que hoje algumas pessoas ainda conseguem plantar poucas coisas e buscam, ainda, no Laranja Doce/*juvy* as plantas medicinais e mudas de árvores para plantar nas suas casas. As mulheres, que não deixaram de utilizar o uso do remédio caseiro, buscam tais remédios porque a vida das mulheres é de suma importância, principalmente na adolescência, momento no qual o corpo feminino está na transição da fase de menina para se tornar mulher. Neste momento, é necessário esse conhecimento para saúde, por exemplo, para o momento de se tornar mãe ou enfrentar outras doenças comuns, mentais físicas. A aldeia tem vários problemas também, como falta de água e estradas sem manutenção adequada; por falta de água, muitas famílias a buscam do córrego, da nascente do Xiru Karai ou de outros córregos da área da aldeia onde fica o *juvy*/Laranja Doce. O conhecimento e saberes do povo Kaiowá mantêm, ainda, as épocas de plantar e colher: é necessário saber o calendário indígena Kaiowá, pois os Kaiowá não plantam em qualquer época, senão as

plantas não desenvolvem bem, devido às geadas, chuva e muito sol. Esses saberes também são de suma importância para comunidade Kaiowá, pois a comunidade acredita que, dentro dessa cosmologia de conhecimento, tem todos os seres (*járy*). Segundo Benites, et al. (2017, p. 57):

As plantas são muito importantes para a sobrevivência da espécie humana, sendo ela, tradicional ou não, embora o seu valor possa variar de espécie para espécie nos diferentes momentos de sua história, atualmente tem se procurado determinar o valor do uso de plantas nas diferentes populações indígenas existente no Brasil e nos outros países para obter-se informações sobre suas práticas na tribo e também no meio ambiente onde as plantas são encontradas.

O Xiru Rysy (*mitã kueravy*) é o centro da terra e da vida tradicional do mundo onde vive do *ka'aguy rusu* Yvy Akandire: é o centro do batismo religioso para todos. Dentro dessa cultura, hoje, a igreja religiosa já existe na comunidade. Algumas pessoas já participam desse espaço e outras pessoas não, mas por respeito à comunidade se valoriza a língua materna, respeitando os elementos religiosos de cada um. A cultura tradicional é o que o povo valoriza mais, garantindo os saberes para o bem viver do *tekoha* Panambizinho.

A exploração do meio ambiente do Yvy Akandire, nascente, Xiru Karai e demais áreas do *tekoha* Panambizinho é uma preocupação grande. Essa situação se alinha ao diagnóstico de Benites et al. (2017, p. 57), quanto destacam, diante da exploração do meio ambiente: “[...] a importância que os povos tradicionais desempenham no fornecimento de informações sobre as diferentes formas de utilização e manejo na exploração dos ambientes naturais enquanto forma de sustentação desses povos”.

Mas, os problemas têm se agravado, tanto na área da saúde, quanto na educação, e a dificuldade da preservação e recuperação é bem maior para o povo Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire. Novamente, conforme os autores:

[...] Precisa se fortalecer os saberes desses povos no que se refere ao uso desses recursos naturais, e ainda nesse aspecto, muitos autores tem proposto a valorização do uso de plantas com a finalidade de apontar espécies e famílias mais utilizadas pela população humana no universo vegetal. Outro aspecto que demonstra uma grande capacidade para a apropriação de elementos envolvendo práticas culturais utilizando plantas com fins curativos acontece através do

xamanismo indígenas têm e que utilizam dentro de sua sociedade envolvente (BENITES et al, 2017, p. 57).

A pesca e a caça são os costumes de cada família dos Kaiowá; o povo Kaiowá é um povo de origem rica dentro de tradição poucas número de pessoas. O desenvolvimento na comunidade é um conceito construído no *tekoha* de Panambizinho Yvy Akandire, a partir do bem estar e o ser do bem viver, de forma que os projetos de desenvolvimento deverão ser para o bem viver e o ser do bem viver do povo Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire, para que se desenvolvam a partir de melhoria das pessoas, tanto em sua condição de saúde, quanto na educação escolar. Esse conceito de desenvolvimento surge a partir da importância de melhoria da vida e da saúde desse povo, o que inclui a centralidade dos recursos naturais e da cosmologia. Desta forma, tradições culturais são elementos particularmente relevantes na natureza nos conhecimentos Kaiowá, dentro do bem estar e do bem viver da população indígena e da tradicional. Diante da exploração, o *tekoha* de Panambizinho necessita, certamente, de uma proteção de respeito na preservação da biologia dentro da cosmologia e conhecimento na saúde dos Kaiowá. Historicamente, as populações têm construído a vida do bem viver na dificuldade de recursos naturais, em espaço onde vive de valores próprios nas visões de conhecimentos na cosmologia, fortalecendo a importância da saúde indígena com a utilização e do uso das plantas medicinais.

As concepções de natureza dos conhecimentos dos Kaiowá compreendem a biologia orgânica dentro da cosmologia indígena: o batismo de milho branco (*avati moroĩ* ou *avati kyry*) é um batismo/cerimônia sagrado e respeitado pela comunidade Kaiowá; é um batismo/cerimônia principal para sementes típicas e naturais que se relaciona com plantar e colher. Este é o único de todos os alimentos naturais. Junto com este, todos os alimentos naturais são plantados e colhidos pela comunidade Kaiowá; é uma organização social dentro da religiosidade sagrada da realidade tradicional.

Os Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire acreditam que dentro da cultura os seres que foram desmatados são uma semente que nasce de novo, mesmo que a exploração é maior a terra seja *ka'aguy renõi*, ela se produzirá novamente porque é um ser elemento da natureza. Para Brand, Colman e Costa (2008, p. 177) os Kaiowá, em todos os sentidos, “constroem-se e reconstroem-se ao longo do tempo”. Assim, é no *juvyy*, pois ele tem os seres *járy*, que se reconstrói os sentidos todos: mesmo com a

queimada o brejo se reproduz novamente, a partir de ser o seres dentro da água. A natureza tem seu próprio protetor é um sobre natural.

Na visão dos Kaiowá, os seres *járy* todos voltam como os pássaros e animais silvestres. Quando se planta as plantas medicinais em casa, o *járy* tem que te escolher: se não te escolher para cuidar, as plantas medicinais morrem, assim também as outras espécies que, se não se souber cuidar, morrem todas. Esse é o conhecimento da cosmologia kaiowá de Panambizinho. Yvy Akandire: “Então o dono do mato vai ser a mesma coisa, ele vai ficar alegre porque está reflorestando, o pedaço que foi perdido, tá crescendo, ou está consertando algo que foi estragado” (Brand, Colman, Costa, 2008, p. 176).

Dentro da cosmologia, o *juvyvy pohã nãna* foi criado pela *nhandesy*, há muitos anos atrás. Igualmente dentro da cosmologia, *nhempyru ramo guare*, a *nhandesy* (Nossa mãe) criou e plantou nesse lugar e colocou o nela nome de *juvyvy*, que é a palavras dos Kaiowá. Ali, nesse lugar, ela plantou os remédios caseiros para toda a população indígena, que até hoje servem para sociedade não indígena. Nesse sentido, a antropóloga Lúcia Pereira, Kaiowá de Amambai, traz em sua pesquisa o seguinte relato:

Naquela época, as práticas eram rígidas, o resguardo da mulher após o parto era muito importante. As parteiras utilizavam as plantas para massagear a barriga, todos os dias de manhã e à tarde faziam isso também, assim “os bichos” não cheiravam a criança e a mãe. As mulheres se banhavam com um remédio chamado mba’etihã, (plantas que cheiram mal). Apesar do odor, as gestantes encontravam facilidade para seus bebês nascerem. Também utilizavam o *yvychĩ* e *yvychĩ guasu*, ela falou que essas plantas são encontradas no brejo, e também podem ser encontradas no cerrado. A planta do brejo é para a mulher beber, e do cerrado é para ela se banhar, e assim a criança pode nascer rápido e sem dor (PEREIRA, 2020, p. 322).

Desta forma, as plantas medicinais fazem parte da vida e das histórias que hoje não podemos deixar morrer; elas existem naquele lugar, embora agora muitas pessoas não consigam valorizar. Está sendo difícil, mas algumas pessoas que buscam os cuidados para suas famílias buscam utilizar e plantar na área da casa, porque acreditam e respeitam. Benites et al. falam da diminuição do etnoconhecimento: “este etnoconhecimento de plantas medicinais tem diminuído entre os povos indígenas. Isso acontece em virtude da degradação ambiental e a intrusão de novos elementos culturais” (BENITES et al., 2017, p. 57). Para estes autores:

Esse conhecimento sobre plantas medicinais vem diminuindo devido ao grande uso de remédios farmacêuticos nas aldeias indígenas; o uso exagerado de medicamento industrializados compete e leva ao abandono de práticas tradicionais. Os medicamentos são fornecidos gratuitamente pela farmácia do polo da Fundação Nacional de Saúde (Funasa) que é responsável pela saúde indígena no Brasil atualmente, alguns são comprados em farmácias, mercado e vendas dos municípios. (Benites et al, 2017, p. 58).

As mulheres Kaiowá que possuem os saberes através dos conhecimentos cuidam das plantas medicinais para a saúde dos seus netos para a vida. Hoje, observamos que na comunidade as pessoas que ainda utilizam os remédios caseiros o tomam até ficar bem e, se não melhorar, procuram o atendimento dos profissionais da saúde e assim, juntos, acreditam que a saúde é de suma importância.

Algumas pessoas da comunidade que tem sua terra no local da área do brejo estão começando a fazer daquela uma área de preservação das plantas medicinais que estão voltando a brotar e florescer novamente, pois muitas plantas medicinais estão voltando a recuperar devido a queimada e exploração. Iracy Benites também observou que “Atualmente está diminuindo o interesse dos jovens em conhecer os saberes de sua cultura no que se refere ao uso de plantas medicinais” (BENITES et al., 2017, p. 58)

Esses problemas e preocupações existem em todos os locais da aldeia no *tekoha*, mas a preocupação é grande diante da exploração. A a comunidade Kaiowá, diante dessa situação, deve considerar os conhecimentos tradicionais, valorizando e construindo o saber do bem viver das plantas medicinais e a garantia da preservação para as futuras gerações. De acordo com Chamorro (1995, p. 18 apud BRAND, COLMAN e COSTA, 2008, p. 178), a partir das sementes: “as crianças são como as plantas, são como as sementes [...]. Enquanto as crianças crescem, no mundo há esperança. Quando isso acontecer, os homens podem plantar milho, mas este não dará fruto”.

A comunidade Kaiowá busca, com as observações de compreender a cura da saúde, que é a fonte da saúde e de conhecimentos, a importância do povo tradicional e do meio ambiente das plantas medicinais *juvy*, que são encontradas naturalmente dentro da biodiversidade. Os saberes tradicionais indígenas Kaiowá mantêm o recursos naturais no conhecimento culturais envolvendo práticas de etnoconhecimento de plantas medicinais. O *juvy* do *tekoha* Panambizinho Yvy Akandire é o conhecimento popular

sobre o uso dos remédios caseiros, mas, com o tempo de hoje, muitas pessoas deixaram de o utilizar devido à exploração e queimada e ninguém se preocupa mais na área da saúde indígena. Essa é a realidade e estes são os conhecimentos, dentro da biologia, do uso das plantas medicinais do *tekoha* Panambizinho Yvy Akandire.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo as pesquisas nesta dissertação a partir das realidades dos Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire, Terra Sagrada, do espaço das plantas medicinais *juvyy* (brejos) e dos saberes tradicionais dentro da cosmologia do dono da mata (*jara*), observamos que as plantas medicinais estão voltando a serem conservadas novamente. É possível ver que ainda existem vários problemas relacionados à conservação das plantas medicinais, mas os locais das áreas do *juvyy* estão voltando na fase de recuperação. Para os conhecimentos das plantas medicinais, de acordo as/os mestras/es anciãs/ãos, existe uma forma de conservá-las novamente: não queimar a área do *juvyy* e buscar conservar naturalmente as plantas nos locais onde residem, para que as futuras gerações voltem a compreender novamente os uso dos remédios naturais.

Que este trabalho de desenvolvimento, a partir da valorização, seja uma forma de registrar e garantir a preservação das plantas medicinais no espaço pela via da conservação e cultivo, para que as plantas medicinais possam ser utilizadas novamente pelas comunidades, principalmente pelas mulheres e crianças que são afetadas cada vez mais por problemas da saúde.

De acordo com os objetivos do trabalho, pudemos observar também a diminuição do reconhecimento das plantas medicinais entre os jovens sobre o uso e na preservação das plantas, pois sabemos que o povo do Yvy Akandire estão convivendo em realidades muitos diferentes, devido aos postos de saúde da SESAI. Com isso, o desinteresse, principalmente dos jovens, de conhecer novamente as plantas medicinais preocupa as/os mestras/es rezadoras/es e alguns moradores que residem nos locais. Por isso, venho introduzir este desenvolvimento de plantas medicinais ao colocar em prática esses conhecimentos de cultivar, conservar e coletar nos locais onde se reside. Que o reconhecimento das plantas medicinais venha a ser incentivado no ensino da educação junto com os saberes tradicionais, pois os problemas de saúde se encontram a cada dia dentro da comunidade.

Que esse processo de produzir a partir da conservação e voltar a utilizar o espaço das plantas medicinais novamente se realize. Recentemente, as plantas medicinais estão voltando a ser reconhecidas e fortalecidas; que seja desenvolvido, no

processo educativo, a valorização cultural dos Kaiowá para que futuras gerações venham novamente a favorecer os seus próprios remédios naturais e para que as plantas medicinais permaneçam no seu *habitat* riquíssimo e popular. A partir das plantas medicinais e do trabalho direto do brejo (*juvy*), realizei uma catalogação as espécies das plantas nativas e naturais, de forma a promover o cultivo e a conservação da produção de hortaliças juntos às demais outras plantas medicinais que servem para a saúde. As plantas medicinais que estão sendo catalogados e produzidas nos canteiros são aquelas que os povos Kaiowá mais utilizam para a saúde, de forma que este trabalho é um processo do início da preservação das plantas medicinais por objetivos de utilização das plantas para as pessoas da comunidades que ainda buscam os remédios naturais e que venham a sustentar cuidar principalmente das mulheres, crianças e idosos. Os idosos, em particular, não conseguem mais entrar no *juvy* devido à idade avançada, portanto o desenvolvimento desse recurso natural, futuramente, pode vir a trazer uma boa solução para as futuras gerações da comunidade Kaiowá. Desta forma, a conservação busca também resolver problemas de saúde, pois devemos priorizar a nossa saúde e a saúde de todos os seres humanos. Mesmo com os problemas da monocultura de soja e milho dentro do Yvy Akandire, é necessário ser preservar e respeitar as plantas medicinais, pois os remédios naturais foram dos antigos povos ancestrais. Por isso, venho aqui introduzir e colocar em práticas esses valores da histórias dos povos Kaiowá de Panambizinho, terra sagrada Yvy Akandire.

Durante o desenvolvimento desse trabalho, observamos que a preservação da natureza do *tekoha* de Panambizinho Yvy Akandire e dos saberes tradicionais do bem estar na saúde indígena Kaiowá, tanto na educação, quanto na saúde do povo Kaiowá, se destaca através dos conhecimento e saberes tradicionais sobre plantas medicinais *juvy* (*tesaĩ renda*) da Aldeia Panambizinho. Observamos que há muita exploração e dificuldade da comunidade, por exemplo é possível ver a preocupação que as plantas medicinais existentes sejam investigadas e resgatadas, apesar da exploração. É possível fazer daquela uma área de reconhecimento e garantia da biodiversidade do Meio Ambiente para priorizar o valor dos remédios caseiros. O *juvy* é um saber tradicional que faz parte todos de todos os seres *járy*, portanto é necessário garantir, pela comunidade Kaiowá, a valorização do território sagrados na comunidade Kaiowá de Panambizinho Yvy Akandire, porque esse é local no qual o povo Kaiowá vive. É necessário que o *juvy* seja respeitado, valorizado e garantido em sua importância

dentro da comunidade para que junto com a educação e saúde seja priorizado e utilizado novamente para o povo, em especial na saúde das mulheres (*kuña pohã*) e para a comunidade.

Observamos que a saúde afeta o povo Kaiowá e, por isso, essa pesquisa promove o fortalecimento da preservação do *juvyy*, do bem estar da natureza e do bem viver na saúde indígena Kaiowá. Desta forma, as plantas existentes devem ser fortalecidas para que o povo Kaiowá compreenda a autonomia dos remédios caseiros dentro da preservação e o meio ambiente de todos os seres no *tekoha*. Junto com a educação, a pesquisa dialoga e respeita a biodiversidade das plantas medicinais ainda existentes no local da aldeia, na perspectiva indígena Kaiowá pelo fortalecimento que garante o respeito, a recuperação e a preservação da natureza dentro da área existente, como as plantas medicinais do *juvyy*.

Juntos, a autonomia dos remédios caseiros, os recursos naturais e a agroecologia garantem a sobrevivência da comunidade Kaiowá, fortalecendo o bem viver e o ser na comunidade, privilegiando a valorização da preservação da natureza. Neste espaço, a exploração e o desmatamento vêm causando impactos na terra, na nascente e em todas áreas, prejudicando o *tekoha* antes e após a demarcação. Mas, mesmo com esses problemas, a comunidade prioriza o bem viver e busca estratégias de como voltar a resgatar o meio ambiente. A partir da Etnociência e da cosmologia, apesar de o *tekoha* Panambizinho Yvy Akandire estar cercado de monocultura, é importante registrar o conhecimento sobre as plantas medicinais, fortalecer e priorizar o levantamento da preservação da natureza e fazer a recuperação do *juvyy*, espaço no qual existem todos os seres *járy*. Com essa preservação, é importante garantir o reflorestamento das matas ciliares das nascentes, do córrego Yju Mirĩ e, com isso, tudo o que serve para utilizar, em termos de plantas medicinais, à saúde da comunidade indígena do Yvy Akandire Panambizinho.

No *juvyy* (*tesaĩ renda*) do *tekoha* de Panambizinho, observamos que diante da exploração dos recursos naturais, o conhecimento e os saberes tradicionais continuam como realidades culturais Kaiowá. Apesar da destruição através da exploração dentro do território da aldeia, tem se analisado hoje a recuperação diante da exploração da queimada e da agrotóxico de monocultura. O local está buscando desenvolver novamente as plantas medicinais, que estão voltando a reflorescer, se reproduzindo

naquela área do *juvy*, nascente, Yju Mirĩ, Xiru Karai e Yhũ. Na área da Laranja Doce após a queimada, a população, diante da exploração está voltando a reconhecer, valorizar e compreender as plantas medicinais. Observamos que algumas pessoas têm plantado na casa para o bem da saúde da famílias e, através do conhecimento tradicional, os Kaiowá buscam utilizar os remédios caseiros.

A importância dessas práticas junto à comunidade pode vir a fortalecer e garantir a preservação do *juvy* no território do *tekoha* de Panambizinho. O material desenvolvido nesta dissertação oferece um material que pode desenvolver o ensino escolar para futuras gerações indígenas e para que os jovens de Panambizinho incentivem os conhecimentos dessas práticas religiosas de suas culturas tradicionais diante da exploração. Desta forma, a dissertação busca garantir a preservação que onde se encontra dos problemas de desmatamento no local da aldeia.

Ainda, com essa pesquisa, se espera que o *juvy* (brejo) de Panambizinho seja objeto, dentro da educação básica no ensino de ciência e da biodiversidade, para promover e incentivar os alunos da escola municipal indígena Pa'i Chiquito - Pedro sobre a importância das plantas medicinais no espaço em que o brejo existe, em uma área de vegetação úmida; que este trabalho venha a contribuir e desenvolver, dentro do ensino na escola indígena, a valorização desse conhecimento e da importância de utilização das plantas medicinais na aprendizagem.

Dessa forma, a escola, junto aos saberes, pode fortalecer a preservação da natureza do brejo que reside naturalmente no espaço sagrado, esse grande conhecimento das plantas medicinais. Que seja um sistema próprio de utilização dos recursos naturais na escola, no bem estar como o bem viver dentro da saúde. Que os alunos do Pa'i Chiquito, de geração em geração, venham a fortalecer a preservação do *juvy* e a respeitar e garantir o meio ambiente e vegetação do *juvy*. Que a preservação da natureza permaneça no local da aldeia, pois as plantas medicinais são um recurso vegetal para o bem estar e saúde da sociedade humana. Que esse desenvolvimento venha a promover, no ensino e na aprendizagem, o conhecimento de compreender a importância da utilização dos remédios caseiros e a importância da preservação do brejo dentro do meio ambiente e biodiversidade, pois esses conhecimentos naturais e populares também contribuem de forma significativa na cura da saúde humana. Que as plantas medicinais, de alguma forma, sejam representativas para a geração dos alunos,

assim como os remédios caseiros são do seu povo e o *juvyy* é o lugar de saúde dos seres humanos desde há muito tempo. Que de geração em geração se venha a observar e considerar a importância das plantas medicinais, bem como o uso do remédio caseiro a partir da conservação e cultivo e a importância dentro do estudo desse conhecimento junto ao povo indígena Kaiowá.

O desenvolvimento dos processos educativos no ensino de ciências no brejo foi a proposta do presente trabalho, em específico aquele relacionado ao uso das plantas medicinais e do brejo para promover uma aprendizagem significativa. Desta forma, se buscou analisar o meio ambiente em que este espaço existe para conscientização sobre a importância da preservação do brejo nos locais da aldeia, bem como garantir a proteção, fortalecer e valorizar o *juvyy* sagrado. Nesse espaço, existem ainda os remédios caseiros do povo Kaiowá, que devem ser protegidos principalmente da queimada, que acontece a cada ano no ambiente seco. Diante dos problemas da saúde dos seres humano e da preservação da natureza, esse trabalho vem construir novamente, dentro da educação e dos saberes tradicionais, o valor e a importâncias do brejo (*juvyy*) e das plantas medicinais no espaço sagrado.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Rozalina. Anciã, 73 anos, 2022 (em conversa pessoal). [Entrevista cedida a Aquino Concianza]. TI Panambizinho, Dourados, MS.

BENITES, Iracy Lima *et al.* As plantas medicinais e o ensino da botânica na aldeia Amambai. In: SEGALLI, Andréia; LADEIA, Elaine, Da Silva, BENITES, Eliel; PEREIRA, Zefa (orgs.). **tekoha ka'aguy**: Diálogos entre saberes Guarani e Kaiowá e o ensino de Ciências da Natureza. Jundiaí: Paco editorial, 2017.

BRAND, Antonio J.; COLMAN, Rosa S; COSTA, Reginaldo B. Populações indígenas e lógicas tradicionais de Desenvolvimento Local. **Interações**, Campo Grande, vol. 9, n. 2, 2008, p. 171-179.

CHAMORRO, Graciela. Dicionário Kaiowá-Português. Belo Horizonte: Editora Javali, 2022. Disponível em: [www.editorajavali.com.br](http://www.editorajavali.com.br). Acesso em abr. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico, 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

MACIEL, Nely Aparecida. **História da Comunidade Kaiowá da aldeia Panambizinho (1920-2005)**. Dourados: Editora da UFGD, 2012. Disponível em: <https://omp.ufgd.edu.br/omp/index.php/livrosabertos/catalog/book/118>. Acesso em: mar. 2024.

PEREIRA, Lúcia. Aprendizados com as ñandesy e parteiras Kaiowá e Guarani. In: BASTA, Paulo. **Pohã Ñana**: ñanombarete, *tekoha*, guarani ha kaiowá arandu rehegua/**Plantas medicinais**: fortalecimento, território e memória guarani e kaiowá. Recife: Fiocruz-PE, 2020.

VIETTA, Katya. **Histórias sobre terras e xamãs Kaiowá**: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowá de Panambizinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. 2007. 512 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.